



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Flávia Schettino Marques Gomes

**A Guerra do Pacífico, o Combate Naval de Iquique e a construção do nacionalismo
chileno nas páginas do jornal *El Mercurio de Valparaiso* (1879-1884).**

Belo Horizonte, 01 de abril de 2016.

Flávia Schettino Marques Gomes

A Guerra do Pacífico, o Combate Naval de Iquique e a construção do nacionalismo chileno nas páginas do jornal *El Mercurio de Valparaiso* (1879-1884).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História, Tradição e Modernidade.

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas.

Orientadora: Profa . Dra . Adriane Vidal Costa.

Belo Horizonte

Março de 2016

Para Pedro e Letícia que fazem a minha história mais completa.

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível se não fosse o apoio e o incentivo daqueles que me acompanharam durante esta jornada árdua. Entre risos, lágrimas e muito suor completo este caminho na certeza de que as pessoas são o melhor que temos nesta vida.

Agradeço à Deus por ter me sustentado com bondade e graça, durante a minha trajetória.

Agradeço especialmente aos meus dois maravilhosos filhos, Pedro e Letícia, que com muito amor, carinho e paciência estiveram comigo nos bons e maus momentos. Agradeço pela compreensão durante as minhas ausências, as minhas viagens e os intermináveis momentos em que deixei de desfrutar da companhia deles para me debruçar em livros e fontes.

À minha mãe, que infelizmente não poderá assistir ao desfecho deste desafio, agradeço por todos os princípios e valores que nortearam a minha vida. Ao meu pai, que me ensinou a pensar, algo que reputo como um bem muito valioso.

Agradeço também ao Samuel, Daniela e Cláudio pela acolhida e carinho durante as minhas diversas viagens feitas à Santiago do Chile a fim de pesquisar. Sem vocês o meu caminho seria solitário e tortuoso. O meu amor pelo Chile começou nas infindáveis conversas durante a madrugada, regada sempre por um bom vinho.

Às minhas amadas amigas Flávia, Marcelle, Carolina e Daniele que sempre acreditaram no meu potencial e nunca me deixaram desanimar. Faço ainda um agradecimento especial à Flávia pelos dias maravilhosos que passei estudando em seu “real gabinete de leitura” e por todo o sossego e conforto que me foi proporcionado enquanto fui sua hóspede.

Agradeço muitíssimo a Patrícia por todo o apoio e suporte técnico, além das orações e desabafos nos momentos mais difíceis. Lembro também do Mário que desde o princípio acreditou que seria possível, bem como as queridas Rachel, Rebekah e Hannah que acompanharam a minha caminhada de perto.

Ao amigo Luís Filipe que começou este sonho junto comigo, me incentivando a dar este grande passo em direção à minha realização pessoal. Ao meu colega, amigo e companheiro de jornada Fábio Baião, meus agradecimentos por tão grande dedicação e carinho à minha pessoa.

Agradeço especialmente a minha amiga e orientadora Profa. Dra. Adriane Vidal Costa por toda a dedicação, compreensão, incentivo, companheirismo, paciência e brilhantismo na realização de seu trabalho de orientação. Se não fosse por você, esta jornada seria impossível de ser completada. Receba a minha admiração e carinho por tudo o que você representa para mim.

À Jaqueline que me ajudou a quebrar paradigmas e me redescobrir como uma mulher que busca ultrapassar seus limites.

As minhas alunas de História pelas palavras de elogio dedicadas a mim que sempre foram um refresco durante os dias em que achei que não iria conseguir.

Agradeço muito à Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio e ao Prof. Dr. Mateus Fávaro Reis pelas orientações e indicações bibliográficas que tanto me ajudaram na realização deste trabalho.

Ao Programa de Pós-graduação em História da UFMG, meu agradecimento pela oportunidade de empreender esta jornada.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes na minha vida enquanto este desafio estava sendo vencido a cada dia.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar os discursos nacionalistas veiculados pelo jornal chileno *El Mercurio de Valparaiso* durante o período em que o país participou da Guerra do Pacífico (1879-1884). Pertencente ao empresário Agustín Edwards, que tinha interesse direto nas terras em disputa pela guerra, o jornal atuou como um ator político influenciando a construção do nacionalismo no Chile e defendendo os interesses das elites governantes do país. Além disso, seus discursos inflamados acerca da suposta superioridade do povo chileno em relação aos seus inimigos externos criou uma atmosfera nacionalista que proporcionou a união da opinião de seus leitores em favor da guerra e das conquistas advindas dela. A importância deste meio de comunicação, assim como sua circulação entre o público leitor, demonstra a dinâmica social produzida pelo próprio jornal e o coloca como participante ativo na formação da sociedade chilena.

Palavras-Chave: Guerra do Pacífico, Combate Naval de Iquique, jornal *El Mercurio de Valparaiso*, Nacionalismo, Chile.

Abstract

The aim of this study is to analyze the nationalist speeches published by the Chilean newspaper *El Mercurio de Valparaíso* during the period in which the country engaged in the War of the Pacific (1879-1884). Owned by Agustín Edwards, a businessman who had a direct interest in the lands in the dispute over the war, this newspaper played the role of a political actor by influencing the construction of nationalism in Chile and supporting the interests of the ruling elite of the country. In addition, its blazing speeches about the supposed superiority of the Chilean people to their external enemies created a nationalistic atmosphere that provided the unification of its readers' opinion in favor of the war and the conquests resulting from the war. The

relevance of this communication medium, as well as its circulation among its readers, demonstrates the social dynamics produced by the newspaper and places it as an active player in the shaping of the Chilean society.

Keywords: The War of the Pacific, Naval Battle of Iquique, The newspaper *El Mercurio de Valparaiso*, Chile, Nationalism.

Sumário

Introdução.....	09
Capítulo 1 - A construção da Nação chilena.....	24
1.1- A independência e a formação do Estado.....	24
1.2- A consolidação dos ideais conservadores no Chile.....	39
1.3- O nacionalismo chileno e a historiografia.....	54
Capítulo 2 - Pela razão ou pela força: Chile, um país beligerante.....	73
2.1. Bolívia e Peru no contexto da guerra.....	73
2.2. A invasão do deserto de Atacama.....	80
2.3. O <i>El Mercurio</i> vai à guerra.....	88
Capítulo 3 - A “legitimidade” da guerra, a criação do “herói” e a reafirmação da “superioridade” chilena.....	108
3.1. O Combate Naval de Iquique.....	111
3.2. As <i>Glorias Navales</i> e o enaltecimento da derrota.....	130
3.3. O jornal <i>El Mercurio</i> e a “superioridade” do povo chileno.....	146
Considerações finais.....	158
Referências documentais e bibliográficas.....	162
Anexo I	170
Anexo II	171
Anexo III	172

Introdução

A Guerra do Pacífico (1879-1884) foi um evento importantíssimo para a formação territorial dos países envolvidos: Chile, Bolívia e Peru. As questões relativas à delimitação territorial entre Chile e Bolívia¹ estavam sendo negociadas desde a década de 1830. O Chile alegava que seu limite norte era o paralelo 23° e a Bolívia alegava ser o paralelo 26° o final de seu território ao sul. Por não haver um acordo entre as partes, um tratado foi assinado pelos dois países em 1866 arbitrando o paralelo 24° como o limite territorial entre ambos. Entretanto, o território em disputa era riquíssimo em minerais e ambos os países queriam se estabelecer na região. Em meados do século XIX a base da economia do Chile era a exploração de minerais e muitas mineradoras de proprietários chilenos, financiados com capital inglês em sua grande maioria, se localizavam em território boliviano. Com a intensificação da produção de salitre e guano² para exportação, essas mineradoras avançaram também em direção ao norte e alcançaram as terras peruanas, o que fez do Chile um grande produtor de matéria-prima em território estrangeiro.

Para assegurar a exploração dos minerais em território estrangeiro, o governo chileno assinou em 1874 um tratado com a Bolívia que definiu a quantidade e o valor dos impostos que seriam cobrados nos 25 anos seguintes. Entretanto, em fevereiro de 1878, a Assembleia Nacional Boliviana modificou o tratado e estabeleceu o pagamento de outro imposto³ para a exportação desses produtos. A *Compañia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta*, que era chilena e pertencia aos proprietários do jornal *El Mercurio de Valparaiso*, não aceitou a mudança do acordo e se recusou a fazer o

¹ A Bolívia antes da guerra possuía o território onde hoje é a região de Antofagasta no Chile, bem como uma grande parte do litoral do Oceano Pacífico.

² Tanto o salitre quanto o guano (excremento de pássaro) são excelentes insumos agrícolas e os mesmos eram vendidos como fertilizante para o mercado externo, principalmente o europeu.

³ Este imposto era de 10 centavos por quintal (unidade de peso da época) de salitre exportado.

pagamento das novas taxas de imposto. Diante desta recusa, o governo boliviano arrestou os bens da companhia e o exército chileno invadiu o litoral da Bolívia, iniciando a guerra.

Três meses após o início da guerra, no dia 21 de maio de 1879⁴, assim que o Peru também se envolveu na disputa, ocorreu o Combate Naval de Iquique. Neste episódio, o Chile sofreu uma derrota significativa diante do Peru, na qual perdeu um navio e grande parte de sua tripulação. A derrota, porém, não abateu os chilenos que em resposta ao ocorrido se sensibilizaram e iniciaram uma onda de alistamento no exército nacional⁵ que triplicou seu contingente em poucas semanas. O Combate Naval de Iquique e a sua memória é glorificada até os dias de hoje em um dos feriados nacionais mais importantes do país: as *Glorias Navales*⁶. Comemorada a cada 21 de maio, desde o ano seguinte ao ocorrido, proporciona à população chilena a lembrança de uma batalha em que a derrota sofrida foi imediatamente transformada em um glorioso triunfo. Isso ocorreu, em grande medida, devido às narrativas feitas pelos sobreviventes do confronto e por aqueles que tinham interesse em transformar o desastre naval em um pretexto para legitimar a guerra, como foi o caso do jornal *El Mercurio de Valparaíso*. O Chile, porém, se encontrava em uma situação de desvantagem em relação aos seus

⁴ BULNES, Gonzalo. *Resumen de la Guerra del Pacífico*. Santiago: Editorial Andres Bello, 2009, p.17-54. Gonzalo Bulnes, que presenciou o conflito, é considerado o principal narrador da Guerra do Pacífico. Sua obra, *La Guerra del Pacífico*, escrita somente entre os anos de 1912 e 1919, é composta de três tomos e mais de 2.000 páginas. Para este trabalho, será utilizado o resumo destes livros, lançado no ano de 2009, pelo autor Oscar Pinochet de La Barra.

⁵ O exército chileno teve seu início com a independência. Apesar de não podermos classificá-lo como uma instituição nos moldes das atuais, Forças Armadas, a sua organização foi um dos principais intentos do novo Estado. Sua integração ao sistema político chileno ocorreu nos anos de 1840. De acordo com Carlos Maldonado, o exército chileno foi um dos mais exitosos e preparados da América Latina no século XIX e o que estava em melhores condições para passar à etapa de completa profissionalização. MALDONADO, Carlos. El Ejército chileno en el siglo XIX: génesis histórica del “ideal heroico”, 1810-1885. Disponível em: http://www.archivochile.com/Poder_Dominante/ffaa_y_orden/Sobre/PDffaasobre0015.pdf. Acesso em: 03/08/2014.

⁶ A memória deste dia é reverenciada a cada ano com desfiles militares e músicas que lembram a batalha, principalmente entre as crianças que estão no ensino fundamental das escolas chilenas. Além disto, esta memória também pode ser vista nas inúmeras estátuas de Arturo Prat (comandante do navio naufragado) espalhadas pelas cidades do país, bem como nas ruas batizadas com seu nome e na nota de dez mil pesos chilenos que tem seu rosto.

inimigos. Juntos, os exércitos do Peru e da Bolívia tinham um contingente de soldados muito maior do que o exército chileno, e para solucionar o problema, era preciso convencer a população a lutar pelo seu país. O apelo ao nacionalismo foi um dos recursos utilizados pelos interessados na guerra para aumentar o número de chilenos dispostos a batalhar e a apoiar o conflito.

A exaltação do Combate Naval de Iquique foi fundamental para a construção do nacionalismo chileno durante a Guerra do Pacífico, bem como para a reafirmação do sentimento de orgulho e admiração à pátria, essenciais para o desfecho do conflito que estava em andamento. Neste contexto, discursos inflamados e cheios de exaltação à nação foram proferidos desde os mais diversos locais do país. Os púlpitos das igrejas, as redações dos jornais, as feiras livres, os ajuntamentos nas praças e as conversas nos cafés, se transformaram em espaços de difusão das ideias beligerantes e ajudaram a construir um nacionalismo fervoroso e forte o suficiente para garantir a vitória chilena ao final da disputa.⁷ Este nacionalismo, que foi se construindo ao longo da formação da nação chilena, se intensificou durante a Guerra do Pacífico e pode ser visto até os dias de hoje. A cada tragédia ou dificuldade sofrida pela população o apreço ao país reaparece para impulsionar seu povo. Obviamente, não podemos afirmar que a sua constituição foi homogênea e aceita por todos os cidadãos, mas de algum modo, essa construção foi feita, e ainda está sendo feita, de forma consistente, que se traduz em manifestações de afeição e devoção à nação perceptível ao longo de sua história.

Este trabalho analisa como o jornal *El Mercurio de Valparaíso*⁸, um dos mais importantes jornais em circulação no Chile no final do século XIX, contribuiu para a

⁷ McEvoy, Carmem. *Armas de persuasión masiva: retórica y ritual en La Guerra del Pacifico*. Santiago: Ediciones Centro de Estudios Bicentenarios, 2010.

⁸ O jornal *El Mercurio de Valparaíso* faz parte do grupo *El Mercurio* e ainda hoje é um dos mais importantes veículos de comunicação do Chile.

construção do nacionalismo chileno durante a Guerra do Pacífico. Acreditamos que o conteúdo divulgado pelo periódico ajudou a fortalecer o nacionalismo⁹, pois os discursos inflamados feitos pelos seus editores, as palavras de enaltecimento, a exaltação e louvor aos feitos “heroicos” dos soldados que batalhavam na guerra e a forma como o Chile foi enaltecido em detrimento aos seus opositores, Peru e Bolívia, favoreceu a construção da imagem de um país forte e destinado a dominar seus inimigos de guerra.

As principais questões que norteiam este trabalho são: A imprensa e os meios de comunicação contribuem efetivamente na construção do nacionalismo? O jornal, tido como um ator político junto à sociedade do qual faz parte, pode construir pensamentos, símbolos e heróis nacionais? De que forma seus donos o utilizaram como porta-voz de seus próprios interesses? Como a figura do comandante do navio chileno naufragado, Arturo Prat, ganhou o *status* imediato de herói nacional por meio do jornal? Como uma embarcação antiga e insignificante, que era a *La Esmeralda*, e um comandante com pouca experiência como Prat passaram a protagonizar as notícias do *El Mercurio de Valparaíso*?

Para respondermos tais questões, utilizamos como fontes de pesquisa notícias, notas e artigos que circularam no referido jornal no período 1878 a 1883. Estas fontes foram examinadas a partir dos microfilmes que contêm o jornal e estão disponíveis na Biblioteca Nacional do Chile em Santiago. Trabalhamos o período compreendido entre dezembro de 1878, dois meses antes do início do conflito, para percebermos a posição do *El Mercurio* em relação aos acordos diplomáticos que estavam sendo considerados

⁹ Chamamos de nacionalismo o sentimento de pertencimento de uma determinada população em relação à sua nação. Ernest Gellner, em seu livro *Nação e nacionalismo*, afirma que o nacionalismo pressupõe o reconhecimento das pessoas em pertencer a uma nação, seja se baseando nos aspectos culturais ou por meio da imposição do Estado. O autor acredita na segunda opção para melhor compreender o fenômeno do nacionalismo e, no decorrer de nossa pesquisa, vamos identificar esta tendência no caso chileno.

pelo Chile e Bolívia, e outubro de 1883, data da rendição do Peru. Como o jornal era uma publicação diária, fotografamos e traduzimos somente as notícias, notas e artigos referentes ao nosso tema. Examinamos todo o ano de 1879 e nos concentramos nos períodos de maio e junho dos anos seguintes, pois o nosso interesse está relacionado principalmente ao Combate Naval de Iquique e as comemorações deste ocorrido nos anos de duração da guerra.

A história do jornal *El Mercurio de Valparaíso*¹⁰ remonta ao período pós-independência e o objetivo de sua criação foi suprir os leitores que moravam na região, com um jornal que trouxesse notícias mercantis, políticas e literárias. Fundado no ano de 1827, pelo norte-americano Thomas Well e o chileno Ignacio Silva¹¹, “o jornal *El Mercurio de Valparaíso* era um dos mais importantes do país e em suas páginas se tratavam diversos temas de interesse para seus leitores.”¹² Sua circulação se dava na cidade de Valparaíso, onde estava localizado o principal porto do Chile no final do século XIX e lugar de embarque e desembarque de mercadorias chilenas e estrangeiras. A cidade contava com uma população de 121.600 habitantes, no ano de 1895, chegando a 162.000 em 1905, sendo que 12.000 eram estrangeiros. Neste sentido, é possível imaginar o alcance da circulação do periódico e a importância que o mesmo assumiu na difusão de notícias, uma vez que a movimentação de pessoas era significativa no local. Ainda hoje, Valparaíso figura entre as principais cidades do Chile, sendo a terceira maior do país em população, atrás somente da capital Santiago e da cidade de Concepción. Localizada a 120 km de Santiago, é a sede do poder legislativo do país,

¹⁰ Ver primeira edição em anexo, p.172.

¹¹ LAGOS, Cláudia (org.) *El diario de Agustín – cinco estudios de casos sobre El Mercurio y los derechos humanos (1973-1990)*. Santiago: LOM ediciones, 2ª impresión, 2013.

¹² SOTO, Ángel (org.) et al. *Entre tintas y plumas, historia de la prensa chilena del siglo XIX*. Santiago: editorial Universidad de los Andes, 2004, p. 60.

além de abrigar outras repartições estatais como o Comando da Armada do Chile, o Serviço Nacional de Aduanas e o Conselho Nacional da Cultura e das Artes.¹³

No ano de 1842, o jornal foi comprado pelo espanhol José Santos Tornero e, sob a sua direção, passou a contar com redatores importantes como Benjamín Vicuña Mackenna e Ambrosio Montt, ambos autores de várias obras sobre a história do país. Sua circulação era diária e seu formato muito semelhante aos jornais de hoje, era composto de quatro páginas e impresso em folha única. Trazia em sua primeira página anúncios e propagandas de diversos tipos. As notícias, bem como o seu editorial, circulavam nas páginas seguintes, principalmente nas de número dois e três, deixando a última página disponível para amenidades, como, por exemplo, capítulos de romances. Seu nome é uma alusão a Mercúrio, que na mitologia romana era o mensageiro dos deuses por se mover mais rápido que os demais planetas.¹⁴ Em relação à tiragem do jornal na época do conflito, não tivemos acesso a esses dados, pois elas não estão contidas nas fontes e não encontramos outro meio para conseguir esta informação.

O jornal desde muito cedo se identificou com os valores da elite comercial que se formou em Valparaíso e se converteu em um veículo de representação deste grupo, propagando seus valores e princípios, como os da ordem interna, hierarquização social e superioridade em relação aos demais países sulamericanos. A preocupação de seus redatores era a de difundir a imagem de “progresso que dominava a alma do século XIX.”¹⁵ As notícias internacionais também faziam parte de seu repertório, pois, como já apontamos, a cidade, por ser o porto mais importante do Chile, contava com a presença de inúmeros estrangeiros. As informações vindas de jornais de outros países,

¹³ *História de Valparaíso*. Disponível em: <http://www.valparaisochile.cl/historia.htm> Acesso em: 28/02/2015.

¹⁴ SCHNEUER, Maria José. Visión del “caos” americano y el “orden” chileno a través de *El Mercurio de Valparaíso* entre 1840 y 1850. In: SOTO, Ángel (Ed.). *Entre tintas y plumas: historias de la prensa chilena del siglo XIX*. Santiago: Universidad de Los Andes, 2004, p.77.

¹⁵ EDWARDS, Alberto apud SCHNEUER, Maria José. Op.cit., p.51.

principalmente ingleses e sul americano, eram copiadas e estampadas em suas páginas para que o leitor tivesse contato com os acontecimentos do exterior.¹⁶

A historiadora chilena Maria José Schneuer afirma que o envolvimento do jornal com a política foi modesto até 1879. Até então, os temas principais tratados pelo *El Mercurio* eram os relacionados à economia. O veículo se caracterizou “por dar prioridade aos assuntos econômicos e, na maioria das vezes, ficou à margem das contendas e facções políticas. [...] o diário estava longe de ser um órgão político e seus sucessivos proprietários nunca quiseram transformá-lo em um porta-voz de uma determinada corrente de opinião.”¹⁷ Em relação a esta afirmação, nosso entendimento se difere da autora no que diz respeito ao último proprietário do jornal.

Acreditamos que a compra do periódico pelo empresário Agustín Edwards Ross, ainda em 1877, transformou o seu conteúdo político e o posicionou como um dos porta-vozes dos interesses de seus proprietários e das camadas superiores da sociedade chilena. A família Edwards assumiu sua direção em um momento delicado para o jornal. Camilo Letelier, o dono anterior, tinha contraído muitas dívidas e o edifício em que se encontrava a redação e a produção do diário havia sido penhorado junto ao Banco Edwards, o que facilitou a transferência de sua posse à Agustín Edwards Ross. A modernização de seu parque gráfico e de sua administração ocorreu somente no século XX, quando Agustín Edwards Mac-Clure, filho de Agustín Edwards Ross, assumiu a direção do jornal e o transferiu para a capital, Santiago do Chile, em 01 de junho de 1900. Esta transferência possibilitou a inauguração de uma nova sede, com maquinários de última geração e um modelo de imprensa semelhante ao que estava sendo feito nos jornais norte-americanos. A ida para Santiago também proporcionou ao diário uma

¹⁶ SCHNEUER, Maria José. Op.cit. p.52.

¹⁷ Idem.

posição melhor na disputa com seus concorrentes¹⁸ da época e fez com que chegasse a sua atual posição de maior jornal em circulação do Chile e o mais antigo periódico de fala espanhola ainda vigente nas Américas.¹⁹

Agustín Edwards Ross utilizou o jornal para acentuar a difusão das ideias beligerantes que iam ao encontro das suas necessidades e fez do diário um instrumento importante para justificar a entrada do Chile na guerra. Sem esquecer os motivos que levaram ao início do conflito, o *El Mercurio de Valparaíso* participou de forma ativa na sociedade de sua época e assumiu um papel funcional na construção e fomento do nacionalismo chileno.

Em relação ao jornal *El Mercurio de Valparaíso*, seu discurso nacionalista e a forma como utilizou suas páginas para divulgar os interesses de seu dono, as pesquisas ainda são escassas. Mesmo a Guerra do Pacífico, que foi um importante impulso para a construção do nacionalismo chileno, ainda conta com poucos estudos que demonstrem como essa narrativa sobre a guerra foi idealizada pelos meios de comunicação, como, por exemplo, o *El Mercurio*, e como esse discurso ajudou a legitimar o conflito. A historiadora peruana Carmem Mc Evoy afirma que:

a narrativa da guerra surge nos acampamentos militares, mas também vão se gerando nos escritórios de redação dos jornais, nos púlpitos das igrejas e nas mesas dos publicitários. Não obstante à importância que demonstra a Guerra do Pacífico como memória coletiva, o campo de estudo que abrange seu processo de elaboração intelectual não tem recebido, salvo raras exceções, o interesse dos historiadores.²⁰

Na introdução do livro *Nación y nacionalismo en Chile. Siglo XIX*, os autores Gabriel Cid e Alejandro San Francisco fazem uma breve discussão acerca da recente historiografia chilena sobre o tema e nenhum dos trabalhos citados utilizou o jornal *El*

¹⁸ Outros jornais importantes do Chile na época já tinham sua sede em Santiago, como o *El Independiente*, *El Ferrocarril* e *El Nuevo Ferrocarril*.

¹⁹ SCHNEUER, Maria José. Op.cit.

²⁰ McEVOY, Carmen. Op.cit., p.16.

Mercurio de Valparaiso como fonte para apresentar o discurso nacionalista que foi construído durante a Guerra do Pacífico²¹. Nossa intenção é contribuir para a historiografia relacionada ao assunto e suscitar a discussão também no Brasil.

O discurso midiático é a forma pela qual o jornal se manifesta diante dos seus leitores. De acordo com Adriano Rodrigues, “O discurso não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o seu principal produto e o resultado final de seu funcionamento. [...] é claro que a mídia desempenha também outras funções, mas todas elas têm no discurso o seu objetivo e a sua expressão final.”²² Quando discorremos sobre o discurso nacionalista veiculado pelo jornal *El Mercurio de Valparaiso*, durante a Guerra do Pacífico, estamos afirmando que houve uma intenção por parte do jornal em fomentar o nacionalismo chileno com o propósito de legitimar a guerra e ganhar o território que estava em disputa. Seu dono, Agustín Edwards, tinha interesses pessoais na conquista das terras da Bolívia e do Peru, pois era também dono da mineradora que protagonizou o início do conflito, como analisaremos no decorrer deste trabalho. O periódico, assim como qualquer outro ator social, é responsável por divulgar um discurso público em função de seus interesses. Sem que se faça juízo de valor sobre esta prática, o que queremos dizer é que o discurso elaborado por um jornal tem o encargo de produzir um pensamento próprio que pode ou não ser apreendido por seu público leitor. A instituição midiática, ainda segundo Adriano Rodrigues,

desempenha nas sociedades modernas um papel estratégico de composição e de consequente cimento homogeneizador da vida coletiva. Nela vem refletir-se, como num espelho, a diversidade das funções pedagógicas, simbólicas, mobilizadoras e reparadoras das restantes instituições.²³

²¹ CID, Gabriel et SAN FRANCISCO, Alejandro. *Nacion y nacionalismo en Chile. Siglo XIX*. Santiago: Centro de Estudios Bicentenarios, 2009.

²² RODRIGUES, Adriano. Delimitações e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio (Org.). *O jornal, da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

²³ Idem, p.224.

Essas funções são essenciais para a formação de um pensamento social capaz de criar em um determinado grupo a noção de que estão agindo de acordo com o interesse de todos. O discurso do jornal “desempenha também um importante papel estratégico de reforço da legitimidade das outras instituições, garantindo a sua permeabilidade por todo o tecido social.”²⁴ São nas páginas de um jornal que se vêm expostas as notícias que podem impactar uma sociedade, bem como as opiniões que se espera ver circulando no meio de seu público. Tania Regina de Luca afirma que:

De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.²⁵

As ideias, crenças e valores que o *El Mercurio de Valparaiso* difundiu no momento da Guerra do Pacífico refletiram os ideais elitistas que se efetivaram no princípio da formação do Estado chileno. Como veremos no Capítulo I, as elites que ascenderam ao poder depois do processo de independência elaboraram um projeto de nação para o Chile em que a participação popular não era bem vinda. A imprensa desempenhou um importante papel para que esse projeto pudesse ser aceito, ou ao menos legitimado pela sociedade. A historiadora Bárbara Silva, em seu livro sobre a formação da nação e da identidade chilena, afirma que:

Ao longo do século XIX, a imprensa irá se desenvolver como o espaço onde o ideário e a visão que o governo propõe de si mesmo é posto para a sociedade. A imprensa se insere no processo de transformação sociopolítica de carácter estrutural, que gera a erupção do texto escrito e marca o crescimento e transformação do mundo urbano. Desta forma, se busca constituir um campo cultural, que se traduz no desenvolvimento de um sistema de comunicação social institucionalizado, que utiliza os meios tecnológicos para produzir determinados elementos simbólicos.²⁶

²⁴ Idem, p.226.

²⁵ De Luca, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla et al. *Fontes Históricas*. São Paulo: editora Contexto, 2ª edição, 2006, p.140.

²⁶ SILVA, Bárbara. Identidad y nación entre dos siglos: patria vieja, centenario y bicentenario. Santiago, LOM ediciones, 2008, p.34.

Os discursos nacionalistas veiculados nas páginas do jornal *El Mercurio*, no período de 1878-1883, representaram os meios de produção desses elementos simbólicos que ainda hoje fazem parte da sociedade chilena. O maior exemplo disso foi a construção da imagem heroica de Arturo Prat, como veremos no Capítulo III.

A nossa proposta, como já mostramos, é verificar a construção do nacionalismo chileno, nas páginas do jornal *El Mercurio de Valparaiso*, durante a Guerra do Pacífico, principalmente após o advento do Combate Naval de Iquique. Na nossa interpretação, os discursos do jornal contribuíram para a veiculação de uma cultura política nacionalista. Como aponta o historiador Rodrigo Patto Sá Motta:

Os impressos são veículos fundamentais na divulgação e disseminação dos valores das diferentes culturas políticas, e são usados propositadamente com tal fim. Nos textos dos livros e jornais, e também nas suas imagens visuais, desfilam heróis (e, tão importantes quanto esses, os desprezíveis inimigos), mitos, símbolos e os valores morais do grupo, e nessas publicações muitas pessoas encontraram motivação para identificar-se e aderir.²⁷

O jornal foi analisado também na perspectiva de ator político feita por Héctor Borrat. Como ator foi capaz de influenciar um grupo social e também ser influenciado por ele, traduzindo em suas páginas os anseios, opiniões e desejos, pessoais e coletivos, daqueles que escrevem em suas colunas. De acordo com Borrat:

a concepção do jornal como meio de comunicação de massa supõe que este meio é um ator posto em interação com outros atores sociais. Explicitar e desenvolver esta suposição no campo da política pode ser então, uma maneira diferente de mostrar o perfil do jornal, analisar seu discurso público e fazer um uso reflexivo e crítico dos seus relatos e comentários que nos envolve a todos.²⁸

Utilizamos ainda o livro de Ángel Soto para compreendermos a história da imprensa chilena ao longo do século XIX, bem como os autores Carlos Ossandón e Eduardo Santa Cruz, que escreveram inúmeros títulos sobre a imprensa no Chile, e que

²⁷ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (Org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Editora Argemum, 2009, p.24.

²⁸ BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989, p.9.

nos ajudaram a entender a importância do jornal *El Mercurio de Valparaíso* na construção do nacionalismo chileno.

A metodologia empregada nesse trabalho foi a análise semântica e qualitativa das fontes bem como a sua articulação com a narrativa histórica proposta. O artigo de Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto problematiza os usos correntes que historiadores fazem da imprensa como fonte de pesquisa. Entendendo-a como força social ativa, as autoras propõem a reflexão sobre sua historicidade a cada conjuntura estudada. Esta pesquisa trata deste tema: o modo pelo qual o jornal *El Mercurio de Valparaíso* foi utilizado por seus donos como um porta-voz de suas ideias expansionistas, a fim de justificar a guerra em que o Chile estava envolvido e conseguir o domínio sobre as ricas terras que se encontravam em território boliviano e peruano. Neste sentido, o jornal é um objeto valioso e seu discurso nos proporciona um bom entendimento a respeito do contexto histórico no qual estava inserido. As autoras apontam que:

Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo. Pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas.²⁹

O texto sugere ainda um roteiro e procedimentos metodológicos que buscam articular a análise de um jornal, ou materiais de imprensa periódica que se estude, ao campo de lutas sociais no interior dos quais se constituem e atuam. As autoras também nos advertem que o jornal é um documento histórico, e como tal deve ser analisado em sua subjetividade, parcialidade e intencionalidade.

²⁹ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, Na Oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto histórias*. São Paulo. EDUC, nº 35, julho-dezembro, 2007.

Dialogamos igualmente com a proposta de Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas em seu livro *Domínios da História*. Como a nossa análise tem também por base um acontecimento, no caso o Combate Naval de Iquique, ela se insere na proposta dos autores na medida em que nos ajuda a verificar como o fato se relacionou com a construção do nacionalismo chileno. Eles postulam que um acontecimento funciona como um microrrecorte do próprio tema. De acordo com eles, “pode ser uma batalha, uma greve, um motim etc. tomado como episódio em torno do qual se produz qualquer discurso”³⁰. Tendo o discurso do jornal como fonte, a análise do nacionalismo fica mais clara, pois o acontecimento em questão perpassa todo o discurso contido nas notícias do *El Mercurio de Valparaiso*, durante o período em que ocorreu a guerra.

Para respondermos às questões relativas à história do Chile, partiremos das ideias elaboradas por vários historiadores. Dentre eles, podemos destacar o trabalho de Gabriel Salazar, que demonstra em sua obra, *Construcción de Estado en Chile*, o modo pelo qual a camada social que detinha o poder político e econômico no princípio do século XIX estava influenciada pelos ideais portalianos³¹ e que, a partir deles, inaugurou-se um Estado oligárquico no Chile que, do ponto de vista de Salazar, foi o alicerce de toda a construção histórica chilena ao longo do referido século. Utilizaremos também os argumentos de Gabriel Cid e Alejandro San Francisco no já citado livro *Nación y nacionalismo en Chile*, Mário Góngora em seu *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*, além de outros que nos deram suporte em relação ao contexto em que se desenvolveu a construção do Estado.

³⁰ CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 547.

³¹ Referência à Diego Portales que foi um importante comerciante chileno. Foi ministro de Estado e um dos principais mentores da constituição conservadora de 1833. Esta constituição durou até o ano de 1925, fato incomum na maioria dos países recém-independentes da América Latina.

A estrutura da dissertação está disposta em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o processo de emancipação da Capitania Geral do Chile em relação à Espanha e a constituição de uma sociedade dirigida pelas elites oligárquicas que desempenharam um papel fundamental em sua construção. Analisamos o processo de delimitação territorial pós-independência para fazermos a conexão necessária a fim de compreendermos o contexto que levou à deflagração da Guerra do Pacífico. A análise da constituição das elites comerciais da cidade de Valparaíso também foi abordada, pois foi preciso compreender o surgimento e a consolidação da fortuna de Agustín Edwards Ossandón, patriarca da família que era sócia da *Compañía de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta* e do jornal *El Mercurio de Valparaíso*, objeto desta pesquisa. Concluímos o capítulo com uma discussão teórica sobre o nacionalismo, a forma com que foi construído no Chile e suas possíveis interpretações por parte da historiografia chilena.

No segundo capítulo, fizemos uma breve apresentação da Bolívia e do Peru após a independência e abordamos a Guerra do Pacífico. Analisamos os motivos que levaram Chile, Bolívia e Peru a um conflito de tão grandes proporções e o modo como esses eventos foram divulgados no jornal *El Mercurio de Valparaíso*. Neste capítulo, analisamos também os discursos nacionalistas do jornal e mostramos a forma como seus redatores engrandeceram a nação chilena, utilizando palavras enaltecidas e frases impactantes.

No terceiro e último capítulo apresentamos os discursos nacionalistas feitos pelo jornal após o Combate Naval de Iquique. Analisamos as manifestações patrióticas em torno do evento, assim como as várias alusões feitas a ele pelo jornal no decorrer da guerra. Todas as vezes que as batalhas entre os exércitos eram desfavoráveis ao Chile, o periódico utilizava a memória do combate em Iquique para “relembrar” seus leitores que a guerra deveria ser ganha a qualquer custo. Também utilizamos as narrativas sobre

o combate para analisar os discursos racistas e discriminatórios que o periódico difundiu em relação aos bolivianos e aos peruanos. Durante o período do conflito, uma das estratégias usadas pelo jornal foi desqualificar os “inimigos da pátria” por meio de comparações entre os três povos e construir uma imagem de “superioridade” do povo chileno em relação aos seus opositores. A ideia de levar a “civilização” chilena, bem como sua cultura e “progresso” para os povos “bárbaros” do norte se fez presente em seu discurso de forma acintosa.

Capítulo I

A construção da nação chilena

1.1. A independência e a formação do Estado

O processo de formação do Estado chileno, assim como o de muitos países, envolveu crises, guerras, conflitos, traições, acordos, concessões, construções, rupturas e continuidades. Para que o Estado chileno chegasse a sua atual constituição foi preciso um grande esforço por parte das elites que detinham o poder político e econômico para arquitetar um “projeto” nacional e efetivá-lo de acordo com as diretrizes imaginadas por elas. Este “projeto”, porém, foi excludente e seletivo, feito para privilegiar um pequeno grupo de pessoas que se julgavam preparadas a idealizá-lo e conduzi-lo até a sua implantação. Ao restante da população coube à tarefa de aceitar a proposta feita por estas elites ou rechaçá-la, por meio de resistências, durante o processo de instauração do “projeto”. Entretanto, devemos observar que quando nos referimos à população chilena, no processo de sua emancipação, é preciso considerar que a maioria de seus componentes não participou da criação do Estado nem da concepção da nação.

O Estado chileno como se encontra nos dias atuais teve a sua constituição política a partir de sua independência em relação à Coroa espanhola. O processo de independência se iniciou formalmente no ano de 1810 e se consolidou alguns anos mais tarde, por volta de 1820. Para compreendermos melhor esta formação, iremos retroceder alguns anos antes do início da emancipação política para percebermos como a sociedade chilena e os responsáveis pela execução da nova ordem social se organizaram e se estruturaram para a efetivação do “projeto” nacional.

Durante a divisão territorial das colônias espanholas no final do século XVI, a luta entre os espanhóis e os indígenas foi intensa e extenuante. Em algumas localidades,

povos inteiros foram dizimados ou sucumbiram aos invasores que impuseram de forma violenta seus hábitos e costumes. Na Capitania Geral do Chile³², a forma como essa invasão ocorreu, mesmo que violenta, propiciou um acordo raro entre os dois povos. A população nativa, principalmente os mapuches que habitavam o sul do território, ofereceu uma forte resistência aos invasores e não sucumbiu ao mando espanhol. As guerras eram constantes e os indígenas mantiveram sempre um efetivo preparado para enfrentar o adversário. Os mapuches lutavam por turnos, substituindo os grupos de guerreiros que estavam combatendo por outros mais descansados, tornando as batalhas muito mais efetivas, pois enquanto os soldados espanhóis paravam para descansar, os nativos se revezavam em ataques surpresa nos momentos mais diversos. Esta tática ao longo dos anos importunou de tal forma os colonizadores e seus soldados que a Coroa resolveu propor uma saída “diplomática” ao invés de continuar com as guerras.³³

No ano de 1656, depois de quase um século de conflitos para a delimitação do espaço de fronteira ao sul do território da Capitania do Chile, espanhóis e indígenas encontraram uma solução para os conflitos e passaram a se relacionar por meio de acordos ou pactos denominados *parlamentos*³⁴. O objetivo destes acordos foi estabelecer uma relação pacífica entre ambos e favorecer o que poderia ser vantajoso para os dois lados como, por exemplo, o comércio. A solução encontrada pela Coroa espanhola para acabar com os conflitos foi reconhecer este grupo de nativos como uma “nação”³⁵ soberana e autônoma que habitava parte do território da Capitania. Este fato não pode ser visto com frequência no período colonial e é por isso que podemos dizer

³² A América Espanhola era dividida em Vice-reinos e Capitanias Gerais, sendo estas responsáveis por dominar e administrar áreas que tinham importância militar e/ou estratégica para proteger o território da invasão de outros europeus.

³³ PINTO RODRÍGUEZ, Jorge. *La formación del Estado y la nación, y el pueblo Mapuche: de la inclusión a la exclusión*. 2. ed. Santiago: Dibam, 2003.

³⁴ Idem.

³⁵ Utilizamos o termo nação no sentido cultural do termo e não político, como especificado na documentação da época, mais precisamente nos *Parlamentos*. Nação era a referência feita a um povo distinto do colonizador e que mantinha a sua cultura e soberania territorial.

que o acordo de convivência entre invasores e invadidos foi raro. Os *parlamentos* e o reconhecimento da nação indígena, denominada pelos espanhóis de *Araucanía*, foram recorrentes até o ano de 1881, quando as vitórias obtidas na Guerra do Pacífico fomentaram o desejo de um domínio absoluto sobre o território em questão.³⁶

A convivência entre mapuches e espanhóis acarretou uma série de alterações no modelo colonial vigente se compararmos, por exemplo, com as regiões dos vice-reinos e das demais capitanias gerais. O Chile foi povoado desde cedo por um contingente considerável de militares e soldados que tinham por obrigação construir edificações fortificadas para se defender de ataques e tentativas de invasão de outros povos europeus e dos nativos. A proximidade destes fortes com as fronteiras das terras indígenas favoreceu o cruzamento entre o espanhol e o nativo. Este fato constituiu um elemento novo na formação da população chilena, onde os dois povos se misturaram de forma efetiva. A mistura, porém, criou outro problema que deveria ser solucionado pelos colonizadores. Esta proximidade entre o europeu e o nativo era uma ameaça à individualidade do colonizador. Neste contexto surgiu a necessidade de se construir e afirmar a imagem dos súditos de *El Rey* em comparação àqueles que não o eram, ou seja, os mapuches. Contudo, era impossível no período colonial afirmar categoricamente que uma sociedade era composta deste ou daquele povo, uma vez que a miscigenação era recorrente assim como a própria diferença cultural que existia entre os espanhóis³⁷ e os demais colonos de origens diversas. Como a forma mais efetiva de identificação entre povos tão diferentes era o fato de serem súditos do mesmo rei, os mapuches desde cedo foram vistos pelos colonizadores como um povo distinto. Esse fato gerou uma postura preconceituosa e discriminatória em relação aos nativos durante

³⁶ De RAMÓN, Armando. *Historia de Chile: desde la invasión incaica hasta nuestros días (1500-2000)*. Santiago: Catalonia, 2003.

³⁷ É preciso pontuar que a própria Espanha estava em processo de formação de seu Estado no momento inicial da colonização americana.

a construção do Estado e, ainda hoje, é objeto de desavenças no Chile. Ao final do século XVIII a Capitania Geral do Chile era um território de fronteiras fluidas e mal definidas.

Às vésperas da independência, a Capitania do Chile tinha se consolidado como grande fornecedor de alimentos para os vice-reinos do Peru e do Rio da Prata, assim como um importante entreposto comercial. Sua economia se baseava na agricultura, tendo o trigo como seu principal produto, e no comércio de bens importados de outras regiões da colônia espanhola para suprir a carência de produtos que não eram produzidos pela capitania. Sua população era basicamente composta por camponeses, comerciantes, proprietários de terras e militares. A figura do camponês, porém, era bastante desprezada pelas elites chilenas que naquele momento era formada pelos proprietários de terras e grandes comerciantes. Estes pequenos grupos, que podemos considerar como os formadores da aristocracia colonial³⁸, se preocuparam em estabelecer as posições sociais de forma hierarquizada e atribuíram a cada segmento social o papel que deveria ser desempenhado ao longo do processo de colonização e de emancipação. Entretanto, para que se mantivessem no poder, era necessário que essas elites construíssem também um modelo de povo forte e viril entre os “chilenos” para que fossem capazes de resistir continuamente aos nativos e aos invasores estrangeiros. Como a guerra para a defesa territorial era parte importante do contexto daquela sociedade, a figura aceita para desempenhar o papel de símbolo de bravura que representasse o criollo foi o militar. A imagem de um povo guerreiro foi afirmada pela sociedade chilena com o intuito de construir e consolidar uma identificação entre os integrantes da capitania. No momento em que o Estado estava sendo criado isso não foi

³⁸ GÓNGORA, Mário. *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*. 9. ed. Santiago: Editorial Universitária, 2010.

diferente³⁹ e, como veremos mais adiante, essa construção do “espírito guerreiro” foi fundamental para a nação construída após a independência.

Os esforços para a construção do Estado independente deveria vir com a marca da “grandeza” que foi elaborada durante o período colonial. O criollo⁴⁰ deveria ser considerado o formador da sociedade chilena e para que isso ocorresse, sua imagem foi idealizada como a de um homem corajoso e guerreiro, que não temia as muitas adversidades naturais que acometiam o Chile, como os terremotos e os vulcões, nem as guerras e lutas com outros povos. Outra característica que foi construída e deveria permanecer foi a ideia de “civilidade” do chileno diante da “selvajaria” atribuída aos nativos nas ocasiões em que estes lutavam para se manter em seu território de origem. A vitalidade e a pujança relacionadas à figura dos chilenos, construída no período colonial pelas elites, deveriam ser mantidas como formas de identificação nacional no novo contexto político e social que se desenvolveu durante o século XIX. Para muitos o “chileno” e a “chilenidade”⁴¹ deveriam permanecer e se fortalecer. As elites e a historiografia do século XIX se encarregaram de difundir estes ideais entre os chilenos e obtiveram um relativo sucesso, principalmente quando analisamos a historiografia nacionalista que nos afirma que a “identidade” chilena foi formada antes mesmo da independência.

A construção dessa noção de “chilenidade” utilizou o ideal de homem vigoroso e guerreiro para impor um modelo que deveria ser incorporado por toda a sociedade. Essa perspectiva pode ser justificada basicamente por duas questões; primeiramente o título amplamente divulgado de “Reino do Chile” e, em segundo lugar, a ideia posta por

³⁹ CID, Gabriel e SAN FRANCISCO, Alejandro (Ed.). *Nación y nacionalismo en Chile. Siglo XIX*. Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2009.

⁴⁰ Criollo era o termo utilizado para os filhos dos espanhóis que nasceram nas colônias americanas.

⁴¹ LARRAÍN, Jorge. *Identidad chilena*. Santiago: LOM, 2001.

alguns historiadores, dentre eles Ricardo Krebs, de que “Ao iniciar-se o processo emancipatório, o chileno já possuía uma consciência de sua individualidade, uma incipiente consciência nacional. Por isso a criação do Estado nacional não pareceu um feito contingente e fortuito, mas sim o cumprimento de seu destino histórico.”⁴²

A denominação “Reino do Chile” para a Capitania Geral foi feita pelo rei espanhol Carlos V (1500-1558) quando iniciou o processo de negociações para casar seu filho, o príncipe Filipe, com a rainha Maria da Inglaterra, como explica Diego De Rosales:

Quando Carlos V tentou desde Flandres casar seu filho Filipe, que na época era somente um príncipe, com a rainha Maria da Inglaterra, esta afirmou que não seria bom dar sua mão a ninguém que não fosse rei. O imperador então disse – Pois então façamos do Chile um reino! E desde então ficou com este nome.⁴³

O “reinado” de Filipe não passou de uma conveniência circunstancial, uma vez que nada se modificou na Capitania Geral do Chile. Entretanto, a ideia de ser conhecido como um reino, enquanto o Peru ou o Rio da Prata, por exemplo, não passariam de vice-reinos, agradou de imediato os criollos “chilenos”. Foi um salto importante na imagem da capitania que pode, a partir de então, criar uma identidade com um toque de sofisticação, nobreza e fidalguia contrário à realidade de uma sociedade empobrecida, desigual e miserável como era a Capitania do Chile do século XVI. Essa denominação perdurou por todo o período colonial e pode ser vista na historiografia, mesmo recente, que trata sobre a época. A denominação de reino, porém, não modificou em nada a função administrativa que a capitania desempenhava no contexto colonial.

⁴² KRABS, Ricardo. Orígenes de la conciencia nacional chilena. In: CID, Gabriel; SAN FRANCISCO, Alejandro (Ed.). *Nación y nacionalismo en Chile. Siglo XIX*. Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2009, p.22.

⁴³ DeROSALES, Diego. *Historia general del Reino de Chile, Flandes Indiano*. Tomo I. Santiago: editorial Andrés Bello, 1989, p.58.

Em relação à “incipiente consciência nacional”, como afirmou Ricardo Krebs, podemos perceber também que durante a formação do Estado nacional, independente e republicano, houve um incentivo exacerbado na afirmação de uma “superioridade” do chileno em relação aos demais, principalmente aos seus vizinhos de fronteira. Analisando o momento anterior à emancipação, é possível verificar o discurso “glorioso” feito pelas elites a fim de consagrar a capitania do Chile, destacando seus atributos naturais e enaltecendo seu povo. Para termos uma noção mais precisa desta construção, a obra de Manuel de Salas (1754-1841), que foi alcaide de Santiago e integrante da elite letrada chilena no final do século XVIII, foi citada por Krebs, no já referido livro, como exemplo de um pensamento “nacionalista” que teria se formado ainda na época colonial. Krebs cita um trecho de um dos discursos proferido por DeSalas em que ele retrata o Chile da seguinte forma:

O reino do Chile é sem discussão o mais fértil da América e o mais adequado para a felicidade humana. [...] No espaço, desde Atacama até Concepción, que é a parte ocupada pelos espanhóis, nunca tropeja nem cai granizo, com estações regulares que raríssimas vezes se alteram, é semeado de minas de todos os metais conhecidos, com salinas abundantes, pastos copiosos regados de muitos riachos, mananciais e rios [...] onde existem bons rios e pesca fácil em um terreno capaz de todas as produções e animais europeus [...] é um solo privilegiado, abaixo de um céu benigno e limpo.⁴⁴

O pensamento de DeSalas foi uma forma de diferenciar a capitania dos demais modelos administrativos do império espanhol, mas trouxe consigo o ideal elitista da “superioridade chilena”, que até mesmo em termos naturais, se distinguia no cenário colonial. Ricardo Krebs, ao utilizar o pensamento de DeSalas, demonstra acreditar na formação de um “pensamento nacional” ainda no período em que o Chile era Capitania Geral.

⁴⁴ DeSALAS apud KREBS, Ricardo. *Orígenes de la conciencia nacional chilena*. In: CID, Gabriel; SAN FRANCISCO, Alejandro (Ed.). *Nación y nacionalismo en Chile*. Siglo XIX. Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2009, p.05.

Ao final do período colonial, o habitante do Chile – ou melhor, o homem culto que estava em condições de expressar seus sentimentos – estava convencido de que a sua pátria, destacando-se pela sua beleza e fertilidade, constituía um país quase único e incomparável, perfeitamente individualizado e distinto de outros países americanos ou europeus.⁴⁵

A questão proposta por Krebs nos desafia a entender o tema do nacionalismo e a sua construção no Chile republicano. Sua afirmação é a de que o chileno já possuía uma ideia de pátria e nação no período colonial, ou seja, antes da emancipação. Ele declara ainda que “[...] os chilenos que iniciaram a luta pela independência, a fizeram em nome da pátria, e eles mesmos se nomearam patriotas em oposição aos realistas.”⁴⁶

Porém, este pensamento contraria, por exemplo, José Carlos Chiaramonte⁴⁷ que afirma não ser possível alegar a existência de um sentimento de nacionalidade no período colonial nem mesmo na época da emancipação política. Para Chiaramonte, as nações e as nacionalidades só puderam ser forjadas durante o século XIX, quando os Estados estavam se construindo. Ele indica ainda que os autores que pensam da mesma forma que Ricardo Krebs transferiram para a época das independências uma realidade nacional que só se concretizou em fins do século XIX.⁴⁸ Deste modo, o argumento de Krebs seria anacrônico e não explicaria a construção do nacionalismo no país. O historiador chileno Mario Góngora corrobora com o trabalho de Chiaramonte ao afirmar que o Estado chileno se formou para que depois houvesse a construção do nacionalismo. Góngora afirma ainda que foi “A partir das guerras pela independência e depois, as sucessivas guerras vitoriosas do século XIX, que se foi construindo um sentimento e uma consciência propriamente “nacional”, a “chilenidade”.”⁴⁹ Entretanto,

⁴⁵ Idem, p.07.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado en Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias*. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ GÓNGORA, Mario. *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*. 90ª edição. Santiago: Editorial Universitário, 2010, p.72.

Júlio Pinto e Verónica Valdívía, afirmam que até 1840 “a obrigatoriedade do serviço militar e os perigos que ele representava atuavam como um obstáculo para a articulação de uma identidade nacional associada ao serviço das armas.”⁵⁰ Desta forma, a identificação do chileno enquanto “guerreiro” deve ser relativizada no que concerne à construção da identidade nacional. Acreditamos que as guerras foram importantes para a formação da nação e afirmação da sociedade chilena, mas não somente ela, os discursos nacionalistas também tiveram lugar de destaque nesta construção ao longo do século XIX. Voltaremos a essa discussão ao final deste capítulo, mas para que possamos prosseguir com o nosso estudo devemos compreender um pouco mais do processo emancipatório chileno.

As circunstâncias que levaram o Chile a se constituir em uma república independente foram semelhantes às demais repúblicas sul-americanas.⁵¹ A crise gerada pelas Reformas Bourbônicas, a independência das Treze Colônias Inglesas da América do Norte, a Revolução Francesa e a expansão napoleônica do início do século XIX, fortaleceram as ideias emancipacionistas nas colônias espanholas da América. As elites hispano-americanas em um primeiro momento se levantaram contra a deposição de *El Rey* Fernando VII, imposta por Napoleão Bonaparte ao invadir o território espanhol. Obedecer outro monarca que não fosse o rei da Espanha causou uma forte resistência por parte dos criollos e reinóis na América, pois estes não quiseram se submeter ao império francês.⁵² As juntas autônomas de governos que se formaram nas colônias foi um exemplo da repulsa colonial à nova ordem europeia.

⁵⁰ PINTO, Júlio e VALDÍVIA, Verónica. *Chilenos todos? La construcción social de la nación (1810-1840)*. 2ª edición. Santiago: LOM ediciones, 2014, p.266.

⁵¹ Exceção se faz ao Brasil que se constituiu em um império e não em uma república após a sua independência.

⁵² DeRamón, op.cit.

As elites chilenas também se posicionaram contra a invasão francesa à Espanha. No entanto, não houve unanimidade quanto à independência da Capitania após a restauração de Fernando VII ao trono espanhol e se dividiu. De um lado surgiu um grupo denominado realista, favorável à volta de *El Rey* como soberano do Chile e a manutenção da posição colonial. De outro, um grupo conhecido como patriota era contrário às ideias de continuidade do regime colonial e se levantou para incitar a rebelião contra a Coroa e fazer a independência onde antes fora Capitania Geral. O processo foi lento, repleto de lutas e batalhas entre as duas posições bem como entre as elites formadoras das principais cidades coloniais da época, Concepción e Santiago. Quem substituiria Francisco Antonio Garcia Carrasco, último governador geral nomeado por *El Rey*? A disputa ocorreu entre alguns grupos que se distinguiram durante o período colonial. Os militares de Concepción, que se alinhavam aos grandes proprietários de terras e aos comerciantes das províncias, se opuseram aos ouvidores e fiscais da real Audiência, que representavam Santiago, a capital da Capitania Geral do Chile. Estes, por sua vez, se contrapunham aos grandes comerciantes espanhóis e acirravam o clima de animosidade formado pelos distintos grupos sociais e políticos.⁵³

Nesta fase de incertezas, o primeiro passo dado pelas elites criollas, representada principalmente pelos comerciantes afortunados, foi a convocação de uma assembleia para instaurar a junta de governo provisória. Inicialmente esta junta teria o dever de preservar a capitania até o retorno do rei Fernando VII ao poder na Espanha. Isto ocorreu em 18 de setembro de 1810 e o nome a ser aclamado como presidente da junta de governo foi o do ex-corregedor e rico comerciante criollo Mateo del Toro y Zambrano, um ancião de 85 anos.⁵⁴ Dentre as medidas iniciais do novo governo estava a

⁵³ BARROS ARAÑA, Diego. *História general de Chile*. Tomo XI. Santiago: Editora Cervantes, 1890.

⁵⁴ SALAZAR, Gabriel. *Construcción de Estado en Chile (1800 – 1837)*. 3. ed. Santiago: Editorial Sudamericana, 2011.

abertura dos portos de Valdivia, Talcahuano, Valparaíso e Coquimbo ao comércio livre com as nações estrangeiras que fossem amigas da Espanha ou que se mantivessem neutras. Foi proibido “o comércio livre feito por estrangeiros nos demais portos, bahias e enseadas do reino”⁵⁵ que só poderiam ser utilizados para desembarcar mercadorias, desde que pagassem os devidos impostos. Essa medida acabava com o monopólio espanhol atribuído às suas colônias por meio do pacto colonial e fortalecia a posição dos comerciantes dentro das elites chilenas.

Em abril de 1811 ocorreram as primeiras eleições para os cargos de “representantes do povo” para a assembleia nacional. Os eleitores deveriam ser homens, maiores de 25 anos e proprietários de suas próprias casas, ou seja, os “representantes do povo” se elegeram para representar uma pequena parte da população chilena que preenchia os requisitos necessários para poder representar. As eleições, porém, foram contestadas por aqueles que não conseguiram um lugar na assembleia. Este grupo descontente se fortaleceu e no momento das eleições para a Junta Executiva do Congresso Nacional, que foi considerada fraudulenta, se reuniu para o primeiro golpe de Estado do Chile. Liderados pelos irmãos José Miguel, Luís e Juan José Carreras, militares de uma importante e abastada família, o movimento contrário às eleições para a Junta Executiva se converteu em uma grande rebelião e o golpe foi realizado em setembro do mesmo ano. José Miguel Carreras assumiu o cargo de Presidente da Junta de Governo e passou a governar de forma ditatorial. Para manter-se no poder deu mais dois golpes políticos em menos de um ano e dissolveu a assembleia.⁵⁶

As diferenças entre ele e os aristocratas de Concepción, encabeçados pelo sucessor de Mateo del Toro, Juan Martínez de Rozas, se acirraram e, em dezembro de

⁵⁵ Idem, p.97.

⁵⁶ Idem.

1811, teve início a primeira guerra civil chilena entre tropas de Concepción, lideradas por Rozas e tropas de Santiago lideradas pelo próprio Carreras. Para tentar moderar as diferenças entre os dois grupos entrou em cena o deputado Bernardo O'Higgins, figura importante nas lutas pela independência e reconhecido pelos chilenos como o "Pai da Pátria". José Miguel Carreras saiu vitorioso após a guerra e de volta ao governo, mandou prender Rozas e o enviou à Mendoza, na Argentina, onde morreu pouco tempo depois.⁵⁷

Com a restauração da monarquia borbônica na Espanha, em 1814, os territórios coloniais voltaram a ser foco das atenções de Fernando VII. Os vice-reis do Peru e da Nova Espanha prontamente aceitaram o restabelecimento da coroa e reuniram forças para contra atacar os territórios em que foram estabelecidas as juntas de governos com intenção separatista. O Chile passou a fazer parte do rol dos que se opunham à coroa e lutavam pela emancipação. Neste contexto, o vice-rei do Peru, Fernando de Abascal, decidiu, por iniciativa própria, enviar tropas ao Chile. O exército liderado por forças leais ao chileno José Miguel Carreras sofreu repetidas derrotas e obrigou o mandatário a entregar a tarefa de resistência e o mando militar a Bernardo O'Higgins. Porém, as derrotas se sucederam e a relação entre os dois foi se deteriorando até ocasionar uma hostilidade severa que os acompanhou por todo o processo de independência. Em 1814, as tropas realistas derrotaram os patriotas, conquistaram novamente o território chileno e finalizaram à primeira etapa deste processo.⁵⁸

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ ENRÍQUEZ, Lucrecia. De la monarquía a la república: Chile en América durante la primera mitad del siglo XIX. In STUVEN, Ana Maria; PAMPLONA, Marco. *Estado y nación en Chile y Brasil en el siglo XIX*. Santiago: Ediciones UC, 2009.

Bernardo O'Higgins e os irmãos Carreras, junto com suas famílias cruzaram as cordilheiras e se refugiaram em Mendoza. José Miguel resolveu ir para os Estados Unidos em busca de reforços e dinheiro para uma contra ofensiva às tropas realistas. Enquanto isso, Bernardo O'Higgins se reuniu com o argentino José de San Martín a fim de planejar um contra ataque ao território chileno. Uma ação conjunta com os argentinos, liderados por José de San Martín, aumentariam as chances de vitória e, conseqüentemente, a chance de conseguir a emancipação. O plano era atacar de surpresa as tropas realistas que defendiam o território da Capitania do Chile em maior número. Em fevereiro de 1817, o exército de San Martín cruzou as cordilheiras e se juntou às tropas lideradas por O'Higgins. Ao chegarem a região de Chacabuco, perto de Santiago, as forças de libertação conduzidas pelos patriotas empreenderam uma batalha sangrenta que resultou na derrota das tropas realistas. O'Higgins marchou triunfante até a capital, Santiago, e a tomou em nome dos vencedores patriotas. Outras batalhas se sucederam entre as duas forças e finalmente os patriotas conquistaram de volta o território perdido para os realistas.

A Batalha de Maipú (1818), também nas redondezas da capital Santiago, foi o marco dessas vitórias, pois impôs uma derrota avassaladora sobre os realistas. Os representantes da Coroa espanhola foram obrigados a reconhecer a sua derrota e depuseram as armas. O argentino José de San Martín entregou o comando das tropas chilenas nas mãos de O'Higgins e seguiu em sua missão libertadora rumo ao Peru. Em 16 de fevereiro de 1817, Bernardo O'Higgins aceitou o cargo de Diretor Supremo do Chile. José Miguel Carreras retornou com uma diligencia de voluntários norte-americanos e com armas para lutar, mas já não era necessário. Ele foi preso preventivamente por receio de que tentasse mais um golpe para retomar o poder, mas conseguiu fugir e se refugiar em Montevidéu. Luís e Juan José Carreras foram fuzilados

em Mendoza sob o pretexto de que estariam planejando um levante contra O'Higgins. Alguns anos mais tarde, em 1821, o próprio José Miguel foi preso perto de Mendoza e também fuzilado a mando do Diretor Supremo do Chile. Neste momento, a popularidade de Bernardo O'Higgins declinou drasticamente, devido principalmente a crise econômica pela qual passava o país, os aumentos sucessivos de impostos e as acusações de assassinato contra os Carreras. Em 1823 O'Higgins renunciou ao cargo de Diretor Supremo e se exilou no Peru, onde faleceu em outubro de 1842.⁵⁹

O Chile passou por um período conturbado e turbulento a partir do exílio de O'Higgins no Peru. A sucessão de Diretores Supremos e Presidentes, interinos ou eleitos, se tornou uma prática constante durante toda a década de 1820 no país. Os membros da Assembleia Nacional se dividiram em duas facções: de um lado os “pelucones” ou conservadores e de outro os “pipiolos” ou liberais. Os “pelucones” formavam um partido conservador, que defendia um governo forte e centralizado, ligado às tradições coloniais, e que representava a permanência das famílias tradicionais do Chile no poder. Os “pipiolos” eram os representantes dos jovens intelectuais, dos militares e dos funcionários públicos. Este partido se formou logo após a queda de Bernardo O'Higgins e a intenção de seus integrantes era construir no Chile uma república liberal nos moldes dos ideais da Revolução Francesa, ou seja, “livre, democrática e verdadeira, com a conseqüente liberalização das instituições sociais e a dissolução das tradições”⁶⁰. Além disso, houve uma disputa acirrada entre os representantes de Santiago e os representantes das demais províncias chilenas. Gabriel Salazar afirma que “a constituição de 1823 foi [...] no plano político a representação confusa, mas direta dos interesses centralistas e aristocráticos dos deputados de

⁵⁹ BARROS ARAÑA, Diego. *História general de Chile*. Tomo XI. Santiago: Editora Cervantes, 1890.

⁶⁰ *História política legislativa del congreso nacional de Chile*. In: http://historiapolitica.bcn.cl/partidos_politicos/wiki/Pipiolos. Acesso em 03/11/2015.

Santiago.”⁶¹ Acrescenta também que o processo de promulgação da Carta Magna foi apressado pelos deputados santiaguinos e deixou de apresentar o aspecto democrático que deveria ser estabelecido no processo de constituição do novo Estado. “Deste modo, um mês depois de sua promulgação, a Constituição de 1823 se converteu em um forte motivo de discórdia.”⁶²

Diante deste cenário que se tornou cada vez mais caótico, a figura do general Ramón Freire, que junto com Bernardo O’Higgins participou de várias batalhas importantes durante a independência, apareceu como parte da “solução” contra a discórdia que preponderava naquele momento. Freire era liberal e provinciano, mais especificamente do sul do Chile, portanto não fazia parte da aristocracia que dominava o congresso. Sua indicação para substituir O’Higgins no cargo de Diretor Supremo foi aceita de imediato, mas as limitações que a nova constituição conservadora lhe impuseram fez com que ele criasse uma indisposição com o Congresso que quase chegou a um conflito de fato. Ademais, a insatisfação por parte da maioria da população com a nova Carta crescia cada vez mais. O impasse estava criado e em uma tentativa de conseguir se legitimar no poder, Freire pediu exoneração do cargo para forçar os conservadores a rever o texto constitucional. Em um primeiro momento essa ideia foi repudiada pelos conservadores que temiam uma revolta generalizada por parte da população. Ramón Freire então permaneceu no poder até 1826, mas perdeu força e foi destituído do cargo. Retornou alguns meses mais tarde como presidente eleito e continuou em sua proposta de transformar o Estado chileno em um Estado liberal, no

⁶¹ SALAZAR, Gabriel. Op.cit., p, 227.

⁶² Idem.

qual as tradições coloniais defendidas pelos conservadores daria lugar aos ideais de liberdade e democracia, propostos pela Revolução Francesa.⁶³

Uma nova constituição foi promulgada em 1828, durante o governo de Francisco Antonio Pinto (1827-1829), ex-ministro de Freire. A nova Carta de caráter liberal gerou descontentamento nos conservadores que não acreditavam em sua eficácia. Diante das dificuldades econômicas, pois o Chile contraía uma enorme dívida externa para fazer a independência, e das dificuldades políticas que se configuravam no momento, um novo confronto entre as forças políticas antagônicas estava prestes a acontecer. Batalhas voltaram a ocorrer entre as duas partes e a instabilidade retornou ao cenário chileno. A década de 1820 foi concluída dentro deste contexto, mas a partir de 1831, com as eleições do presidente José Joaquim Prieto, esta conjuntura se transformou significativamente.⁶⁴

1.2. A consolidação dos ideais conservadores no Chile

Passados os primeiros anos da independência, o Chile prosseguiu no processo de consolidação de seu Estado nacional. Parte da historiografia chilena percebe este período como sendo de uma forte estabilidade interna. Esta concepção, bastante difundida, utiliza o argumento da estabilidade quando compara o processo de formação do Chile aos processos de formação nacional pelo qual passaram, por exemplo, os países vizinhos. Lucrecia Enríquez, por exemplo, nos informa que “O Chile é um caso peculiar dentro da história das repúblicas surgidas com a desintegração da monarquia espanhola, devido à rapidez com que se construiu de forma estável.”⁶⁵

Simon Collier, outro estudioso do assunto também afirmou que:

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ ENRÍQUEZ, Lucrecia. De la monarquía a la república: Chile en América durante la primera mitad del siglo XIX. In: STUVEN, Ana Maria; PAMPLONA, Marco. *Estado y nación en Chile y Brasil en el siglo XIX*. Santiago: Ediciones UC, 2009, p.59.

De uma perspectiva importante, a história do Chile do século XIX era, na verdade, uma exceção surpreendente ao padrão normal da América hispânica. Nos quinze anos transcorridos desde a independência, os políticos chilenos estavam construindo um sistema de governo constitucional que demonstraria notável pela sua duração e adaptabilidade.⁶⁶

Demais autores como Mário Góngora, Alejandro San Francisco e Gabriel Cid (para citar alguns dentre vários) compartilham deste pensamento e alegam que o Chile se distinguiu das demais ex-colônias devido à estabilidade interna alcançada após a independência. Entretanto, por mais difundida que seja essa ideia não é unanimidade como aparenta ser. Alguns historiadores como, por exemplo, Gabriel Salazar considera esta estabilidade interna do Chile durante sua formação republicana um dos mitos fundacionais do país. Ele afirma que:

Na verdade, a suficiência da categoria *orden em si* tem sido subentendida, proclamada e aplicada, tanto ontem como hoje [...] a suficiência e oficialidade da categoria *orden em si* terminou por dar vida ao mais celebre mito da memória política chilena: aquele que diz que a ordem constitucional teve no Chile uma *estabilidade* e uma *duração* exemplares, configurando um caso excepcional em relação a qualquer outro país da América Latina.⁶⁷

Gabriel Salazar demonstrou em seu estudo que o período de construção do Estado foi turbulento, com diversas guerras civis e fortes movimentos de resistência por parte dos diversos grupos sociais que não foram incluídos nos planos de “construção nacional” arquitetado pelas elites.⁶⁸

Ao analisarmos a forma como o processo de formação do Estado ocorreu, é preciso considerar que a estabilidade interna, defendida por alguns autores, fez com que o governo do Chile recorresse a um projeto político em que o autoritarismo e a força repressora do Estado foram amplamente utilizados e sentidos pela população. Manter a ordem e combater o caos era na concepção da oligarquia chilena que detinha o poder, o

⁶⁶ COLLIER, Simon *et al.* *Chile desde la independencia*. Santiago: Ediciones UCSH, 2009, p.09.

⁶⁷ SALAZAR, Gabriel. *Op.Cit.* p.14.

⁶⁸ *Idem.*

mais importante a se fazer. As três décadas subsequentes a de 1820 tiveram essa característica. De 1831 a 1856 os conservadores permaneceram à frente do governo do Chile. A sucessão de três presidentes que cumpriram dois mandatos respectivamente foi o caminho encontrado pelos defensores da “civilidade chilena” para realizar tal projeto. Neste novo cenário, onde a ordem interna deveria ser mantida obrigatoriamente, a figura do comerciante Diego Portales se destacou de forma preponderante na construção da estrutura da nação.

Diego Portales y Palazuelos (1793-1837) foi um rico comerciante de Valparaíso, além de político e Ministro de Estado. Ocupou as pastas dos ministérios do Interior, das Relações Externas e da Marinha e Guerra. Obteve o monopólio do comércio de estanco, que era a importação e distribuição do tabaco, aguardente, licores, chá e outros produtos, quando o governo proibiu a venda destes artigos por qualquer pessoa. Ao entregar o comércio de estanco para uma empresa somente, o governo chileno passou a controlar o pagamento de impostos sobre as vendas efetuadas. Entretanto, o controle das vendas destas mercadorias não significou uma fonte de lucros extraordinários para Portales, uma vez que a concorrência com os contrabandistas quase o levou a falência.

O legado mais importante que o monopólio desses produtos deixou para Portales foi o prestígio e a influência que ele conseguiu junto às elites do país. Sua participação política foi notadamente mais significativa do que a sua posição como comerciante. Entre as suas realizações esteve o apoio e financiamento ao grupo dos conservadores para por fim aos conflitos ocorridos no final da década de 1820, a sua participação ativa na configuração das instituições do Estado chileno e o auxílio na efetivação das normas repressivas utilizadas para a contenção dos opositores ao governo. De acordo com ele mesmo, a sua decisão em se envolver na política era para obter a ordem interna

necessária que permitiria governar e fazer progredir sua “querida pátria”⁶⁹. Para que isso ocorresse, Portales se envolveu diretamente na política e participou da elaboração do projeto de nação proposto para o Chile recém-independente. Suas ideias foram interpretadas ao longo do tempo por muitos pesquisadores como uma ideologia, a ideologia portaliana, e é atribuído a ele o modelo de administração austera que se perpetuou ao longo da história do país. Este pensamento conservador e rígido desenvolvido por Portales ao longo de sua vida pode ser percebido na carta que ele enviou ao seu sócio, em março de 1822, enquanto se encontrava em Lima por motivo de trabalho:

Para mim as coisas políticas não me interessam, mas como bom cidadão, posso opinar com toda liberdade e ainda censurar os atos do governo. A democracia que apregoam os iludidos é um absurdo em países como os americanos cheios de vícios e onde os cidadãos carecem de toda a virtude necessária para se estabelecer uma verdadeira república. [...] A república é o sistema que deve ser adotado, mas sabe como eu a entendo para estes países? Um governo forte, centralizador, cujos homens sejam verdadeiros modelos de virtude e patriotismo, para conduzir os cidadãos pelo caminho da ordem e das virtudes. Quando forem moralizados, poderá vir um governo completamente livre e cheio de ideais, onde terá parte todos os cidadãos. Isto é o que eu penso e todo homem medianamente criterioso também pensará.⁷⁰

O pensamento de Portales serviu para delinear o projeto de nação que estava sendo construído. Porém, não há consenso na historiografia em relação a isso, ou seja, de que realmente existiu uma ideologia portaliana. Todavia a afirmação de que criou uma ideologia encontra oposição naqueles que consideram a palavra forte demais para representar o ideal portaliano. De uma forma ou de outra, os argumentos a favor e os argumentos contrários a esta classificação são bastante persuasivos. A corrente que diz ser um “mito” a ideologia portaliana admite que ele influenciou de forma consistente o momento histórico em que viveu, e que apesar de não ter sido o responsável pela configuração do Estado chileno ele, como tantos outros membros das elites, deixou seu

⁶⁹ GÓNGORA, Mario. Op.cit.

⁷⁰ PORTALES, Diego apud DeRAMÓN, Armando. Op.Cit., p.73.

legado na construção do país.⁷¹ Os defensores da concepção de que Diego Portales lançou os alicerces para a formação do pensamento conservador chileno se justificam ao perceber os desdobramentos deste pensamento na formação do Estado autoritário que imperou no Chile a partir da constituição de 1833, quando ele ainda fazia parte do ministério do então presidente José Joaquim Prieto.⁷²

O ponto em comum que une as duas posições historiográficas distintas sobre a figura de Diego Portales é a sua relevante participação na conformação da nova nação, seja do ponto de vista econômico, por ser ele um importante representante da elite comerciante chilena, ou da perspectiva de sua participação ativa nos governos de sua época. Se observarmos o argumento utilizado por Mário Góngora em seu livro *Ensayo histórico sobre la noción de Estado em Chile em los siglos XIX y XX*, poderemos perceber que o pensamento portaliano elaborado na primeira metade do século XIX foi difundido por muito tempo no Chile. Góngora ressalta, utilizando o trabalho de Alberto Edwards⁷³, que:

A concepção fundamental de Portales consiste em restaurar uma ideia nova, mas já utilizada, de obediência incondicional dos súditos ao Rei da Espanha, durante a época colonial. Agora, porém, se implantava uma nova obediência dirigida àqueles que exerciam a autoridade legítima, desde que legal.⁷⁴

E complementa a afirmação de Edwards argumentando que essa “ideologia” seria a responsável por justificar a diferenciação do processo de construção do Estado

⁷¹ SALAZAR, Gabriel. Op.Cit.

⁷² GÓNGORA, Mário. *Ensayo histórico sobre la noción de Estado em Chile em los siglos XIX y XX*. 9. ed. Santiago: Editorial Universitária, 2010.

⁷³ Alberto Edwards nasceu e viveu em Valparaíso. Era primo irmão de Agustín Edwards McClure, quem inaugurou o *El Mercurio* em Santiago, e bisneto de Jorge Edwards Brown, patriarca da família Edwards no Chile. Foi político, ensaísta, jornalista e historiador. Sua obra *La fronda aristocrática* (1927), citada por Mario Góngora, foi de grande importância para a historiografia chilena sobre a formação da nação pós-independência. Alberto Edwards era grande admirador do legado de Diego Portales no Chile e defendia veementemente a existência do Estado portaliano nas primeiras décadas da república. In: GAZMURI, Cristián. *La historiografía chilena (1842-1920)*. Santiago: Taururs, 2006.

⁷⁴ Idem, p.74.

chileno, frente aos demais países que se formaram na América do sul após a independência:

De forma efetiva surge desde 1830 um governo forte, estranho ao militarismo e ao caudilhismo dos tempos da independência, que estabelece na Constituição de 1833 que o Chile é uma República democrática representativa, e que afirma a sua legitimidade em quem for eleito segundo um mecanismo leal que rege o país de forma legal.⁷⁵

Este governo forte descrito por Góngora, que age de acordo com os interesses das elites, estava afinado com os ideais de Portales, pois condiziam com a sua concepção de que o Chile só seria um país respeitável se a autoridade exercida pelos governantes obtivesse o mesmo efeito da autoridade de Deus sobre seus súditos, em uma espécie de “absolutismo republicano”. Imbuído de um espírito aristocrático, acreditava que as pessoas comuns não tinham capacidade de gerir um Estado eficiente, e para que o Estado pudesse se impor era necessário investir na preparação da força repressora do próprio Estado a fim de conter os ímpetos “selvagens” do povo. Não foi por acaso que ele exerceu o cargo de ministro do Interior e da Guerra por tanto tempo. Sua intenção era deixar registrado no cerne das instituições chilenas àquilo a que Góngora se referiu como sendo “a distinção entre homens bons e maus”, entre patrióticos e baderneiros. Para Portales, essa distinção entre bom e mau era possível, pois:

Os bons são os homens ordeiros, os homens de bom senso e que pensam. São os homens de conhecido equilíbrio, de notório amor pelo país e que tenham as melhores intenções. Os maus, sobre quem deve recair o rigor absoluto da lei, são os foragidos, os néscios e os perversos, aludindo sem dúvida aos pipiolo (liberais) e aos conspiradores de qualquer facção.⁷⁶

O ideal portalino sustentou o princípio de que apenas um grupo social que se distinguisse dos demais pela maior “capacidade” de atuação, poderia exercer autoridade em um governo. No Chile da década de 1830 essa “capacidade” se resumia em força

⁷⁵ Idem, p.75.

⁷⁶ PORTALES, Diego apud GÓNGORA, Mario. Idem, p.78.

para subjugar o restante da população. O ministro ainda se apoiou na ideia de que o Chile era, ou deveria ser, superior à seus vizinhos e foi o incentivador do primeiro conflito internacional envolvendo Peru e Bolívia.⁷⁷

Na guerra contra a Confederação Peru-Boliviana⁷⁸ (1836-1839), Portales se pôs a frente das decisões que efetivamente geraram o conflito. De acordo com ele era inadmissível que o Chile deixasse seus vizinhos se fortalecerem sem que houvesse uma intervenção preventiva de seu país. Permitir a união das duas nações como queria o mandatário da Bolívia, Andrés de Santa Cruz, era perigoso e poderia deter o avanço do progresso chileno na região do Pacífico. Quanto mais rápido a confederação fosse destruída, melhor seria para o Chile. A decisão de Portales, e por sua vez do presidente José Joaquín Prieto, de levar a cabo o conflito, não contou com o apoio de grande parte dos políticos e dos militares naquele momento. Ao contrário, a declaração de guerra à Confederação gerou uma tensão interna que custaria a vida do próprio ministro.

Descontentes com o rumo que a guerra havia tomado, uma tropa comandada pelo coronel José Antonio Vidaurre sequestrou e assassinou Diego Portales em junho de 1837. Seus algozes estavam descontentes com a peleja que para eles não passava de uma falácia armada pela intriga e tirania do governo, portanto vidas seriam poupadas se o criador da discórdia fosse executado. Apesar da perda de seu principal articulador, a guerra prosseguiu até o ano de 1839, quando o Chile obteve a vitória. Esse conflito marcou o início das animosidades entre os três países que só aumentou ao longo do

⁷⁷ Idem, p.80-83.

⁷⁸ A guerra contra a Confederação Peru-Boliviana foi o enfrentamento ocorrido entre a Confederação Peru-Boliviana (instaurada pelo boliviano Andrés de Santa Cruz e políticos peruanos que viam vantagens na união dos dois países), e as forças do Exército Restaurador, formado por chilenos e peruanos contrários à implantação de uma confederação entre Peru e Bolívia.

século XIX tendo seu clímax na Guerra do Pacífico que será analisada no próximo capítulo.⁷⁹

Em relação à morte e o legado de Portales, as opiniões são diversas. Para Armando de Ramón,

A república continuou governada com mão de ferro e o exercício do poder seguiu sendo praticado dentro do modelo de uma ‘ficção democrática’ eficiente para manter o controle, mas de forma habitual e sem dinamismo, a medida que o poder saía das mãos daqueles homens tidos por modelos de virtude e patriotismo, e ia passando a grupos econômico interessados em seus próprios negócios ou a famílias orgulhosas e esnobes.⁸⁰

Mario Góngora ressalta que o pensamento de Portales se manteve vivo ao longo do século XIX nos ideais da oligarquia chilena que não deixou o poder e nem se afastou das riquezas que o país poderia oferecer. Esta oligarquia foi quem perpetuou o ideal de progresso e “civildade” da sociedade, que o Estado tanto se esforçou para construir. O ideal portaliano legitimou todas as ações repressivas e violentas oriundas do governo com o objetivo de cercear os direitos dos menos favorecidos. Góngora afirma também que este grupo, denominado por ele de oligarquia, aristocracia ou simplesmente elites, se configurou durante o período em que o Chile foi Capitania Geral, com os grandes proprietários de terra e mineradores, e que continuou ao longo da construção republicana nas figuras dos proprietários das companhias exploradores de minerais no norte, dos grandes comerciantes e dos banqueiros de Santiago e Valparaíso, como foi o caso de Agustín Edwards dono do jornal *El Mercurio de Valparaíso*, objeto de nossa investigação.⁸¹

⁷⁹ CID, Gabriel. *La guerra contra la confederación. Imaginario nacionalista y memoria colectiva en el siglo XIX chileno*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2011.

⁸⁰ DeRAMÓN, Op.Cit., p.75.

⁸¹ GÓNGORA, Mario. Op.Cit., p.82-85.

O autor Gabriel Salazar, por sua vez, acentua que “As ideias políticas de Portales foram essencialmente individuais e continham uma negação evidente dos princípios sustentados pelos oficiais de [Batalha] Maipo”, em referência ao ideal patriótico defendido durante as batalhas pela independência. Para Salazar, o pensamento de Diego Portales era a imposição do “despotismo de um homem só”, do autoritarismo e da prepotência de um aristocrata que se preocupava em manter sua posição social. O autor afirma ainda que as concepções portalinhas eram o oposto dos ideais defendidos durante o processo de independência do Chile, além de ter configurado uma traição àqueles que haviam “afincado sua honra e prestígio” na luta por um país soberano.⁸²

Se defensor de um princípio nobre ou articulador sórdido de seus próprios interesses, a questão é que Diego Portales retratou o pensamento aristocrático que permitiu às elites chilenas construir uma imagem de superioridade que não condizia com a realidade do país. Um povo reprimido, sem direitos de fato, sem representação, vivendo em condições precárias e sem acesso a riqueza que o país produzia, foi obrigado a se submeter ao mando de seus representantes por vontade própria ou pela força.

Os anos que se seguiram ao conturbado período das décadas de 1820 e 1830 foram de relativa tranquilidade interna e externa. Após o término da guerra contra a Confederação Peru-Boliviana, o Chile voltou a sua atenção para a necessidade de construir uma base republicana forte, ainda que com um caráter conservador, que possibilitasse a consolidação dos ideais de nação criados por seus governantes. O despertar do “espírito nacional” adquirido após a vitória na guerra alavancou o projeto liberal para a concretização da nação. A constituição de 1833, que permaneceu praticamente inalterada até 1925, corroborou com o desejo de fazer do país um Estado

⁸² SALAZAR, Gabriel. Op.Cit., p,407.

autônomo e soberano diante dos demais, bem como desenvolver a economia com o propósito de atender e garantir os interesses destes grupos sociais abastados.⁸³

Os governos de José Joaquín Prieto (1831-1841), Manuel Bulnes (1841-1851) e Manuel Montt (1851-1861) foram a efetivação deste projeto republicano liberal que se caracterizou pelo repúdio das camadas menos favorecidas da sociedade na participação política e social do novo Estado que “Institucionalizou a vontade de uma oligarquia quase nos mesmos termos com que o Estado Imperial formalizou a vontade do Rei. Porém, não para unir, como no caso deste, mas para consolidar a divisão.”⁸⁴ Para legitimar o projeto oligárquico em questão foi inaugurado um período em que a elite letrada chilena se esmerou em propagar por diversos meios, a forma com que o Estado estava sendo preparado e como deveria ocorrer o desenvolvimento da nação. Seguindo as ideias de Portales, o país deveria ser administrado por “bons” chilenos, comprometidos em difundir os princípios morais tão caros a essas elites.

Os grupos que compunham a aristocracia ou oligarquia chilena estavam convencidos de que o modelo de vida social e cultural europeu, principalmente o francês e o inglês, deveriam ser adaptados ao Chile. Assemelhar-se à Europa industrializada fazia parte do projeto nacional e para que isso ocorresse no novo país a relação com os dois países, principalmente a Inglaterra, deveria ser incentivada. Esta aproximação com os britânicos traria ao Chile um grande desenvolvimento ao processo de implantação industrial, que até a metade do século XIX era incipiente. Porém, este desejo de transformar o Chile em uma potência “desenvolvida”, de acordo com o modelo europeu, esbarrou na questão social. Muito pouco foi feito para que a população em geral se adequasse aos padrões de “civildade” e “cultura” estabelecidos e moldados

⁸³ STUVEN, Ana María. Op.cit., p. 290.

⁸⁴ SALAZAR, Gabriel e PINTO, Julio. *História contemporânea de Chile*. Vol.I. Santiago: LOM ediciones, 2012.

pelas elites. A pobreza, a falta de recursos e o descaso das autoridades em relação às classes mais baixas da população impediu que se fizesse um programa efetivo de crescimento nacional. O atraso e as más condições de vida continuaram a fazer parte do cotidiano da população chilena durante todo o século XIX.⁸⁵

Em relação à economia, o historiador Luís Ortega nos informa que “entre 1850 e 1875 se registou no Chile uma expansão econômica notável [...] o período redundou no crescimento da produção e da produtividade em alguns setores da economia.”⁸⁶ Podemos entender essa expansão analisando três setores fundamentais da produção de riqueza do país: a agricultura, o comércio e a mineração. O primeiro foi estabelecido quando o Chile ainda era parte da Coroa espanhola. Durante quase todo o período colonial a produção de alimentos foi a base do desenvolvimento local, tendo na cultura de grãos, principalmente o trigo, seu maior expoente. O clima temperado e as terras férteis de formação vulcânica criaram um ambiente ideal para o crescimento deste tipo de cultura. Encarregado de abastecer primeiramente o vice-reino do Peru, e posteriormente o vice-reino do Rio da Prata, a produção agrícola chilena teve um papel fundamental na dinâmica colonial na América Hispânica. Os colonos encarregados de povoar a novo território encontraram na agricultura uma forma de ocupar efetivamente as terras próximas às Cordilheiras dos Andes. Com a atenção de *El Rey* voltada principalmente para o Peru e suas montanhas de minerais preciosos, os proprietários de terras da capitania descobriram uma forma de se estabelecer na hierarquia colonial por meio da produção agrícola. Ter terras na capitania era ter poder e a aristocracia rural aproveitou a oportunidade para se enriquecer e se afirmar no topo da hierarquia social,

⁸⁵ ORTEGA, Luis. Op.cit. p,3.

⁸⁶ Idem.

sendo responsável, junto com os demais representantes da oligarquia chilena, pelo projeto nacional que seria instaurado no país.⁸⁷

O segundo setor incumbido de assegurar o crescimento econômico do Chile foi o comércio. As exportações e importações de mercadorias e bens de consumo se concentravam nas *Casas de Importación y Exportación* localizadas principalmente nas cidades de Valparaíso e Santiago. Os comerciantes dessas duas cidades detinham o controle de grande parte da movimentação financeira feita no país durante esses primeiros anos de república. As elites comerciais do porto passaram a ter destaque no cenário nacional e grandes fortunas emergiram com o fortalecimento do mercado no Chile:

O comércio exterior ao longo deste período estava controlado em grande parte por várias dezenas de Casas de Importação e Exportação localizadas em Valparaíso e na capital; estas contribuíram muito na construção do novo mercado monetário, e permaneceram sendo influentes no setor corporativo da economia em desenvolvimento.⁸⁸

Os valores da aristocracia chilena estavam plenamente pautados na propriedade privada e a forma de demonstrar a prosperidade que acometia o país era a acumulação de capital por parte destes grupos que representavam a minoria da população. Porém, tal atitude gerou um nível de desigualdade social que perdura até os nossos dias.⁸⁹

O terceiro setor importante na economia do Chile do século XIX foi a mineração. Durante o período colonial, a exploração mineral no território foi limitada e discreta, se comparado à quantidade de metais preciosos que era explorado no Vice-reino do Peru, por exemplo, ou a pujança que teve a exploração mineral a partir de sua descoberta no norte do país. Ao longo do século XVIII, “pode-se apreciar um ressurgimento da mineração, especialmente do ouro, da prata e do cobre; este último

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

começou a ser produzido em importantes quantidades nas províncias do norte como La Serena e Atacama.”⁹⁰ O Norte Chico, como é conhecida essa região, foi responsável pela formação de várias fortunas no Chile, principalmente a partir da independência, quando a coroa espanhola perdeu o controle sobre as jazidas descobertas e a exploração passou a ser concedida a particulares. Essa oligarquia mineradora se incorporou rapidamente à burguesia santiaguina que exercia o poder no país. Porém, como veremos adiante, a exploração mineral ganhou um impulso maior a partir do momento em que extrapolou os limites territoriais do país e se instalou nos territórios da Bolívia e do Peru.

O país manteve-se nesta posição confortável durante esse período até a grande recessão que sobreveio no ano de 1874. O mercado internacional iniciou uma trajetória descendente no preço dos produtos exportados pelo Chile, principalmente o trigo. A queda ocorreu em parte pelas perdas reais do produto em duas colheitas mal sucedidas e em parte pelo aumento da concorrência dos produtores argentinos, canadenses e estadunidenses. Fatores climáticos também interferiram no bom desempenho da produção e foram os principais responsáveis pela devastação da colheita chilena de trigo destinada ao mercado internacional no ano de 1873. Concomitantemente a isso, o aumento da produção do grão por parte da concorrência externa tomou a fatia do mercado atribuída à oligarquia agrária chilena. Neste mesmo ano, “as exportações feitas pelos Estados Unidos se constituíram no principal fator do comércio internacional do trigo.”⁹¹

⁹⁰ DeRAMÓN, Armando. Op.Cit. p,49.

⁹¹ ORTEGA, Luis. Op.cit. p,359.

Inserido nestes três setores estava Agustín Edwards Ossandón, dono do jornal *El Mercurio*, que construiu seu patrimônio em Valparaíso e em outras regiões do país, por meio de diversos investimentos e aquisições. Para termos ideia da grandeza de sua fortuna, em seu inventário estão arrolados, dentre outras coisas, 49 propriedades em Valparaíso, 13 chácaras no Valle Central, ações em sociedades anônimas, capitais em sociedades de participação limitada, devedores em escrituras públicas, devedores em contas correntes, barras de cobre, mineradoras, bancos etc, que chegavam a perfazer 4,78% do PIB chileno em 1880. Se calculado o valor em dólares americanos, o total daria a quantia de 3,2 milhões de dólares em valores de sua época, o que fez dele um dos homens mais ricos da história do Chile.⁹²

Filho de imigrante inglês e mãe chilena, Agustín Edwards Ossandón nasceu em La Serena no ano de 1815 e iniciou seu próprio negócio aos vinte anos de idade na cidade de Vallenar. Naquela época a mineração estava se desenvolvendo muito rapidamente com a descoberta de jazidas de cobre e prata no chamado Norte Chico. Em 1837 mudou-se para a cidade de Copiapó, centro de todas as operações mineradoras, e começou a diversificar seus negócios: “Rapidamente, Agustín Edwards se converteu no principal financiador do mundo mercantil e minerador de Copiapó.”⁹³ Em pouco mais de uma década se tornou um dos homens mais ricos do país e financiou a construção da linha de ferro que ligava Copiapó ao porto de Caldera. Casou-se no ano de 1851, aos 36 anos de idade, com sua sobrinha Juana Ross Edwards e transferiu-se para a cidade de Valparaíso, “capital financeira e mercantil do país.”⁹⁴

⁹² AHUMADA, Ricardo. *La fortuna de Agustín Edwards Ossandón: 1815-1878*. In: *História*. Universidad Católica de Chile, vol. 33, p. 369-415, 2000.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Idem.

Em janeiro de 1867, Agustín Edwards Ossandón fundou o primeiro banco chileno, a Casa Bancária Agustín Edwards y Cia., onde era o único sócio capitalista. Adquiriu inúmeros imóveis na cidade de Valparaíso e em 1872, obteve a concessão para construir a linha de ferro que ligava a cidade de Antofagasta até as salitreiras do interior. “Surgia então a Compañía de Ferrocarril y Salitre de Antofagasta S.A., com um capital de \$2.5000.000 pesos dividido em 2.500 ações de mil pesos, sendo seu principal acionista Agustín Edwards Ossandón, com 42,16% do capital acionário.”⁹⁵ Foi deputado no período de 1871-1876 e senador no mandato de 1876-1879, não concluindo o mesmo devido a uma enfermidade no coração que o levou a óbito em janeiro de 1878.⁹⁶

Ao mesmo tempo em que a economia do Chile dava sinais de exaustão, o cenário político do país passou por uma séria agitação devido ao anúncio da candidatura à presidência da república do ex-prefeito de Santiago, Benjamín Vicuña Mackenna. Com um estilo próprio e uma nova maneira de elaborar a campanha eleitoral, Mackenna chamou a atenção por fazer promessas à população e entregar um manifesto público em que se comprometia a cumprir cabalmente o que fora prometido durante a campanha. O partido liberal, no poder desde 1861, desejava fazer seu sucessor e viu a candidatura de Mackenna como um forte empecilho que deveria ser contido. “Na realidade, as promessas ‘vicuñistas’ eram tão espetaculares como radicais para a época, e tanto elas como o seu estilo de campanha, que incluía atos públicos com a presença de milhares de pessoas, causaram preocupação nos correligionários da elite e na cúria.”⁹⁷ Sua principal proposta era a instauração de um Estado laico, com a criação do registro civil e o fim dos privilégios eclesiásticos. Entretanto, o estardalhaço feito pelo candidato não surtiu o

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Idem.p,355.

efeito desejado e não foi o suficiente para fazer frente ao candidato do governo Aníbal Pinto. Longe de ser a solução perfeita, a continuidade do governo liberal não conseguiu reverter as dificuldades pelas quais o país passava naquele momento. Com problemas internos de ordem política, econômica e social, o Chile se encontrava em uma posição delicada que só seria contornada com o princípio da Guerra do Pacífico, três anos mais tarde. De acordo com Luis Ortega, “somente a declaração de guerra iniciou um período econômico completamente diferente ao precedente, relegando a intensa crise interna ao esquecimento.”⁹⁸

Ao final da Guerra do Pacífico, o Chile obteve um ganho territorial notável. As áreas ricas em mineral que pertenciam ao Peru e à Bolívia foram incorporadas ao território chileno e passaram a ser exploradas por empresas particulares de capital majoritariamente estrangeiro. Seus donos fizeram verdadeiras fortunas com a venda dos minerais existentes na região e, ainda hoje, continuam se enriquecendo. Os anos que se seguiram ao conflito foram difíceis em vários aspectos. Os prejuízos causados ao erário pelas despesas de guerra, o auto índice de perdas de pessoas com capacidade para trabalhar, devido à morte ou invalidez, e a guerra civil de 1891, deixaram o país em crise. O sucessor do presidente Domingos Santa Maria (1881-1886), José Manuel Balmaceda (1886-1891), se envolveu em um conflito interno com seus opositores do Congresso Nacional que o levou a renunciar o do cargo presidencial em meio a uma guerra civil de grandes proporções. Nas palavras de Mário Góngora, “o Chile do final do século XIX era, em certo sentido, ‘outro’ Chile, com nova extensão, novas riquezas e novos problemas.”⁹⁹

1.3. O nacionalismo chileno e a historiografia.

⁹⁸ Idem.p,380

⁹⁹ GÓNGORA, Mário. Op.cit., p.105.

O nacionalismo, assim como o termo nação, tem sido estudado por diversos pesquisadores ao longo dos séculos XIX e XX sem que se chegue a uma definição aceita de forma consonante. Benedict Anderson afirmou que em relação ao nacionalismo “é difícil pensar em algum fenômeno político que continue tão instigante quanto este e sobre o qual haja menos consenso analítico.”¹⁰⁰ O seu livro *Comunidades imaginadas: noções sobre a origem e difusão do nacionalismo*, foi e continua sendo uma das principais referências para o estudo do nacionalismo e da formação das nações, principalmente as da Europa Ocidental. Para ele, o termo nação pode ser definido como sendo:

uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Ela é imaginada porque mesmo aos membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.¹⁰¹

O autor defende ainda que a nação se formou a partir da identificação de uma língua comum entre os componentes destes grupos. O idioma falado seria, segundo Anderson, o aglutinador das pessoas ao redor da ideia de nação, e para que isso ocorresse, a imprensa teve um papel fundamental na divulgação da língua comum dos seus membros. Porém, o autor ao longo de seu texto tem dificuldades em analisar a formação das nações e do nacionalismo nas Américas. No capítulo destinado a este exame, “Pioneiros Crioulos”¹⁰², ele chega à conclusão que a língua não foi o fator de formação das nações americanas. O castelhano, por exemplo, era falado nas ex-colônias da Espanha, mas mesmo assim houve a fragmentação do território em diversos países, pois seus membros não se enxergavam como iguais. Ele explica então, que a

¹⁰⁰ ANDERSON, Benedict Apud BALAKRISHNAM, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2000, p.10.

¹⁰¹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.32.

¹⁰² Na tradução do livro para o português a palavra Criollo também foi traduzida para crioulo, e apesar de terem conotações distintas, a tradução foi feita .

fragmentação do território em vários estados independentes e o surgimento de um nacionalismo regional ocorreram pelo fato de essas regiões terem sido unidades administrativas distintas durante o período colonial. Entretanto, seu argumento não consegue explicar por que o número de países formados após a independência foi maior do que as unidades administrativas. Se a conclusão de Anderson fosse verificável, as repúblicas sul-americanas, por exemplo, ocupariam aproximadamente os mesmos espaços territoriais que os vice-reinos e as capitanias gerais ocupavam no momento de suas emancipações, mas de fato isso não aconteceu. É preciso pensar o nacionalismo e a formação das nações americanas em suas especificidades, e para tal, necessitamos da ajuda de outros autores que serão abordados posteriormente.

Os temas nação e nacionalismo podem ser percebidos também por meio do trabalho do historiador Eric Hobsbawm. Em seu livro *Nações e nacionalismo desde 1780*, Hobsbawm considera a nação como sendo “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação”¹⁰³. Porém, Hobsbawm adverte que este argumento não é completo. Existem problemas ao definir o conceito de nação tanto em seu aspecto objetivo quanto subjetivo. Ele entende que são critérios objetivos, utilizados para definir uma nação, “a língua ou a etnia ou em uma combinação de critérios como a língua, o território comum, a história comum, os traços culturais comuns e outros mais”.¹⁰⁴ Assim, o autor demonstra que: “todas as definições objetivas falharam pela óbvia razão de que, dado que apenas alguns membros da ampla categoria de entidades que se ajustam a tais definições podem, em qualquer tempo, ser descritos como ‘nações’, sempre é possível

¹⁰³ HOBBSAWM, Eric John. *Nações e nacionalismo desde 1780*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.18.

¹⁰⁴ Idem, p.15.

descobrir exceções”¹⁰⁵. Ele acrescenta ainda que o fator subjetivo também não é suficiente para explicar a nação, pois é necessário mais do que a vontade (que é subjetiva) individual ou coletiva de se pertencer a um território e formar uma nação para que ela realmente seja formada. Hobsbawm acrescenta que tal critério “[...] pode levar os incautos a extremos do voluntarismo para o qual tudo o que é necessário para criar ou recriar uma nação é a vontade de sê-la.”¹⁰⁶

O autor demonstra em seu livro que as relações econômicas também faz parte desta construção e é a grande aglutinadora e inventora das nações modernas. Sua análise é feita a partir do pensamento no qual a sobrevivência de uma nação depende da sua capacidade de competir diretamente com as demais. Essa “competição” não se dá somente no campo econômico, mas exige a capacidade de organização interna e o fortalecimento político¹⁰⁷.

Outro autor importante em relação aos estudos sobre nação e nacionalismo, é Ernest Gellner. Seu trabalho nos mostra que a nação está intimamente ligada à ideia de um Estado predecessor, sem que isso seja uma condição imprescindível. Esta ideia é muito importante para este trabalho e será a base do desenvolvimento do nosso argumento, como veremos mais adiante.

Ao relacionarmos a ideia dos três autores, por exemplo, poderemos compreender que o elemento que une essas três concepções de nação apresentadas é a ideia de que a nação é algo construído, logo não é inerente ao ser humano e nem é o produto final da civilização. A nação e, por consequência, o nacionalismo, são frutos da vontade humana, portanto, concebidos, idealizados, inventados e estabelecidos. Essa ideia é de suma importância para analisarmos o processo de construção do nacionalismo chileno,

¹⁰⁵ Idem, p.15.

¹⁰⁶ Idem, p.17.

¹⁰⁷ Idem, p. 27-51.

pois foi a partir da vontade das elites do país que a concepção deste ideal foi imposta ao restante da sociedade.

Entretanto, como já foi dito, estes autores não alcançam de maneira satisfatória o processo de construção do nacionalismo nas Américas independentes. É preciso considerar outros trabalhos relativos ao tema, como por exemplo, o do autor Antonio Carlos Amador Gil. Em sua tese sobre a questão Amador Gil se aproxima do pensamento de Benedict Anderson ao afirmar que a nação era sedimentada pelos laços de união entre indivíduos e comunidades, e para isso, enfatiza a importância das cidades e suas sociabilidades. Gil afirma ainda que a nação, nas primeiras décadas do século XIX, não tinha sido implantada com toda a sua força pela via institucional, mas era sedimentada por outras vias, como, por exemplo, a imprensa.¹⁰⁸ Como veremos, a imprensa foi uma importante ferramenta para a consolidação da nação chilena e o objetivo da nossa pesquisa é mostrar a força exercida pelas elites, especificamente por Agustín Edwards e seu jornal, para moldar a nação.

Pedro Balmaceda Toro (1868-1889), filho do presidente José Manuel Balmaceda, proferiu as seguintes palavras citadas na obra de Mario Góngora *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*: “No Chile somos essencialmente patriotas: temos a fúria do patriotismo, que é uma entre tantas enfermidades heroicas das quais sofrem os povos jovens, com um passado novo e que esperam tudo de sua própria força, de sua virilidade.”¹⁰⁹ Este pensamento traduz o sentido comum recorrente entre os chilenos de que a pátria deveria ser o objeto de adoração de todos. Para compreendermos tal ideia é preciso considerar os aspectos que fizeram deste ideal patriótico a força motriz para a construção da nação. A historiografia

¹⁰⁸ GIL, Antonio Carlos Amador. *Tecendo os fios da nação: soberania e identidade nacional no processo de construção do Estado*. Vitória: IHGES, 2001, p.18-38.

¹⁰⁹ BALMACEDA, Pedro apud GÓNGORA, Mario. Op.cit.p,67.

chilena está repleta de obras que tentam dar um significado para o surgimento e construção de seu nacionalismo, no contexto da formação do novo Estado. Entretanto, esse assunto não parece ser de grande interesse da historiografia latino-americana. De acordo com os autores Gabriel Cid e Alejandro San Francisco, o tema sobre o nacionalismo chileno não figura entre os trabalhos importantes relativos ao assunto: “salvo exceções, [...] a maior parte das compilações sobre o nacionalismo, a formação das nações e a identidade nacional na América, em especial aquelas referentes ao século XIX, não incluem trabalhos sobre o Chile.”¹¹⁰ Nosso intuito neste trabalho é contribuir um pouco mais com esta questão.

O jornal *El Mercurio de Valparaiso*, como já foi dito, foi um recurso importante na divulgação e fomento do ideal nacionalista chileno e, no momento da Guerra do Pacífico, abarrotou suas páginas com discursos inflamados e repletos de comoção, para reforçar o sentimento de apreço à nação. Para compreendermos esta construção faremos uma breve análise sobre o que já foi considerado nas discussões sobre o nacionalismo no Chile.

Os historiadores chilenos que escreveram sobre o assunto se dividem em relação ao tema. Encontramos aqueles que sustentam a ideia de que havia no chileno uma incipiente consciência nacional antes do início do processo emancipatório e aqueles que não reconhecem um princípio de nacionalidade estabelecido ainda no período colonial.¹¹¹

Como já mostramos, o trabalho de Ricardo Krebs, *Orígenes de la conciencia nacional chilena*, por exemplo, considera possível que o sentimento de pertencimento ao local de origem pode ter se transformado no nacionalismo necessário para a

¹¹⁰ CID, Gabriel. Op.cit.p,12.

¹¹¹ KREBS, Ricardo. Op.cit.

construção do novo país. A grande questão a ser ponderada é se este sentimento se restringia ao local de habitação desses indivíduos, ou seja, se era regional e restrito ou se já era possível que o habitante do Chile se percebesse chileno em relação a todo o território que abrangia a antiga Capitania Geral.¹¹² Seria possível falar em consciência nacional em um lugar subjogado por uma metrópole e em pleno período colonial?

As “comunidades imaginadas”, que como já demonstramos foi uma ideia proposta por Benedict Anderson para dar significado à nação, são imaginadas justamente porque é impossível que todos os habitantes de um determinado país se conheçam ou tenham contato simultaneamente uns com os outros¹¹³. Para se perceber chileno, seria preciso imaginar que cada indivíduo pertenceria a um todo maior e comum e que este sentimento de pertencimento fosse aceito por cada um individualmente. A relação seria então individual e coletiva ao mesmo tempo. A pessoa se reconheceria como uma única pessoa, individualmente, mas também se reconheceria como um ser coletivo, que fazia parte de algo muito maior de que o seu universo particular. No nosso caso, seria preciso que o chileno habitante do sul da Capitania se sentisse pertencente à mesma nação que o habitante do deserto de Atacama, antes de 1810. Seria isso possível? Ou a identificação imediata destes indivíduos estaria relacionada ao império espanhol, cujo rei deveria ser honrado e reverenciado por todos os habitantes do império? Acreditamos que essa opção é a mais pertinente uma vez que o Chile, ou Reino do Chile como também era chamado, existia na medida em que existia a Espanha. Ser colônia talvez fosse muito mais real para eles do que ser “Chile” e a relação com o reino, na qualidade de súditos de um soberano a se respeitar, talvez fosse o balizador de seu comportamento.

¹¹² Idem.

¹¹³ ANDERSON, Benedict. Op.cit.

Todavia é preciso considerar que o termo nação não era desconhecido dos chilenos naquele período. Como já foi dito, a colônia teve uma experiência singular em sua formação, pois os mapuches, ou araucanos, nativos que habitavam a região da Araucanía, distante aproximadamente 600 km da capital Santiago, foram declarados uma “Nação Independente” dentro do território ocupado pelos espanhóis no momento em que a colônia estava se formando. O Parlamento de *Quillin*, de janeiro de 1640¹¹⁴, formalizou a paz entre os indígenas e os espanhóis, a partir do reconhecimento da existência da nação Mapuche por parte da coroa. Nestes termos, houve uma possibilidade de identificação como súdito da Coroa espanhola mais efetiva no chileno do que em outros habitantes da colônia. Se o mapuche não era chileno e o colono não era mapuche, logo o colono era chileno e súdito do rei da Espanha. A *chilenidade* pode ter tido a sua origem a partir desta constatação e, por conseguinte, a noção de pátria no sentido de lugar de origem pôde ser aceita de maneira mais natural.¹¹⁵

Antes de prosseguirmos é preciso compreender de forma mais abrangente o que estamos afirmando ser o nacionalismo. fazer uma diferenciação entre patriotismo e nacionalismo. Na América o nacionalismo foi construído de um modo diferente da Europa. As condições específicas de seu processo histórico gerou uma distinção entre os dois continentes, além disso, houve distinção também entre as Américas do Norte, Central e do Sul, e entre os países sul-americanos. Marco Pamplona e Don Doyle caracterizaram o nacionalismo como uma construção de natureza política, “[...] o nacionalismo estava ligado a um objetivo institucional específico: o Estado-nação.”¹¹⁶

Para que o estado fosse instituído, a nação ou a nacionalidade deveriam ser bem

¹¹⁴ PINTO, Jorge. *La formación del Estado y la nación, y el pueblo mapuche*. Santiago: Dibam, 2003, p.33.

¹¹⁵ LARRAÍN, Jorge. *Identidad chilena*. Santiago: LOM, 2001.

¹¹⁶ PAMPLONA, Marco; DOYLE, Don (org.) *Nacionalismo no novo mundo: a formação de Estados-nação no século XIX*. Rio de Janeiro: editora Record, 2008, p. 22.

elaboradas. No que tange ao patriotismo, tão exaltado pelos chilenos, os autores consideram que não seria necessário haver uma definição formal e instituída de seu conceito, pois “[...] a pátria de alguém poderia ser um vale, uma região, uma instituição ou um país.”¹¹⁷

No caso específico do Chile, Gabriel Cid e Isabel Torres conceituam pátria como o lugar de nascimento. Afirmam também que no Chile colonial esta palavra era amplamente utilizada em um sentido relacionado ao assentamento territorial, ainda na época dos conquistadores espanhóis. “Em sentido territorial a utilização da palavra *pátria* durante o século XVIII no Reino do Chile era a mais frequente, sendo também um fenômeno similar no restante da Monarquia Hispânica.”¹¹⁸ Os autores citam François-Xavier Guerra afirmando que “ao final do século XVIII o Chile era na América uma das poucas partes da Monarquia que havia conseguido desenvolver uma identificação com o reino (do Chile), similar aos reinos peninsulares, devido principalmente aos seu isolamento geográfico.”¹¹⁹ Esta ideia de isolamento é recorrente na historiografia chilena e muito utilizada para tentar justificar o surgimento precoce do sentido de identificação nacional. Jorge Pinto, Mario Góngora, Gabriel Cid, Ricardo Krebs, entre outros empregam este argumento como algo determinante no processo de formação da nação.

Para compreendermos melhor o conceito de nação, Benedict Anderson, nos auxilia, como já apontamos, com a proposição de um elemento fundamental para a sua criação: a língua falada. O idioma, por ser uma forma de comunicação entre as pessoas serve, de acordo com o autor, como um elemento de identificação e reconhecimento de um indivíduo em relação a outro. Se olharmos por este aspecto, é possível ter havido

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ CID, Gabriel. Op.cit.p,25.

¹¹⁹ Idem.

uma identificação comum entre os colonos em oposição aos nativos que, como vimos, possuíam outro idioma. Porém, esta identificação somente seria admissível a nível local e não em relação aos demais habitantes da América Espanhola. Uma vez que a língua oficial falada em todo o império era a mesma, seria impossível haver qualquer tipo de distinção entre chilenos e peruanos, por exemplo, a partir deste critério.¹²⁰

Na impossibilidade de atribuir à língua vernácula a identificação nacional que construiu o nacionalismo nas Américas, qual seria a explicação para o possível surgimento de tal sentimento de pertencimento durante o período colonial? De acordo com Anderson, na conclusão do capítulo sobre os *pioneiros criollos*, a explicação estaria no que ele chamou de funcionários-peregrinos e impressores locais criollos. Os primeiros seriam os encarregados de levar e trazer notícias, documentos e outras demandas da colônia para a metrópole. Nesta peregrinação através do Atlântico haveria um reconhecimento mútuo entre estes funcionários que possibilitaria o surgimento de uma ideia comum entre eles. Esta identificação ocorria com a constatação de que eles não eram espanhóis. Parece simples, mas temos que reconhecer o abismo formado entre reinóis e criollos durante o período colonial. Anderson afirma que “num total de 170 vice-reis na América espanhola, até 1813, apenas quatro eram crioulos. [...] E nem é preciso dizer que era quase inédito que um crioulo atingisse uma posição importante no funcionalismo espanhol.”¹²¹ Estas afirmações nos levam a concluir que ser criollo poderia parecer algo negativo ou poderia despertar alguma espécie de amargura nos americanos que sabiam de antemão que não galgariam muitos degraus na hierarquia colonial espanhola. Entretanto, é difícil concluir que esses funcionários-peregrinos fossem responsáveis por motivar o surgimento de um sentimento de pertencimento

¹²⁰ ANDERSON, Benedict, Op.cit.p,84.

¹²¹ Idem.p.96.

capaz de proporcionar o reconhecimento individual com o território habitado e iniciar uma onda de emancipações na América.

O segundo pressuposto estabelecido por Anderson, foi atribuir à imprensa a responsabilidade pela formação das *comunidades imaginadas* na América espanhola. Porém, essa imprensa colonial só poderia ser analisada em termos regionais e muito específicos. A circulação dos poucos folhetos impressos no período pré-independência, a nosso ver, era muito restrita para formar na população do continente uma identificação generalizada com a América. Mesmo entre as elites isso parecia impossível. No caso chileno, por exemplo, o primeiro jornal a se firmar no país data de 1812. O *Aurora de Chile* foi criado justamente com o propósito de propagar os ideais do novo país que se constituía durante o processo de independência. É difícil creditar à imprensa o papel preponderante de difusora dos ideais emancipacionistas com o intuito de formar novos países e nações antes do fato ocorrido. Além do mais, o sentimento de pertencimento necessário para se formar um pensamento nacional era restrito ao local de origem e habitação das pessoas, uma vez que a extensão territorial da colônia espanhola era grande demais para que houvesse uma identificação coletiva. Os jornais tiveram um papel fundamental na construção dos novos países que surgiram com a fragmentação do império, mas serviram para justificar, legitimar, embasar e influenciar seus leitores em relação aos projetos que estavam sendo pensados pelas elites americanas. Projetos estes que tiveram modelos e processos de implementação muito distintos entre si, sendo que o período de realização foi peculiar e particularizado em cada uma das nações constituídas.¹²²

¹²² OSSANDÓN, Carlos. *El crepúsculo de los sabios y la irrupción de los publicistas*. Santiago: Editora LOM, 1998.p.27.

A afirmação de Ricardo Krebs, já citada anteriormente, de que existia no Chile colonial “uma incipiente consciência nacional” e que “a criação do Estado nacional chileno não pareceu um feito contingente e malogrado, senão o cumprimento de seu destino histórico”¹²³ nos parece mais uma justificativa para a construção do *mito de origem* do Estado chileno do que a confirmação da realidade. O descontentamento gerado pelas Reformas Bourbonicas produziu um profundo sentimento de pertencimento à América. Como os criollos que pertenciam às elites não eram peninsulares, e isso seria o grande pesar destes indivíduos, então eles poderiam facilmente ter se identificado com os demais criollos e desenvolvido um sentimento de pertencimento ao lugar de origem que viesse a se converter em uma forma de nacionalismo. Este sentimento seria muito mais eficiente no processo de emancipação do que as reivindicações por mudanças e transformações que estavam sendo pretendidas. Ao rejeitar a identificação com a Espanha, uma vez que eles jamais seriam considerados reinóis, os criollos fortaleceriam a consciência de um pertencimento regional.¹²⁴

A grande questão é compreender como uma pré-consciência nacional em relação à América não proporcionou um sentimento de identificação com as diversas regiões do império capaz de mantê-las unidas no momento da independência. A dedução que podemos fazer deste pensamento é que são necessários vários elementos distintos para explicar a fragmentação do império espanhol e que a incipiente consciência nacional não existiu e, portanto, não seria possível que essa “consciência” pudesse dar início ao processo emancipatório.¹²⁵

¹²³ KREBS, Ricardo. Op.Cit., p, 22.

¹²⁴ ANDERSON, Benedict. Op.cit.

¹²⁵ LYNCH, John. *Las revoluciones hispanoamericanas 1808-1826*. 10ª ed. Barcelona: Ariel, 2004.

A alegação de que havia um nacionalismo incipiente no Chile ou nas Américas, ou uma incipiente consciência nacional capaz de desencadear os processos de independência nos parece equivocada. Um longo processo histórico que se iniciou com as transformações do mundo moderno, passou pelas Reformas Bourbônicas, as ideias iluministas e liberais, e associou-se com as especificidades regionais das sociedades que se formaram durante o período colonial, nos parece uma explicação aceitável. O que gostaríamos de apresentar, e que está diretamente relacionado ao nosso estudo, é como esse nacionalismo foi surgindo no decorrer da formação nacional chilena.¹²⁶

Já vimos alguns autores que defendem a tese de que o sentimento nacionalista teria surgido ainda na época colonial. Passemos a analisar outros que afirmam ter sido no pós-independência o momento de construção deste nacionalismo. O primeiro a ser destacado é Mario Góngora. No prefácio de seu livro *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*, Góngora afirma que o “Estado é a matriz da nacionalidade: a nação não existiria sem o Estado, que a configurou ao longo dos séculos XIX e XX.”¹²⁷ Esta obra é de grande importância para a historiografia chilena e a sua influência pode ser notada em trabalhos de diversos autores atuais. Gabriel Cid destaca que “A influência do ensaio de Góngora tem sido tal que até mesmo autores que questionam o peso do Estado chileno no século XIX, como Alfredo Jocelyn-Holt¹²⁸, tem concordado com a sua tese de que o Estado é a matriz da nação.”¹²⁹ A obra de Mario Góngora mostra de que forma o novo Estado chileno, independente e autônomo, se constituiu como uma nação coesa e forte por meio das diversas guerras que enfrentou interna e externamente. O “país de guerra”, como foi posto pelo autor, pode se formar

¹²⁶ BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina*. Vol.II e III. São Paulo: Edusp, 2001.

¹²⁷ GÓNGORA, Mario. Op.cit. p,59.

¹²⁸ Alfredo Jocelyn-Holt Letelier é escritor e historiador chileno que tece severas críticas a respeito do peso do Estado Nação e do conservadorismo na formação do Chile do século XIX.

¹²⁹ CID, Gabriel. *La nación bajo examen*. Disponível em <http://polis.revues.org/6603> ; DOI : 10.4000/polis.6603 > Acesso em: 04 de agosto 2015

graças à austeridade do Estado que em seu primeiro conflito internacional, feito contra a Confederação Peru-boliviana, se afirmou como a grande nação do sul do Pacífico. Foi, segundo ele, “a partir das guerras de Independência, e também das sucessivas guerras vitoriosas do século XIX que se foi construindo um sentimento e uma consciência propriamente nacional, a ‘chilenidade’”.¹³⁰ Ele ressalta ainda que o Estado utilizou outras maneiras de construir esse sentimento de estima à nação, bem como o nacionalismo por meio dos símbolos patrióticos, da unidade administrativa, da educação fundamental e das diversas instituições que contribuíram para formar a ideia de nação no povo chileno.¹³¹

Mário Góngora afirmava que a formação da nação chilena estava permeada pelas ideias formuladas por Diego Portales. Portales, como já mostramos, insistiu em dizer que as elites deveriam ser a camada social responsável pela construção do novo Estado. As bases para isto, como já mostramos, estariam lançadas na “maior capacidade” de seus integrantes, que mesmo sem demonstrar a “virtude republicana” poderia consolidá-la por meio de um mecanismo legal capaz de legitimar um governo autoritário, mas “zeloso com a coisa pública.”¹³² O autor acredita que o pensamento de Portales foi fundamental para moldar o Chile de acordo com os interesses dessas elites que governaram o país durante o século XIX. A constituição de 1833, segundo o autor, seria a expressão deste projeto criado por Portales e que propiciou a “estabilidade” tão defendida pelos historiadores.

Esta análise feita por Góngora utilizou a historiografia pré-existente de autores do século XIX, como Alberto Edwards, já citado anteriormente e elogiado pelo autor

¹³⁰ GÓNGORA, Mario.Op.cit., p.72.

¹³¹ Idem.

¹³² Idem, p.75.

como sendo “a melhor interpretação da história do século passado”,¹³³ e Jaime Eyzaguirre¹³⁴, que adiciona à interpretação de Edwards um “positivismo legalista” que fora utilizado por Diego Portales para a construção do Estado. A obra de Edwards refere-se a um nacionalismo precoce, ocorrido durante o período colonial, mas Góngora alega que se tratava de um regionalismo, não podendo ser visto como um entendimento da noção de nacional.¹³⁵ Falar de nacionalismo antes de iniciar o processo de independência e formação do Estado chileno é impossível, pois “na América Hispânica, os Estados nacionais surgidos no século XIX responderam fundamentalmente a interesses das oligarquias criollas regionais — gestados ainda no período colonial — e não a supostos sentimentos ou movimentos propriamente nacionalistas.”¹³⁶

O pensamento de Góngora em relação ao nacionalismo chileno dialoga com a definição desenvolvida por Ernest Gellner e utilizada por muitos teóricos que estudam o assunto. No livro *Nações e Nacionalismo*, Gellner define a concepção de nação como “um princípio político que sustenta a importância da congruência entre a unidade nacional e a política.”¹³⁷ Com essa afirmação, ele prescreve a necessidade da formação de um Estado antes que se forme a nação e, por consequência, o nacionalismo. A questão nacionalista não existe, segundo o autor, em uma sociedade em que não exista um Estado, sendo que “[...]o nacionalismo só emerge em situações em que a existência do Estado seja presumível.”¹³⁸ Todavia, existem modelos de nação que, segundo alguns autores, não necessitaram de um Estado para se constituírem. A historiadora brasileira

¹³³ Idem.

¹³⁴ Jaime Eyzaguirre (1908-1968) foi advogado e historiador chileno. Pertencente à aristocracia do país, Eyzaguirre foi um dos representantes mais destacados do pensamento conservador chileno do século XX.

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ BAGGIO, Kátia. Reflexões sobre o nacionalismo em perspectiva comparada: as imagens da nação no México, Cuba e Porto Rico. *Varia História*: Belo Horizonte, nº 28, p.41, Dez 2002.

<http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/28p39.pdf>. Acesso em 22/11/2015.

¹³⁷ GELLNER, Op.cit.p, 17.

¹³⁸ Idem.

Kátia Baggio, em seu livro *A questão nacional em Porto Rico: o Partido Nacionalista (1922-1954)*, demonstra que aquela nação se formou antes da constituição do Estado.¹³⁹

Ernest Gellner conceitua nação como uma contingência e não uma necessidade universal. É como dizer que a nação é fruto de um momento específico, de uma necessidade imposta pelo modelo de sociedade que se quis criar, e esta necessidade se fez presente principalmente na modernidade. Para ele “nem as nações e nem os Estados existem em toda época e circunstancia.”¹⁴⁰. Ele demonstra este pensamento da seguinte forma:

Assim, pois, o que é a contingente – que em nossa era, ao que parece universal e normativa – ideia de nação? A discussão de duas definições muito provisórias, feitas para sair deste impasse, nos ajudará a compreender este elusivo conceito: 1- dois homens são de uma mesma nação se e somente se compartilharem uma mesma cultura, entendendo por cultura um sistema de ideias e símbolos, de associações e maneira de conduta e comunicações. 2- dois homens são de uma mesma nação se e somente se reconhecerem como pertencentes à mesma nação. Em outras palavras, as nações fazem os homens: as nações são a construção das convicções, fidelidade e solidariedade dos homens. Uma simples categoria de indivíduos (por exemplo, os ocupantes de um território determinado ou os que falam certa língua) chega a ser uma nação se e quando os membros desta categoria reconheçam firme e mutuamente certos deveres e direitos em virtude de sua comum qualidade de membros.¹⁴¹

Esta ideia nos ajuda a compreender que a construção da nação e do nacionalismo não pode ser pensada de forma ontológica. Não existe uma pré-disposição social para que uma comunidade se transforme em uma nação. É preciso que haja uma construção, um planejamento e uma idealização de um projeto nacional para que o nacionalismo ocorra em determinado local.

¹³⁹ BAGGIO, Kátia Gerab. *A questão nacional em Porto Rico: o Partido Nacionalista (1922-1954)*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

¹⁴⁰ GELLNER, Ernest. *Naciones y nacionalismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2001, p.19.

¹⁴¹ Idem. p,20.

Outro autor que admite haver a necessidade do Estado para que se construa o nacionalismo na sociedade chilena após a independência é Jorge Pinto. Em seu livro sobre a formação do Estado e da nação chilena, ele afirma que no Chile o Estado foi o grande conformador do pensamento nacionalista. Com o intuito de levar adiante o projeto elaborado para o país, as elites chilenas foram responsáveis por articular a forma com que o poder seria exercido para garantir o domínio e a aceitação por parte da população, da proposta de nação a se desenvolver. Jorge Pinto também afirma que este Estado instituído no Chile foi o responsável pela construção da nação que, diferentemente dos demais países sul-americanos, não passou pelos constantes conflitos que dificultaram a instauração do projeto republicano. Porém, ao concluir seu estudo, o autor credita a este mesmo Estado a falta de integração ocorrida entre os setores da população chilena que levou às desigualdades e injustiças sociais que se consolidaram ao longo da história do país.¹⁴²

A construção da identidade nacional e do nacionalismo podem ser compreendidas mais facilmente se levarmos em consideração o contexto histórico do Chile antes da independência. Neste sentido, é possível perceber o grande dilema proposto por Eric Hobsbawm, já visto anteriormente, ao refutar os aspectos objetivos e subjetivos na construção da nação e do nacionalismo. Ele nos informa que “nem a definição subjetiva nem a objetiva são satisfatórias, e ambas são enganosas”. Para Hobsbawm, “o nacionalismo vem antes das nações. As nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto.”¹⁴³ Neste caso, a nação se formaria a partir do momento em que um número suficientemente grande de pessoas considerem-se membros de uma “nação”. Sentir-se pertencente a uma grande comunidade é, segundo

¹⁴² PINTO, Jorge. *La formación del Estado y la nación, y el pueblo Mapuche: de la inclusión a la exclusión*. 2. ed. Santiago: Dibam, 2003.

¹⁴³ HOBBSAWM, Eric. Op.cit.p,17 e 18.

ele, o critério necessário para a formação de uma nação e, conseqüentemente do nacionalismo. Esta construção que se faz individual e coletivamente se difere de acordo com o local e o tempo histórico de cada sociedade em questão. Como temos visto, cada país teve um processo singular em sua constituição e o Chile não foi uma exceção.

Longe de tentar resolver este dilema, queremos ressaltar o que foi dito por Cláudia Wasserman em relação à América Latina:

Grande parte da historiografia latino-americana considera as identidades nacionais como dados ontológicos, e as nações, como entidades sociais originárias, que estiveram presentes desde o período pré-colonial para alguns, desde a colônia para outros, ou mais frequentemente, desde as independências.¹⁴⁴

Não acreditamos na ontologia da nação chilena e sim em um processo histórico que foi, aos poucos, consolidando a ideia de nação naquela sociedade. O que chamamos de consolidação não é a aceitação plena do ideal nacionalista por parte da população, mas sim a implantação do projeto desenvolvido pelas elites locais para construir o nacionalismo no Chile. Pamplona e Doyle afirmam ao estudar a construção do fenômeno nas Américas que:

O nacionalismo diz as pessoas quem elas são e quem pertence à comunidade. Ele pode ser uma força geradora de exclusão, repressão e conflito violento, mas também pode ser um poderoso propulsor para a assimilação. O nacionalismo parece não ser inerentemente nem uma nem outra dessas forças, mas, sim, uma ferramenta ideológica que, em diferentes contextos históricos e políticos, pode ser aplicada a usos radicalmente diferentes.¹⁴⁵

O uso desta construção pode ser percebido ao longo da história dos países que o implantaram como legitimador do Estado. No Chile a sua necessidade se relaciona diretamente ao projeto idealizado pelo Estado, e dentre os “projetos” que foram elaborados ao longo de sua história, está a Guerra do Pacífico, que além de proporcionar

¹⁴⁴ WASSERMAN, Claudia. *Nações e nacionalismo na América Latina*. Porto Alegre: Linus Editores, 2013, p.20.

¹⁴⁵ PAMPLONA, Marco; DOYLE, Don. Op. Cit.p, 29.

o aumento substancial do território chileno, favoreceu a construção de discursos nacionalistas, como o produzido pelo jornal *El Mercurio de Valparaiso*, objeto de nosso estudo. Acreditamos que o Estado também foi responsável, em grande medida, pela construção do nacionalismo no Chile e no próximo capítulo veremos como a guerra foi utilizada para que esta construção fosse estabelecida.

Capítulo II

Pela razão ou pela força: Chile, um país beligerante.

A Bolívia e o Peru participaram da Guerra do Pacífico como aliados. Naquele contexto, os dois países que já tinham lutado juntos contra as forças chilenas na Guerra contra a Confederação, se associaram uma vez mais para combater o inimigo. Para compreendermos melhor a aliança entre as duas forças, analisamos, de forma breve, o processo de independência e formação dos Estados do Peru e da Bolívia.

2.1 Bolívia e Peru no contexto da guerra.

A Bolívia se tornou independente da Coroa Espanhola em 06 de agosto de 1825. Sua constituição territorial abrangia a antiga delimitação da Audiência de Charcas, criada no vice-reino do Peru em 1559, e o chamado Alto Peru, território correspondente às terras do altiplano andino, transferido ao vice-reino do Rio da Prata quando este foi criado em 1776. Durante o processo de emancipação e formação de seu Estado, o novo país também pode contar com uma porção de terras significativas no litoral do oceano Pacífico, que lhe rendeu uma posição estratégica entre a parte central da América do Sul e o lado oriental do continente. Esta divisão territorial, que em um primeiro momento se apresentava com uma forte fluidez fronteiriça, foi se estabelecendo junto com a identidade nacional e o entendimento do que era ser boliviano.

As características dessas regiões, o altiplano, o antigo território da Audiência de Charcas e o litoral, se confundiam e eram salientados pelos traços culturais dos habitantes de Potosí e de Charcas, criando assim uma espécie de “colcha de retalhos” que carecia de uma identificação e de uma definição um pouco mais precisa para dar forma a uma singularidade nacional. Estar entre duas regiões tão importantes como os

vice-reinos fez com que a formação da Bolívia prescindisse de elementos mais contundentes para representar a nova República de Bolívar, ou simplesmente Bolívia.¹⁴⁶

O elemento indígena foi um desses fatores imprescindíveis para o momento de formação nacional. Embora pouco apreciado pelas elites que ascenderam ao poder, a identidade indígena foi utilizada para que pudesse haver uma ligação entre os habitantes do país e assim construir a ideia de uma nação. O “fator Inca”, como descrito por Esther Aillón Soria, se refere:

Ao ideário do restabelecimento de um passado indígena pré-hispânico como um fator permanente na cultura política boliviana e no processo de construção da identidade boliviana. Intervém como um chamado ao que é local e se manifesta em relação com, em volta de ou em oposição aos projetos políticos de construção da nação.¹⁴⁷

A história pregressa de Potosí e a sua importância no contexto colonial foi utilizada para dar forma à nova sociedade e permitir que a identidade fosse formada a partir do estranhamento com o outro, com o não boliviano. Para tal, era preciso utilizar a figura do indígena para reforçar o contraste entre os nativos e os habitantes do antigo vice-reino do Peru e do Rio da Prata, como forma de perceber uma identificação própria, capaz de construir a nação baseada no processo histórico vivenciado por sua população que contava com o elemento indígena. Porém, a utilização da imagem do inca como formador da cultura do país não foi suficiente para garantir a participação política e social dessa população e nem dos grupos de camponeses que também eram formados predominantemente por nativos de origem não espanhola. O que se viu ao final do processo de emancipação foi outra formação social em que essa parcela da sociedade boliviana foi excluída dos projetos nacionais.¹⁴⁸ “De fato, a identidade nacional

¹⁴⁶ SORIA, Esther A. De Charcas/Alto Perú a la república de Bolívar/Bolívia. In: CHIARAMONTE, José Carlos; MARICHAL, Carlos; GRANA, Aimer (Org.) *Crear la Nación. Los nombres de los países de América Latina*. Buenos Aires: editorial Sudamericana, 2008.

¹⁴⁷ Idem. P. 144.

¹⁴⁸ Idem. P. 147.

configurada nesta fase (pós-independência) surgiu num grande vácuo histórico, uma vez que nem a memória do período colonial nem a do incaico passaram a fazer parte da sua constituição.”¹⁴⁹ As elites bolivianas que assumiram o poder após a emancipação pensaram na construção do Estado sem a participação efetiva do indígena. Em um processo parecido com a formação do Estado chileno, a participação das camadas mais baixas da população se restringiu basicamente ao contexto cultural, no que se referia ao projeto nacional elitista. O nativo, principalmente o representante do império inca, era uma espécie de alegoria que deveria ser apropriada pelos novos cidadãos republicanos, mas como forma de identificação simbólica somente. No que concernia à gestão do Estado, o indígena nunca foi adequado, de acordo com as elites, e por isso ficou fora do processo de formação da república.

Em 1836, pouco mais de uma década após a sua formação, a Bolívia passou por uma recessão interna grave, devido ao desgaste ocasionado pelas guerras de independências e por uma crise econômica que se intensificou após a derrota na Guerra da Confederação Peru-boliviana. “Ao iniciar sua vida republicana, a Bolívia era uma região desgastada pela guerra, em depressão econômica e que iria experimentar uma estagnação que durou quase meio século.”¹⁵⁰ Até a década de 1840, a economia boliviana experimentou uma crescente descapitalização industrial, que afetou principalmente a indústria mineradora. A produção de minerais que até então era a principal fonte de recursos do país não conseguiu enfrentar a concorrência externa e sofreu um decréscimo significativo durante este período. A população urbana começou a declinar e prejudicou ainda mais a difícil situação em que se encontrava o país. Como

¹⁴⁹ MITRE, Antonio. *Estado, nação e território na Bolívia Oligárquica, 1850-1914*. In: PAMPLONA, Marcos; MADER, Maria Elisa. *Revoluções de independência e nacionalismo nas Américas. Peru e Bolívia*. Vol.4. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p.203.

¹⁵⁰ KLEIN, Herbert. O fim da sociedade colonial e a criação de uma nação independente (séculos XVIII e XIX). In: PAMPLONA, Marcos; MADER, Maria Elisa. *Revoluções de independência e nacionalismo nas Américas. Peru e Bolívia*. Vol.4. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p.169.

forma de subsistência, as atenções se voltaram para os campos e a economia se tornou mais rural do que era antes do início do século XIX.¹⁵¹

Foi neste contexto que o presidente boliviano Andrés de Santa Cruz (1829-1839) “decidiu reorganizar o Peru em dois Estados autônomos, o Estado Norte-peruano e o Estado Sul-peruano, e anexá-los à Bolívia.”¹⁵² Sua intenção era fortalecer a Bolívia com a ajuda do Peru, território do qual fizera parte antes de sua emancipação. A Confederação Peru-boliviana foi efetivada e aparentemente o projeto daria um resultado positivo. O problema ocorreu quando o Chile se sentiu ameaçado com a união dos dois Estados e resolveu intervir. A Guerra contra a Confederação Peru-boliviana foi deflagrada por interferência do ministro chileno Diego Portales e pos fim ao ideal de nação proposto por Santa Cruz. Ao final de três anos a Confederação foi vencida e o Chile saiu vitorioso e fortalecido internacionalmente. Este episódio é importante para o nosso estudo, pois o clima de animosidade iniciado com o conflito entre os três países perdurou até a Guerra do Pacífico, e se intensificou ainda mais depois de seu início.¹⁵³

O período posterior ao final da primeira guerra contra o Chile foi marcado por inúmeras tentativas de restabelecer a ordem econômica e política na Bolívia. De acordo com Antonio Mitre, a partir da crise na mineração surgiu a necessidade de desenvolver um projeto que possibilitasse a ocupação efetiva da porção oriental do território boliviano, onde havia a saída para o Oceano Pacífico, e assim superar a crise pela qual o país passava. Entretanto, atravessar as cordilheiras não era tarefa fácil naquele momento, pois a dificuldade de acesso ao porto de Cobija no Pacífico contribuiu para diminuir o anseio em se consumir o projeto de desenvolver a parte oeste do país. Mitre afirma que: “Transpor as Cordilheiras apresentava mais dificuldades do que viajar por

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Idem. p.185.

¹⁵³ Idem.

barco duas ou três mil léguas, e isso deveria ter bastado para mover os bolivianos a investir na navegação dos rios que levam ao Atlântico.” Se ocupar a parte banhada pelo Pacífico era uma tarefa árdua, a solução encontrada foi entregar a exploração e o desenvolvimento da região para outros, e, neste caso, os outros foram as companhias mineradoras chilenas que necessitavam expandir sua área de atuação. Com essa manobra, a indústria mineradora da Bolívia ganhou folego novo, pois:

A entrada de capital internacional, sobretudo chileno, na indústria da mineração permitiu uma significativa renovação tecnológica nas esferas extrativas e de refino, possibilitando a exportação de prata em grande escala.¹⁵⁴

A Companhia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta foi uma das empresas que se instalou no setor costeiro da Bolívia e viabilizou o crescimento da região.

Em relação à política interna boliviana, treze presidentes, a maioria ligada ao exército se sucedeu no poder entre 1840 e 1880.¹⁵⁵ Dentre eles, apenas três conseguiram terminar seu mandato, sendo que os demais permaneceram no cargo até serem destituídos por meio de golpes de Estado. O General Hilarión Daza, presidente entre 1876 e 1879, foi um dos que ascendeu ao poder desta forma. Daza foi um dos responsáveis pelo desentendimento ocorrido entre os governos chileno e boliviano que desencadeou a Guerra do Pacífico. Ele esteve envolvido diretamente no projeto que aumentou os impostos sobre a exportação de salitre que foram cobrados da companhia chilena envolvida na guerra.

O Peru também se encontrava em um contexto desfavorável no início do conflito com o Chile. Seu processo de emancipação foi gradual e lento, onde forças favoráveis à Espanha e forças contrárias a ela disputaram o poder nos moldes do restante das

¹⁵⁴ MITRE, Antonio. Op.cit. p.210.

¹⁵⁵ Conozca quiénes fueron los *Presidentes de Bolivia* desde la fundación hasta 1899 <http://www.promobolivia.com/presidentes-bolivia/pb-primera-parte.html> Acesso em 13/08/2015.

repúblicas que se formaram na América do Sul. Entretanto, a importância obtida pelo Vice-reino durante o período colonial fez com que este processo se diferenciasse dos demais em relação à permanência dos representantes da Coroa em seu território, ao reconhecimento espanhol de sua independência e pelo medo de que as elites criollas fizessem alianças com as “classes perigosas” por conta da Rebelião de Tupac Amaru,¹⁵⁶ ocorrida em fins do século XVIII.

Após a vitória sobre as forças realistas no Chile, José de San Martín se dirigiu ao Peru com o intuito de continuar o processo de libertação das antigas colônias espanholas. Seu prestígio e fama já tinham se propagado por algumas regiões da América e quando o exército libertador ocupou a cidade de Lima, a intenção do argentino se fez clara. Em 28 de julho de 1821 foi proclamada a independência do antigo vice-reino espanhol. As negociações para que houvesse uma concordância por parte das forças realistas e patriotas começaram a se configurar e a figura de San Martín e do vice-rei José de la Serna passaram a protagonizar a cena política peruana. A princípio vigorou a ideia de uma emancipação pacífica, pois as elites temiam o surgimento de ideias beligerantes que pudessem por em perigo a ordem social. Os exércitos realistas e libertador estavam a postos para uma possível intervenção, mas as autoridades limenhas apelaram para que San Martín assumisse uma posição moderada e se dispusesse a negociar. A posição do general foi a princípio conciliadora e a independência do Peru assumiu uma característica própria: “não se tratava de uma ruptura radical, mas sim da aceitação do inevitável, que buscava manter, na medida do

¹⁵⁶ Esta rebelião foi um levante liderado pelo cacique José Gabriel Condorcanqui Tupac Amaru, mestiço e descendente da nobreza incaica contra a exploração excessiva que a Coroa espanhola exercia sobre os indígenas trabalhadores das minas. A questão foi que o movimento extrapolou a região do Peru andino e se espalhou pelo território sul americano causando grandes prejuízos à Espanha. In: GERAB, Kátia; RESENDE, Angélica C. *A Rebelião de Tupac Amaru*. São Paulo: editora brasiliense, 1987.

possível, o controle, a tranquilidade e a ordem para evitar qualquer explosão dos setores populares que pudesse provocar um caos generalizado.”¹⁵⁷

José de San Martín se autoproclamou Protetor do Peru e esteve à frente das negociações do novo projeto político para o país independente. Para que os realistas pudessem aliar-se ao intento da emancipação, foi sugerida uma forma de governo que unisse as duas tendências: uma monarquia constitucional.¹⁵⁸ As disputas se prolongaram com golpes e contragolpes que fez oscilar o governo do país de uma posição para a outra; realistas e patriotas se alternaram no poder até que no final do ano de 1826 “o último realista se entregou depois de sustentar uma alta contagem de mortes.”¹⁵⁹ A república foi constituída e o Peru pode iniciar o processo de construção de seu Estado.

Em meados do século XIX, com a independência conquistada, a economia peruana se reestruturou graças à exploração do guano. “Exportado como adubo de alta qualidade para a agricultura europeia, o guano proporcionou ao estado peruano ganhos tão vultosos que o país pode abolir a escravidão negra, pagando indenizações aos donos de escravos.”¹⁶⁰ A exploração do guano e a mineração, principalmente a exploração e exportação do salitre, propiciaram um desenvolvimento econômico que se sustentou até o início da Guerra do Pacífico. Porém, a instabilidade política fragilizou o país de forma considerável, e no momento da declaração de guerra contra o Chile, a ordem interna se desfez. Mais de trinta presidentes se revezaram no poder durante o período compreendido entre a independência e a Guerra do Pacífico. Entre presidentes eleitos e

¹⁵⁷ AGUILAR, Jesús A. *El nombre del Perú. Identidad y cambio en los primeros años de la República*. In: CHIARAMONTE, José Carlos; MARICHAL, Carlos; GRANA, Aimer (Org.) *Crear la Nación. Los nombres de los países de América Latina*. Buenos Aires: editorial Sudamericana, 2008,p.162.

¹⁵⁸ Idem. p.165.

¹⁵⁹ PEREA, Natalia S. Questionando o significado da Patria: tornando-se peruano durante a guerra 1809-1824. In: PAMPLONA, Marcos; MADER, Maria Elisa. *Revoluções de independência e nacionalismo nas Américas. Peru e Bolívia*. Vol.4. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

¹⁶⁰ DEL POZO, José. *História da América Latina e do Caribe. Dos processos de independência aos dias atuais*. Petrópolis: editora Vozes, 2009.

presidentes de juntas governativas, diversos homens se revezaram no governo do país a fim de conseguir a consolidação da república.¹⁶¹ Em 1879, Mariano Inácio Prado era quem ocupava o cargo de presidente. Prado, em cumprimento ao acordo de ajuda mútua em caso de invasão externa feito com a Bolívia, declarou guerra ao Chile. Manteve-se no cargo até ser destituído pelas tropas chilenas que invadiram a cidade de Lima. É interessante lembrar que o nome do presidente estava no inventário de Agustín Edwards Ossandón, dono da *Companhia de Salitra y Ferrocarril de Antofagasta* e do jornal *El Mercurio de Valparaiso*. No documento Mariano Prado aparece como devedor de Edwards, com uma dívida de valor altíssimo para a época.¹⁶²

Após a derrota sofrida diante das forças chilenas, o Peru perdeu o rico território de Tarapacá e teve que substituir a exploração do guano e do salitre por outra atividade econômica.

2.2 – A invasão do deserto de Atacama.

A Guerra do Pacífico foi a disputa territorial que ocorreu entre Chile, Bolívia e Peru no final do século XIX. O confronto se iniciou em 14 de fevereiro de 1879, com a invasão do exército chileno à costa boliviana e terminou em abril de 1884, com a rendição da Bolívia. O motivo imediato utilizado pelo Chile para justificar sua incursão ao território vizinho foi a falta de acordo entre o governo da Bolívia e os empresários chilenos que exploravam as reservas bolivianas de guano e salitre localizadas na região de Antofagasta, hoje pertencente ao Chile. O aumento da tensão entre Chile e Bolívia ocorreu quando o governo boliviano decidiu desapropriar a *Companhia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta*, uma das companhias chilenas que

¹⁶¹ Los presidentes de Bolivia. Disponível em: <http://www.adonde.com/presidentes/> ; <http://www.infomediarios.com/directorio/presidentes-del-peru/> ; <http://www.tierra-inca.com/presidentes/index.php?lg=es>. Acesso em: 15/08/2015.

¹⁶² AHUMADA, Ricardo. La fortuna de Augustín Edwards Ossandón: 1815-1878. In: *História*. Universidad Católica de Chile, vol. 33, p. 369-415, 2000.

explorava minerais em seu território. A desapropriação ocorreria pela falta de pagamento do imposto sobre a exploração do salitre fixado pela Bolívia aos mineradores estrangeiros. Esse ato desencadeou uma série de eventos que deram início à Guerra do Pacífico, também conhecida como Guerra do Salitre, que transformou o mapa da região litorânea do Oceano Pacífico, onde estavam localizados os territórios da Bolívia e do Peru, até o ano de 1879. Após esta data, a configuração territorial se modificou drasticamente e se reconfigurou com o final do conflito em 1884, pois a Bolívia perdeu sua saída para o mar e o Peru perdeu o rico território de Tarapacá. Simultaneamente a isto, e por razões que serão analisadas posteriormente, o sentimento de pertencimento à nação ganhou um espaço importante no imaginário da população do Chile. Ao final da guerra, o Estado chileno conquistou a porção norte de seu atual território, onde se encontram as maiores reservas de cobre e as mineradoras que movimentam a economia do país até os nossos dias.

Os motivos que levaram Chile, Peru e Bolívia a entrar em guerra naquele momento foram diversos. Em primeiro lugar é preciso ressaltar a questão da delimitação da fronteira entre Chile e Bolívia¹⁶³. Em 1810, ano em que se iniciou o processo de independência da Capitania Geral do Chile, o limite norte do território de acordo com o governo chileno, era o paralelo 21° 27'. Porém, este limite ultrapassava a demarcação feita pela Bolívia após a independência, e como não era possível dois países ocuparem a mesma posição geográfica, as disputas se iniciaram rapidamente.¹⁶⁴ As Constituições chilenas dos anos de 1822, 1823, 1828 e 1833 estabeleceram novos limites territoriais, mas concordaram que a porção final situada ao norte do território seria o deserto de Atacama. Entretanto, o presidente Manuel Bulnes Prieto declarou, em 1842, que as reservas de guano localizadas ao sul da cidade de Mejillones, no paralelo 23°,

¹⁶³ Ver mapa em anexo I. p.170.

¹⁶⁴ Ver mapa em anexo II.p.171.

pertenciam ao Chile. Para dirimir o problema, uma série de acordos foi firmado entre os dois países no decorrer dos anos seguintes com o intuito de estabelecer um limite aceito por ambos. Uma das razões para a disputa era a grande quantidade de riqueza mineral que a região possuía. A Bolívia, porém, não aceitou as pretensões chilenas sobre a área em questão e se posicionou contra qualquer tentativa de acordo que forçasse uma reconfiguração territorial acima do paralelo 23°. As mineradoras chilenas, interessadas em explorar os recursos da região, prontamente se estabeleceram em território boliviano e reforçaram a ideia de uma nova delimitação entre os dois países. Enrique Robles Diaz narra em seu livro sobre a Guerra do Pacífico que:

Em 1863 a Bolívia continuava exercendo domínio territorial ao sul do deserto de Atacama, onde o Chile tinha grande presença política e comercial; as minas e depósitos de salitre eram explorados por chilenos. Para combater esta presença nacional, a Bolívia entregou concessões para explorar o guano em Mejillones a empresas estrangeiras e ameaçou declarar guerra.¹⁶⁵

No ano de 1874, Chile e Bolívia assinaram um acordo para estabelecer os limites de seus territórios de uma vez por todas. O Chile aceitou fixar-se no paralelo 24° em troca de uma promessa boliviana de não aumentar as tarifas dos impostos sobre a exploração mineral nos 25 anos seguintes. Entretanto, em maio de 1876, o general Hilarión Daza assumiu a presidência da Bolívia e iniciou em 1878, junto à Assembleia boliviana, a regulamentação da lei de exploração de minerais em seu território. Por esta proposta, aprovada pela Assembleia, os impostos pagos pela companhia chilena seriam aumentados em 10 centavos por quintal de salitre exportado. Este novo imposto contrariou o acordo de delimitação de fronteiras feito em 1874 e abriu caminho para o início do conflito.¹⁶⁶

¹⁶⁵ DIEZ, Enrique Robles. *La Guerra del Pacífico – partes oficiales: campaña de Tarapacá*. Santiago: Editorial Estudios Americanos, 2009, p.21.

¹⁶⁶ COLLIER, Simon *et al.* *Chile desde la independencia*. Santiago: Ediciones UCSH, 2009.

Em meados de 1850, a exploração de minério pelos chilenos passou a fazer parte da receita do país de maneira significativa, e com a ajuda de investimentos externos, principalmente ingleses, a indústria da mineração se expandiu e ganhou espaço em quase todo território nacional. A exploração e exportação do cobre foi sua principal fonte de riqueza até a década de 1870. A extração do mineral era feita principalmente no Vale Central e o porto de Valparaíso era a sua porta de saída para o mundo. Seu comércio exterior “havia crescido rapidamente, proporcionando renda suficiente aos sucessivos governos para iniciar melhorias no transporte, em especial nos trens de ferro, desenvolver programas educacionais, proporcionar conforto e bem-estar nas cidades e manter a lei e a ordem.”¹⁶⁷ Mineradores e comerciantes de diversas localidades do país começaram a se destacar no cenário econômico, conseguindo rápidas fortunas e dilatando seus capitais junto aos bancos nacionais e estrangeiros. Porém, a partir da década de 1870, as reservas minerais que havia dentro do território nacional não estavam produzindo mais em quantidade suficiente para garantir o lucro dos mineradores. As jazidas começaram a dar sinais de exaustão e, em pouco tempo, se esgotaram, pois suas dimensões não eram tão grandiosas como se havia imaginado. A solução encontrada pelos empresários deste setor foi ultrapassar a região que fora explorada anteriormente e entrar em território estrangeiro para garantir a continuidade da produção¹⁶⁸.

A Bolívia e o Peru, que naquele momento tinham partes de seus territórios localizados onde hoje é a região norte do Chile, eram os países com saída para o oceano Pacífico que possuíam a maior quantidade de reserva mineral da época. Exploravam o salitre e o guano e utilizavam seus recursos para desenvolver as políticas internas

¹⁶⁷ Idem. p, 02.

¹⁶⁸ ORTEGA MARTÍNEZ, Luis. *Chile en ruta al capitalismo: cambio, euforia y depresión*. Santiago: Dibam-Lom, 2005.

nacionais, mas os investimentos feitos nas mineradoras não eram suficientes para garantir uma expansão significativa na produção destes recursos e a tecnologia que se utilizava já estava ultrapassada diante das inovações da época. A chegada de empresários chilenos à região trouxe a possibilidade de desenvolvimento destas áreas e garantiu um aumento real no erário com a cobrança de impostos relativos à exploração mineral. Esta solução foi muito bem aceita pelos governos dos dois países e as terras foram cedidas às empresas chilenas encarregadas da exploração¹⁶⁹.

As cidades litorâneas da costa boliviana eram pequenas e mal estruturadas em finais do século XIX. O afastamento entre a capital e a costa, devido à dificuldade de transposição da cordilheira dos Andes, ocasionou um grande problema de logística para o governo da Bolívia, que não conseguiu organizar um projeto urbanístico que pudesse desenvolver a região em termos populacionais. A concessão de terras para a expansão das mineradoras chilenas levou à costa boliviana o desenvolvimento necessário para melhorar o nível de vida das pessoas que habitavam o local, bem como atraiu um número maior de habitantes para trabalharem nas mineradoras. A *Compañia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta* foi a encarregada de efetuar as melhorias na região que seria explorada por ela. De acordo com Gonzalo Bulnes, em seu livro já citado *La Guerra del Pacífico*, partir de sua instalação, a cidade de Antofagasta cresceu e obras expressivas foram feitas, como redes de esgotos, pavimentação de ruas, construção de moradias, além da expansão da malha ferroviária.¹⁷⁰

A região, porém, não possuía mão de obra suficiente para o início da instalação das empresas e este inconveniente levou os empresários chilenos a contratar funcionários em seu próprio país. O fluxo migratório entre Chile e Bolívia aconteceu de

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ BULNES, Gonzalo. *La Guerra del Pacífico*. In: De La Barra, Oscar. Resumen de La Guerra del Pacífico. Santiago: Editorial Andrés Bello, 2009.

forma rápida e significativa. Para termos uma noção do que foi o deslocamento de chilenos para a cidade de Antofagasta, por exemplo, o censo feito em 10 de novembro de 1878¹⁷¹ nos revela que o número de moradores provenientes do Chile era de 6.554 pessoas, contra 1.226 da Bolívia e 121 do Peru¹⁷². Este fluxo migratório que levou uma grande quantidade de chilenos para a região boliviana foi fundamental para a anexação deste território ao Chile no final da guerra.

O início do conflito entre Chile e Bolívia está diretamente relacionado com a imigração chilena e a chegada da *Compañia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta*, responsável pelas mudanças estruturais ocorridas na região. Após as medidas desenvolvimentistas tomadas por seus gestores, a mineradora que investira em infraestrutura ao longo dos anos em que ocupou o local, se sentiu “traída” pelo governo boliviano ao ver sua tarifa de imposto aumentada antes do prazo estabelecido no acordo¹⁷³.

Entretanto, o aumento do imposto não foi o único motivo que levou à invasão do exército chileno ao território boliviano. As ideias beligerantes já vinham tomando forma e as elites chilenas pareciam apreciar cada vez mais aquilo que seria a grande oportunidade de ter o seu território expandido, caso houvesse uma guerra e se o Chile saísse vitorioso. O historiador Luiz Ortega nos mostra o estado de ânimo destas elites, afirmando que:

Efetivamente, o território salitreiro peruano de Tarapacá de imediato passou a aparecer de forma preponderante na estratégia da liderança chilena. [...] No início de maio de 1879, o governo do Chile já tinha disposto como objetivo estratégico a anexação de toda a região salitreira, incluindo a província de Tarapacá; isso, além de refletir um sentimento coletivo consensual, cujo projeto contribuiu decisivamente

¹⁷¹ Censo relatado no jornal *EL Mercurio de Valparaiso* em 19 de fevereiro de 1879.

¹⁷² De acordo com o censo de 1878, havia mais estrangeiros em Antofagasta, como chineses, italianos, espanhóis, etc., porém não chegavam a representar uma parte significativa da população.

¹⁷³ BULNES, Gonzalo. Op.cit., p. 17-25.

na política seguida pela “Companhia”, demonstrou quão tênue eram os limites entre o público e o privado na sociedade chilena da época.¹⁷⁴

A anexação desse território que englobava parte da Bolívia e parte do Peru até a cidade de Tacna, garantiria a expansão dos negócios de mineração e a gestão de seus recursos pelos donos destas indústrias, o que obviamente levou a disputa territorial muito além da questão inicial geradora do conflito, que foi o aumento de 10 centavos de pesos por quintal¹⁷⁵ de salitre exportado pelos chilenos.

A justificativa encontrada para a invasão do país vizinho foi a alteração feita no tratado firmado entre Chile e Bolívia em 1874 que “isentava de toda nova contribuição, fosse de qualquer espécie, as indústrias chilenas estabelecidas no litoral”¹⁷⁶ pelo prazo de 25 anos. A modificação do acordo ocorreu por sugestão do presidente boliviano, general Hilarión Daza (1876-1879), que tinha outras intenções em relação ao tratado, uma vez que a Bolívia estava sendo prejudicada em relação a arrecadação do tributo. Em 14 de fevereiro de 1878, Daza propôs ao Congresso que alterasse o acordo anterior e que aumentasse o valor do imposto cobrado aos empresários chilenos. O congresso aceitou a proposta do presidente e resolveu cobrar o novo imposto. Assim que a *Compañía de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta* foi notificada da decisão, iniciou-se uma crise diplomática entre os dois países. A companhia:

[...] recorreu ao governo de Santiago, que interveio junto ao governo da Bolívia para que este ônus ficasse sem efeito. Porém, ao final do mesmo ano, o governo boliviano dispôs que a Companhia de Antofagasta deveria pagar noventa mil pesos pelos impostos atrasados desde o mês de fevereiro do ano anterior, revogou as concessões salitreiras e definiu que em 14 de fevereiro de 1879 se daria, em Antofagasta, o remate das

¹⁷⁴ ORTEGA MARTÍNEZ, Luis. *Chile en ruta al capitalismo: cambio, euforia y depresión*. Santiago: Dibam-Lom, 2005, p.399.

¹⁷⁵ Quintal era a medida de peso utilizada na época, equivalente a 100 libras castellananas ou a 46 kg.

¹⁷⁶ BULNES, Gonzalo. Op.cit., p. 35.

propriedades e dos minerais que a empresa mantinha no local, caso não fizesse o pagamento.¹⁷⁷

O encarregado dos negócios chilenos em La Paz, Pedro Nolasco Videla, enviou inúmeras cartas ao governo boliviano, com o intuito de evitar a cobrança do imposto e de convencer o governo de Daza a não modificar o referido tratado. As tentativas diplomáticas foram em vão. O governo chileno, por sua vez, propôs a submissão da questão entre os dois países a um árbitro internacional, porém a Bolívia se recusou a aceitar qualquer interferência externa. A penalidade pelo descumprimento da decisão boliviana de aumentar os impostos era a apreensão e sequestro dos bens pertencentes à companhia chilena. A data do arresto foi marcada, e como não houve o pagamento da quantia imposta pela decisão da assembleia, em 1º de fevereiro de 1879 o governo da Bolívia expediu o decreto para o confisco dos bens. Nesta ocasião, Daza enviou uma carta ao prefeito de Antofagasta nos seguintes termos:

Tenho uma boa notícia para te dar. Acabei com os gringos [se referindo ao Mr.Hicks¹⁷⁸] decretando o arresto das salitreiras e eles não poderão tirá-las de nós por mais que se esforce o mundo inteiro. Espero que o Chile não intervenha neste assunto[...] mas se nos declararem a guerra, podemos contar com o apoio do Peru, a quem exigiremos o cumprimento do tratado secreto. Com este objetivo vou mandar a Lima o Reyes Ortiz. Você está vendo como te dou boas notícias? Você vai me agradecer eternamente e como tenho dito, os gringos estão completamente acabados e os chilenos terão que aceitar e sem reclamar mais.¹⁷⁹

Com o fracasso das negociações, o governo do Chile partiu em defesa dos interesses de seus empresários e anunciou que, ao ser rompido o tratado de 1874 por parte da Bolívia, também seria rompido por sua parte o tratado de limites firmado entre os dois países no ano de 1866. Este tratado estabelecia que o território chileno estivesse limitado ao paralelo 24º, o que excluía as terras salitreiras que ficaram com a Bolívia. A

¹⁷⁷ DE RAMÓN, Armando. *Historia de Chile: desde la invasión incaica hasta nuestros días*. Santiago: editora Catalonia, 2004, p.100.

¹⁷⁸ Mr. Hicks era o gerente geral da *Compañía de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta* no momento em que a guerra começou.

¹⁷⁹ BULNES, Gonzalo. Op.cit., p. 38.

reivindicação chilena à época da assinatura do acordo foi o aumento de seu limite territorial até o paralelo 26° e, como isso não ocorreu naquele momento, a oportunidade de avanço de suas terras em direção ao norte estava posta.

Em 14 de fevereiro de 1879, uma esquadra composta de três navios chilenos cercou o porto de Antofagasta. O coronel Sotomayor, emissário do governo do Chile e encarregado da missão de invadir a cidade, anunciou que suas tropas iriam desembarcar para garantir que as propriedades da companhia salitreira voltassem ao domínio de seus titulares. É neste momento que o jornal *El Mercurio de Valparaiso*, pertencente ao dono da *Compañia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta*, Agustín Edwards Ross¹⁸⁰, começou uma campanha inflamada contra a situação em que se encontrava a mineradora em terras bolivianas. As páginas de seu jornal passaram a enunciar toda a indignação de seu dono em relação aos acontecimentos que se desencadeavam. As cartas, notas, acusações e respostas trocadas pelos dois lados eram estampadas no jornal e demonstravam a animosidade entre as partes. Com a intenção de fomentar o conflito, o tom das notícias veiculadas no diário durante os meses que antecederam o início da Guerra do Pacífico mostrava o desejo de um confronto com o país vizinho e a esperança de sucesso na empreitada.

2.3 O *El Mercurio* vai à guerra.

O anseio de expandir o território chileno rumo ao norte, compartilhado pelas elites do país, aliado a possibilidade de um aumento na exploração mineral da *Compañia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta*, fizeram das páginas do *El Mercurio* um lugar de divulgação de discursos inflamados sobre o Chile e auxiliou na construção dos ideais nacionalistas, tão importantes para a ocasião. Conclamar o povo a

¹⁸⁰ Agustín Edwards Ross era filho de Agustín Edwards Ossandón, que começou a fortuna da família Edwards em princípios do século XIX.

fazer parte da guerra passou a ser o objetivo central do empresário e de seu jornal. É possível perceber, a partir da análise de suas notícias, que a intenção da equipe de redação do *El Mercurio de Valparaiso*, assim como a de seu gestor, era a de fomentar o nacionalismo chileno por meio de suas páginas e muito foi feito para que este intento fosse propagado aos seus leitores. Não estamos afirmando que um projeto dessa dimensão se realizaria apenas por intermédio do *El Mercurio*. O alcance do jornal, limitado à cidade de Valparaiso e as localidades próximas a ela, e o alto nível de analfabetismo no país daquele período dificultavam sua atuação junto a um público mais amplo. Apesar destes percalços é preciso destacar que havia várias outras formas de acesso ao jornal. A cidade de Valparaiso era portuária e a circulação de pessoas, nacionais e estrangeiras era intensa. Os comentários feitos nos cafés e clubes da cidade, além das leituras que se faziam nas praças públicas, hábito comum naquela comunidade, também garantiram a divulgação das opiniões formadas pelo jornal. Veremos mais adiante que o modo como os redatores se expressavam, assim como o conteúdo de seus textos, criou uma atmosfera propícia para a difusão dos ideais imaginados pelas classes dirigentes. Neste sentido, a construção do sentimento de apreço à pátria e o fomento ao nacionalismo se tornaram possíveis e fundamentais para o cumprimento dos desejos da “aristocracia” chilena.

A partir da aquisição do jornal pelos Edwards, o tom das notícias que circularam em suas páginas fez crescer seu sentido de ator político¹⁸¹, pois o veículo se comprometeu a difundir as ideias elitistas de seus donos junto ao público que o lia. O jornalista Alfonso Valdebenito nos mostra a importância dada aos meios de comunicação impressos no Chile ao afirmar que “Em nosso país, como no resto do mundo civilizado, a imprensa é e tem sido um dos principais fatores de cultura, bem-

¹⁸¹ BORRAT, Hector. Op.cit.

estar e progresso, é o meio mais eficaz para a difusão das ideias e do aperfeiçoamento espiritual e material.”¹⁸²

O *El Mercurio de Valparaiso* foi um instrumento importante para legitimar a Guerra do Pacífico. Seu discurso nacionalista e inflamado confirmou o desejo dos Edwards, e demais membros das elites chilenas, de dominar os territórios vizinhos para incrementar a economia do Chile. A estratégia utilizada foi um discurso midiático potente, repleto de juízos de valor e de subjetividade para que a mensagem se apresentasse como informação. Esse feito não é extraordinário. Adriano Rodrigues afirmou que uma das principais características do discurso midiático “[...] é o fato de se apresentar como um discurso acabado e de funcionar aparentemente sem intermitência nem vazios.”¹⁸³ No caso do nosso estudo, é possível perceber a intenção do jornal em transmitir uma informação em que seu significado estivesse aparentemente completo. Ao comparar, por exemplo, chilenos, peruanos e bolivianos e afirmar a “superioridade” do primeiro em relação aos demais, o discurso se apresentava de forma acabada, definida, sem que houvesse espaço para incertezas ou dúvidas. O leitor deveria ser envolvido nessas certezas para que a mensagem fosse válida e alcançasse o objetivo pensado por seus redatores. Apesar de não sabermos como o leitor apreendia essas notícias, uma vez que não estamos trabalhando com sua recepção, é possível supor que aquele público captava tal discurso e a sua intenção. Rodrigues nos assegura que:

[...] o silêncio do público não é simples ausência passiva de palavra; é um processo ativo e específico de elaboração de sentido, o processo de escuta. Apesar de silencioso, o público está presente na cadeia de elaboração do discurso e é deste silencioso processo de escuta que o

¹⁸² VALDEBENITO, Alfonso. *História del periodismo chileno*. 2ªed. Santiago, 1956, p.97.

¹⁸³ RODRIGUES, Adriano. *Delimitação, natureza e funções do discurso midiático*. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.) *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: editora Paralelo 15, 1997, p.217.

discurso da mídia recebe o seu princípio, o seu alimento, a sua razão de ser, o seu sentido.¹⁸⁴

Na bibliografia referente à Guerra do Pacífico, está presente a obra da autora peruana Carmen Mc Evoy, já citada anteriormente, que investiga o papel da imprensa chilena na divulgação das ideias beligerantes. Ela afirma que os periódicos chilenos foram os responsáveis por disseminar a “guerra cívica” proposta pelas elites. Este pensamento “civilizador” foi responsável pela legitimação do conflito e proporcionou um lugar confortável para os envolvidos no fomento da guerra, pois o propósito era “nobre”. Além de defender os interesses do país, os chilenos ofereceriam aos povos derrotados a sua “civildade” e a sua cultura “superior”. Em seu trabalho, que tem o sugestivo nome de *Guerreros Civilizadores*, Mc Evoy afirma que neste processo civilizatório, “a representação da guerra como uma empresa cidadã se forjou no espaço da opinião pública”¹⁸⁵. Para tal, a imprensa chilena se esforçou em difundir a participação civil no conflito e passou a fiscalizar o trabalho do governo central para atribuir sentido a um embate internacional feito pelos interesses de uma pequena camada social. Esse esforço surtiu efeito e em um curto espaço de tempo, a imprensa conseguiu transformar a guerra em um evento que “transcendeu os aspectos meramente econômicos para converter-se em uma cruzada pela honra e pela defesa dos valores da civilização universal que o Chile acreditava representar.”¹⁸⁶

Os primeiros exemplos a ser considerado em nossa análise sobre o discurso nacionalista do jornal *El Mercurio de Valparaiso* são as notícias que circularam no mês anterior ao conflito e que contribuíram para a formação da imagem de “um país que foi traído pela sua pátria irmã”, no caso a Bolívia. Uma matéria transcrita do editorial do *Diário Oficial* chileno, com a data de 19 de janeiro de 1879, traz a questão do

¹⁸⁴ Idem, p.218.

¹⁸⁵ MC EVOY, Carmen. *Guerreros civilizadores. Política, sociedad y cultura en Chile durante la Guerra del Pacífico*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2011, p.409.

¹⁸⁶ Idem.

rompimento do tratado de comércio e exploração de minerais, feito entre Chile e Bolívia, da seguinte maneira:

A continuação se publica todos os documentos referentes à dificuldade suscitada em nossas relações com a Bolívia, sobre o cumprimento por parte desta nação dos compromissos que contraiu com o Chile pelo tratado de 06 de agosto de 1874, protocolado em anexo. [...] O governo manifestou igualmente à Bolívia que no caso deste meio de reivindicação regular, anteriormente combinado – suspensão da cobrança do imposto e apelação à arbitragem – não for aceito, o Chile se veria obrigado a considerar rompido por parte da Bolívia o tratado de 6 de agosto de 1874, e a tomar as devidas providencias.¹⁸⁷

Nesta mesma data, o jornal veiculou outra nota escrita pelo encarregado de negócios chilenos na Bolívia, Pedro Videla, ao ministro de relações exteriores boliviano. Videla informou que considerava rompido o tratado de limites de 06 de agosto de 1874. A nota afirma ainda que “as consequências desta declaração serão de exclusiva responsabilidade do governo da Bolívia”,¹⁸⁸ em alusão ao fato de que se houvesse uma guerra, o Chile estaria somente se defendendo da afronta boliviana.

Os dias que se seguiram continuaram trazendo notícias sobre a falta de acordo entre a diplomacia dos dois países e sobre os prejuízos que o referido imposto traria para a companhia mineradora. Em 18 de janeiro de 1879, o *El Mercurio de Valparaíso* apresentou uma notícia em que relatava em várias colunas o “sentimento chileno” frente ao desenrolar dos acontecimentos:

A QUESTÃO BOLIVIANA DIANTE DOS FEITOS E DA HISTORIA. Chegam para as nações como para os indivíduos, momentos de verdadeira surpresa, confusão, vertigem. Tal é neste momento a situação dos ânimos no Chile.¹⁸⁹

O termo “as nações”, utilizado pelo jornal, evidencia a prepotência do redator frente ao seu inimigo. Será que o mundo todo, ou todas as nações, que aqui nos parece uma alusão ao restante da humanidade, estaria indignado com a “questão boliviana”?

¹⁸⁷ *El mercúrio de Valparaíso*, 19/01/1879, p.02.

¹⁸⁸ *Idem*, p.02.

¹⁸⁹ *Idem*, p.02. Grifos do jornal.

Envolver as “nações” em seu discurso foi a estratégia do jornal para engrandecer o feito e demonstrar a intenção de supervalorizar o contexto chileno:

Igual a um navio que assolado por um furacão, se estremece, vacila e estala como se sentisse desprender-se de todas as suas articulações, assim o país ansioso, intranquilo e suspeito receia ver em cada acontecimento o gérmen de um conflito, e o receio perturba todas as fibras de seu espirito. Recém fugido, e não sem uma cruel e dolorosa luta, dos azares de uma guerra dolorosa, se vê nestes momentos uma nação, cuja gratidão mais que fraternidade devíamos e tínhamos o direito de contar, preparar aleivosamente cruéis golpes em cuja impunidade se contava por desgraça demasiada falaciosa.

Nesta nota, a “nação” agora é a própria Bolívia, que passou a ter uma conotação de localidade, de lugar onde os fatos aconteceram, restrito e pontual. A figura do vil opositor está se construindo e no decorrer da narrativa novamente as nações, o todo, a humanidade inteira, os “indivíduos” e os “cérebros” deles também se envolveram na trama armada pelo inimigo:

Nestas circunstancias, como é natural, o cérebro dos indivíduos e das nações mesmas se congestiona, a indignação sobe em borbotões ao coração, e as mais amargas queixas se exalam e ocupam o lugar da cordura e da fria reflexão. Que estranho tem, por conseguinte, que a imprensa e a opinião ao saber e ter notícia dos conflitos diplomáticos com a Bolívia tenha simplesmente condenado esses acontecimentos e seus causadores sem examiná-los a fundo! Um instinto generoso bastaria para que a nação que hoje provoca o Chile tão injusta como aleivosamente, tivera retardado pelo menos sua reclamação, ou melhor dizendo, sua agressão. Se soubéssemos que nesses mesmos instantes passeavam sobre nosso puro céu nuvens de raios e tempestades! Quem sabe se contavam com isto mesmo para manchar mais facilmente a uma nação que -a história é testemunha- não há recusado nunca oferecer como tributo fraternal a suas irmãs, não somente sua fortuna, senão o mais precioso de seu sangue.¹⁹⁰

A ideia foi mostrar o quão “ingrato” era o governo boliviano, sem nenhuma generosidade em relação ao Chile e que agia de forma ardilosa e traiçoeira como “nuvens de raios e tempestades.” A matéria continua apresentando as melhorias feitas pelos chilenos na cidade de Antofagasta e relatando com mais detalhes o acordo celebrado entre o antigo presidente da Bolívia, Tomás Frías (1874-1876), e os donos da

¹⁹⁰ Idem, p.02.

Companhia de Salitre e representantes do governo do Chile, como Pedro Videla. O destaque maior se faz nas obrigações cumpridas pela companhia que alegou:

Estes são os antecedentes em virtude dos quais a companhia, depois das transformações industriais, se proveu de um capital que lhe permitiu cumprir com a sua parte, e à custa de uma valiosa quantia e não menos custosos sacrifícios, suas especiais obrigações. Desta maneira foi como se construiu o valioso cais que hoje o comércio de Antofagasta possui; se abriu o caminho pela estrada que, dotada de trens e postos de serviços, atravessa trinta léguas do deserto, que foi cedido voluntariamente pelo governo da Bolívia com todos os seus instrumentos em setembro de 1870; e, por último, se introduziu a grande quantidade de capital que fez da laboriosa e industrial cidade de Antofagasta um verdadeiro empório, uma rica colmeia, em vez do árido penhasco que antes existia.¹⁹¹

A rica colmeia é a nova Antofagasta. Suas “abelhas operárias” são os trabalhadores chilenos que levaram o desenvolvimento onde antes só havia aridez e penúria. Este é o argumento do jornal para estabelecer uma espécie de quadro comparativo entre uma e outra população. A partir destas declarações, o tema da guerra começava a se fazer presente ainda nos meses de janeiro e início de fevereiro de 1879, principalmente nos editoriais do jornal. Os textos não eram assinados, mas sabemos que neste momento o editor responsável era Manuel Blanco Cuartín¹⁹², escritor e membro do Partido Conservador que assumiu o cargo em 1869 e permaneceu nele até o final da guerra em 1884. Paulatinamente os editoriais traziam à tona o desejo do conflito. A princípio, a ideia era repudiar a guerra e tentar chegar a um acordo. Contudo, a leitura do artigo publicado em 04 de fevereiro de 1879, nos evidencia que o jornal não queria nem a paz e nem o mesmo desfecho que se deu na questão Chile/Argentina.¹⁹³ O título do editorial é “Nosso dever atual a respeito da Bolívia” e este anseio pode ser percebido nos trechos que afirmam:

¹⁹¹ Idem, p.02.

¹⁹² SCHNEUER, Maria José. Op.cit., p. 77.

¹⁹³ Na década de 1870 a Argentina iniciou uma invasão ao território chileno na região da Patagônia, que estava situada a leste da Cordilheira dos Andes. Sem condições de se defender efetivamente, o Chile adotou uma saída diplomática e fez um acordo concedendo esse território ao país vizinho.

[...] Quando as dificuldades criadas pela falta de cumprimento do tratado de 1874 tornaram-se graves e o governo do Chile apresentou seu *ultimatum* ao da Bolívia, nós, crendo incompatível com o decoro do país uma conduta ativa depois das muitas debilidades cometidas na negociação Argentina, fomos da opinião de que no conflito boliviano deveriam se esgotar todos os recursos pacíficos e conciliadores antes de chegar ao uso da força para obter justiça.¹⁹⁴

É clara a postura do editor ao citar as negociações com a Argentina. O conflito diplomático entre os dois países levou o Chile a perder grande parte de seu território na Patagônia. Apesar da fluidez das fronteiras patagônicas naquele momento, ceder seu território ao país vizinho foi um duro golpe para o Chile. Com receio de que o mesmo pudesse ocorrer no caso da Bolívia, apesar de que as terras ocupadas pela Argentina não eram oficialmente do Chile, mas faziam parte do território Mapuche, o jornal insistiu em criticar a falta de iniciativa do governo chileno e a insistência em resolver o conflito sem pegar em armas:

[...]O governo boliviano entendeu as coisas de outro modo. Crê que a Companhia Salitreira de Antofagasta deveria pagar a contribuição exigida, sem o prejuízo de submeter a causa à arbitragem, convicta da reclamação que faria mais tarde pela cobrança indevida de uma suma que não deveria pagar. E pondo desde já em prática o combinado que estava no trato de 1874, embargou as propriedades da Companhia, que se negou a pagar e suspendeu os trabalhos de exploração de salitre, causando com isto prejuízos de grande magnitude aos exploradores. Mais ainda: prevendo que o governo chileno não aceitaria este modo de ver as coisas, se preparou para a resistência e enviou tropas ao litoral.¹⁹⁵

Ao mesmo tempo em que o jornal mostra a intenção belicosa da Bolívia, se recusando a aceitar a arbitragem internacional, ele indica a postura “adequada” do Chile em não aceitar a imposição boliviana. A referência a essa recusa de arbitragem por parte da Bolívia é posta como uma justificativa para resolver a questão de forma efetiva, ou seja, por meio das armas. E mais, o jornal continuou a propor que a saída diplomática não poderia mais ser considerada, pois:

¹⁹⁴ *El mercúrio de Valparaiso*, 04/02/1879, p.03.

¹⁹⁵ *Idem*.

[...] A questão, mudou completamente de aspecto, e agora não aconselharemos mais ao governo a resistência pacífica e puramente diplomática, se não a resistência ativa, que não admite a imposição incondicional da vontade ou do capricho do contendor. A última solicitação que dignamente pudemos apresentar ao governo boliviano é a de que se cumpram os tratados relativos à arbitragem por haver chegado o caso previsto de uma dificuldade não solucionável por outro meio. Se há recusa, e isto parece haver sucedido, é necessário, por mais doloroso que isso seja, acentuar nossas reclamações com feitos que manifestem nossa falta de vontade para levar mais longe a condescendência, e o propósito inabalável de não permitir que se vulnerem os direitos de nossos concidadãos. Estamos colhendo os frutos de nossas debilidades passadas. Bolívia acreditou que por haver-nos deixado burlar várias vezes, podem burlar-nos sempre, e que se o argentino nos impôs a lei, também ela é capaz de impor-nos sua vontade.¹⁹⁶

A questão da invasão argentina à Patagônia é referida mais uma vez como forma de repudiar qualquer tentativa de acordo capaz de impedir que o Chile lutasse para conquistar este território. O tom do jornal era severo quanto à possibilidade de o governo não aderir ao combate. O trecho a seguir se refere a um “bom caminho” e vem ao encontro deste pensamento beligerante que incentivava o governo chileno a se posicionar a favor da *Compañia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta* e da guerra. A conduta do governo foi descrita como “tímida, vacilante e irresoluta [...] cuja responsabilidade pelo que pode sobrevir é grande; mas erro de que deverá sair ao final, porque não é tão difícil como se crê voltar ao bom caminho depois de haver-se separado dele.”¹⁹⁷ A esta advertência o jornal adiciona o fato de que era preciso voltar ao “bom caminho” e, “uma vez adotada sua resolução, levar a cabo com inteireza, com energia e com o firme propósito de não retroceder diante de nenhuma dificuldade.”¹⁹⁸

Com o dia do prazo final dado pela Bolívia à *Compañia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta* se aproximando, o jornal tornou-se mais efusivo em suas declarações. O acerto diplomático não teve nenhum resultado, de acordo com as notícias veiculadas pelo próprio jornal, e a cobrança dos impostos atrasados ainda pendia sobre a

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ *El mercúrio de Valparaiso*, 04/02/1879, p.03.

companhia. O *El Mercurio* anunciou ainda, que o anseio de uma guerra com o país vizinho tinha opositores dentro do governo e sua reação foi manifestada diversas vezes em forma de fortes críticas àqueles que se negavam a pegar em armas¹⁹⁹. Quatro dias antes do início do conflito, o editorial trouxe esta condenação:

Submeter-se! Há aqueles que aconselham o governo e aqueles que asseguram não ser este um mau conselho. Mais ainda: há aqueles que dizem que o emprego do aparato de forças é somente para dar uma aparência decorosa à submissão. A companhia salitreira pagaria o que lhe foi cobrado e nosso governo se apressaria em demonstrar que, sendo o mais forte, não poderia atribuir ao medo sua aquiescência as exigências bolivianas. Todavia, isso não impediria o governo de iniciar uma reclamação que seguiria tramitando diplomaticamente. Isso nos dá uma ideia de quão pobre são as aptidões de nossos atuais condutores e não nos faltam motivos para crer que não possuem uma noção exata do que seja a dignidade nacional. Apesar de tudo, nos recusamos a crer que seja verdade haverem pensado nesse desenlace.²⁰⁰

Publicou também, no mesmo dia 10 de fevereiro, que “se nós tivéssemos de nos inclinar na presença das ameaças da Bolívia, seria tempo de lamentar como uma desgraça a ideia que tiveram os pais da pátria quando fizeram do Chile uma nação soberana.”²⁰¹ Os “pais da pátria” são uma referência à Bernardo O’Higgins, os irmãos Carreras e àqueles que lutaram para fazer do Chile um país independente e republicano. Obviamente aparece aqui o intento de utilizar a história nacional chilena para justificar a postura “honrosa” que deveria ser adotada. E prossegue: “Valeria, certamente, muitíssimo mais ser colônia do que país livre, mas incapaz de manter-se a altura suficiente para ser digno de liberdade.”²⁰²

As manifestações em favor da guerra foram se intensificando no decorrer do período. No dia 13 de fevereiro de 1879, véspera do arresto da *Compañía de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta* pelo governo boliviano, as tropas chilenas que saíram em navios desde Valparaíso, desembarcaram no porto de Antofagasta e tomaram a cidade.

¹⁹⁹ *El mercurio de Valparaíso*, 10/02/1879, p.02.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Idem.

²⁰² Idem.

Tido como o primeiro ato que desencadeou a guerra, os soldados desembarcados se alocaram diante da sede da empresa e impediram o cumprimento das ordens enviadas pelo presidente boliviano Hilarión Daza²⁰³. A resposta do jornal para esta atitude do governo chileno foi de euforia imediata. O editorial do dia publicou a notícia sob o título de “A primeira vitória”, fazendo referencia ao fato do Chile ter se envolvido no conflito entre a Bolívia e a *Companhia de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta*: “É um feito positivo a ruptura do tratado celebrado com a Bolívia em 1874; é igualmente efetiva, ou seria em poucas horas mais, a ocupação de Antofagasta por forças chilenas.” Pode-se imaginar que o que Agustín Edwards precisava naquele momento era desta atitude; o governo intervindo a seu favor. A posição de triunfo é evidente, pois o redator escreveu que: “A situação criada por estas resoluções é perfeitamente clara, tanto que quase não precisamos lembrar ao governo que deveres lhe impõem.” A frase “não precisamos lembrar ao governo” nos indica uma cobrança por parte do jornal de uma postura efetiva do governo chileno em favor da guerra e do empresário. O aval da população também foi exposto pelo jornal que afirmou sobre “[...] a satisfação geral com que elas foram recebidas. O povo do Chile se sentia profundamente mortificado com as hesitações de nossa política externa. Eram incompatíveis com nossos antecedentes, depressivas de nossa dignidade nacional e, sobretudo, perigosas.” E o perigo estava justamente no não posicionamento do governo chileno em favor da guerra. O resultado da “boa ação” do governo pode ser visto nas seguintes palavras:

Pensava que as dificuldades evadidas pela força de concessões iriam multiplicando-se de tal sorte que ao final chegariam a comprometer seriamente nosso futuro. Bastou, porém, um momento de energia e de boa consciência para dissipar as nuvens que escureciam uma grande parte do horizonte da república. Começamos desde antes de ontem a respirar com mais liberdade, porque finalmente sabemos até aonde vamos e qual caminho devemos percorrer. Intérprete fiel dessa situação e desse sentimento de bem estar foi a grande assembleia reunida ontem

²⁰³ BULNES, Gonzalo. Op.cit., p.39.

para levar ao presidente da república a expressão dos desejos e das esperanças do povo, e para manifestar sua adesão à política reparadora recentemente iniciada. Os votos do povo de Valparaíso não tardarão em serem seguidos por todo o país, e então nossos condutores se convencerão de que estavam errando quando duvidaram da virilidade da nação que governam. [...] Se conseguiram a primeira vitória, a mais difícil sem dúvida alguma, porque era a que devíamos obter contra nós mesmos, contra nossas debilidades, contra nossas oscilações e contra os conselhos de uma prudência excessiva e de uma meticulosidade exagerada. Isso é um bom presságio. O primeiro e o mais forte de nossos inimigos estavam no nosso interior.²⁰⁴

O povo de Valparaíso respirava com mais liberdade, pois o governo decidiu envolver o país em uma guerra sangrenta para ter as necessidades da mineradora atendidas. Isso não nos parece coerente; liberdade para um povo que foi envolvido em um conflito armado? A certeza da vitória se evidencia na frase final da notícia: “Vencido este, o resto da empreitada é fácil e o êxito seguro.”

Como já mostramos, a vontade de anular o tratado de limites firmado em 1866, que estabelecia o paralelo 23° como limite norte, era tal que a partir desta data o governo do Chile passou a reivindicar todo o território que tinha entrado no acordo, ou seja, a fronteira seria no paralelo 26°. Com essa mudança, toda a região rica em minerais que pertencia a Bolívia, onde se encontrava a *Compañía de Salitre y Ferrocarril de Antofagasta*, passaria a ser um território sob a jurisdição chilena. A “marcha” para o norte, em busca de terras ricas em minerais estava acontecendo e as elites já pensavam em um modo de avançar e chegar até o território peruano de Tarapacá, o mais rico em reservas de cobre. Porém, para que isto pudesse ocorrer, era necessário envolver o Peru no conflito.

No princípio das negociações diplomáticas, o Peru era visto como um aliado do governo chileno. O presidente peruano Mariano Ignacio Prado (1876-1879), mandatário no momento em que a guerra se iniciou, era um velho conhecido dos empresários

²⁰⁴ *El Mercurio de Valparaíso*, 13/02/1879, p.02.

chilenos. Como já foi dito anteriormente, Prado tinha uma dívida pessoal com Agustín Edwards Ossandón, dono da mineradora e do jornal *El Mercurio de Valparaiso*, no valor de 158.788 pesos.²⁰⁵ Esta dívida ainda não tinha sido paga pelo presidente peruano na ocasião do início do conflito, pois ainda constava na relação de “Devedores Pessoais em Conta” do inventario de Edwards, em 1878. O motivo da contração da dívida não foi relatado, pois o inventário traz somente o rol de devedores, mas é possível prever algum grau de pessoalidade no relacionamento entre ambos. Esta aproximação com o governo peruano pode ser vista em algumas notícias ao longo dos meses de fevereiro e março de 1879. O editorial do dia 14 de fevereiro, por exemplo, apresentava o Peru como um vizinho amigável e imparcial:

Como se vê, a intervenção peruana não saiu dos limites da mais perfeita conveniência. O governo do Peru, igualmente amigo da Bolívia e do Chile, quis evitar que as diferenças destes dois últimos países chegassem a ter um desenlace violento e procederam como de costume em casos semelhantes os mediadores bem intencionados. Sua intervenção foi, desafortunadamente, ineficaz, mas esta circunstância não tira o mérito que tem como manifestação de boa vontade e das simpatias que merecem as duas repúblicas com quem cultivava tão amistosas relações. Isto é todo o ocorrido segundo as notícias que temos e que, repetimos, merecem plena fé.²⁰⁶

O que o jornal aparentemente não sabia era que em 1876, três anos antes do início da disputa, Bolívia e Peru assinaram um acordo de ajuda mútua em caso de guerra. Por este acordo, como já apontamos, o Peru teria que prestar auxílio à Bolívia caso ela fosse invadida por outro país e necessitasse se defender. Do mesmo modo, a Bolívia se comprometia a ajudar o Peru no caso da invasão de outro país ao seu território. Este acordo foi assinado quando as mineradoras chilenas começaram a se instalar no território da Bolívia e do Peru, tornando-se um perigo em potencial para as nações vizinhas. É preciso considerar que a Guerra contra a Confederação Peruboliviana ainda era lembrada pelos três países. Antofagasta na Bolívia e Tarapacá no

²⁰⁵ AHUMADA, Ricardo. Op.cit. p. 369-415.

²⁰⁶ *El Mercurio de Valparaiso*, 14/02/1879, p.03.

Peru eram regiões habitadas majoritariamente por chilenos que trabalhavam nas minas e isso possibilitaria um rápido ajuntamento de homens para servirem de soldados pelas forças chilenas em caso de alguma animosidade entre os envolvidos. O Peru e a Bolívia cogitavam esta possibilidade, pois Antofagasta tinha cinco vezes mais chilenos que bolivianos. Sua economia dependia da companhia de salitre chilena, sendo esta a principal geradora de emprego e renda da região. O receio de uma ofensiva militar por parte do Chile era plausível para as duas repúblicas do norte e, para que isso não ocorresse, elas teriam que unir forças na tentativa de impedir que os desejos expansionistas das elites chilenas se concretizassem.

Antes que o Peru se pronunciasse a favor do conflito, a situação parecia estável, com o país apresentando certa neutralidade e esperando que a conjuntura se resolvesse sem a necessidade de uma guerra. Isso era o que os jornais de Lima estampavam em suas páginas nos dias que precederam a invasão da armada chilena à cidade de Antofagasta. O *EL Mercurio de Valparaiso* cuidou de notificar esta suposta neutralidade reproduzindo em suas páginas alguns artigos que foram veiculados nos jornais peruanos *La Tribuna* e *La Estrella de Iquique*. No dia 19 de fevereiro, o *El Mercurio* trouxe duas notícias que afirmavam:

IMPRESA PERUANA. A questão chileno-boliviana. (Editorial de *La Estrella de Iquique* de 12 de fevereiro) Quando já se acreditava que a questão chileno-boliviana havia encontrado uma solução pacífica e satisfatória por meio da arbitragem, uma nova emergência veio produzir um estado de ânimo, que muito se assemelha a um próximo rompimento. A arbitragem aceita por ambos os governos como meio conciliatório para chegar a uma resolução definitiva, não poderá ser feita enquanto o governo da Bolívia não renunciar ao exercício dos direitos disputados. E é natural que assim aconteça. Enquanto não se definam com clareza as diferenças que ocasionaram o aumento do imposto do salitre entre os dois governos; nada mais justo que não levar à prática e manter o *status quo* anterior, pretensões objetadas pela parte contrária. De outra maneira seria resolver por si e diante de si uma questão que um árbitro estrangeiro deve solucionar. [...] Como se vê, a conduta precipitada do governo boliviano levou as coisas a esta difícil e embaraçosa situação. E uma vez que se chegou a este patamar as

diferenças, começaram a perder seu primitivo caráter, e uma simples questão de direito que era antes, se converteu em um sério ponto de honra nacional. Aqui está o resultado de uma imprudência. Por que não voltam as coisas ao estado anterior? Por que antes de agir não se espera, como é natural, o veredito a que devem submeter-se?²⁰⁷

A notícia revela a atitude de alarme do jornal peruano em relação ao posicionamento da Bolívia. A saída diplomática seria a mais acertada, segundo o jornal, mas para que isso ocorresse a Bolívia deveria abrir mão da cobrança do imposto. Ao divulgar esta nota em suas páginas, o *El Mercurio* demonstrou acreditar na atitude amigável do Peru em relação ao Chile. Neste momento, a neutralidade do Peru era mais adequada aos intentos chilenos. A guerra entre Chile e Bolívia ainda era vista pelo Peru como algo negativo, como demonstra a notícia:

Questão chileno-boliviana. (Editorial do *La Tribuna de Lima*). [...] A maior parte dos interesses e da população deste porto (referindo-se a Antofagasta) são chilenas, e temendo um conflito entre estes e os bolivianos, é prudente apresentar-se ali em condições que permita exercer uma influência moderadora sobre seus próprios súditos e protetores se necessário. [...] Nenhum dos Estados americanos deu, nos vinte últimos anos, maior prova de seu amor pela paz e desejo de cultivar com todos eles relações cordiais, e não há por que supor que se queira separar desta linha de conduta nas suas relações com a Bolívia. Estamos certos de que o ministro do Chile proporcionou ao governo do Peru todas as explicações que seu próprio decoro fazia indispensável.²⁰⁸

É interessante perceber que além de apresentar essa suposta neutralidade, as notícias também demonstravam simpatia ao país que invadiu a Bolívia. Será que esta informação era uma manipulação do editorial do *El Mercurio*? Apresentar o Peru como conivente e favorável à intervenção armada foi uma forma de justificar a invasão? Não temos como averiguar tais conjecturas, mas podemos perceber que o tom amigável foi se transformando rapidamente quando o Peru declarou guerra ao Chile. Na notícia o Chile foi posto como o guardião da diplomacia e da paz, mesmo sendo ele o

²⁰⁷ O jornal *La Estrella de Iquique* existe ainda hoje, mas o que circula atualmente foi fundado em 1966. Pertence ao grupo *El Mercurio* e é o maior jornal da região de Tarapacá, segundo fontes do próprio jornal. No ano de 1879, o diário era peruano e divulgava notícias diversas sobre o que ocorria na mesma região de Tarapacá. <http://www.estrellaiquique.cl/impresa/2015/08/15/papel/> acesso em 15/08/2015. Em relação ao jornal *La Tribuna*, não encontramos nenhuma informação sobre ele.

²⁰⁸ *El Mercurio de Valparaiso*, 19/02/1879, p.02.

responsável pelo estado de guerra, pois efetivamente foi o primeiro a se mover em direção ao conflito, quando desembarcou seu contingente militar no porto boliviano e invadiu a cidade de Antofagasta. Neste aspecto, os jornais peruanos noticiaram o que os empresários e mineradores das elites chilenas queriam ler. O que foi divulgado pelos jornais do Peru foi ao encontro da necessidade de justificar a incursão chilena ao território boliviano. Se o Chile fosse visto como o país que apenas respondeu a uma provocação externa, a tomada do porto pareceria algo “natural” e “justo” de ocorrer. Este cenário, porém, foi se modificando. Poucos dias mais tarde, a partir da segunda semana após a chegada dos soldados chilenos à Antofagasta, a atitude do governo do Peru começou a se transformar. Algumas suspeitas em relação a sua suposta neutralidade foram levantadas pelo jornal *El Mercurio de Valparaiso*, que denunciou em 21 de fevereiro uma “estranha” aproximação entre Peru e Bolívia. Os dois países iniciaram um contato mais direto e o editorial do dia trouxe vários questionamentos relacionados a este “novo” fato:

O QUE SE TEME DOS ESPECTADORES. A ruptura de nossas relações com a Bolívia dará origem a um conflito americano? Isto é o que perguntam alguns observadores medrosos: o ir e vir dos diplomatas entre Lima y La Paz seria para descobrir uma tremenda conspiração maquinada contra o Chile? Por que foi o ministro Quiñones à La Paz? A procura de que irá o mesmo ministro Reyes Ortiz a Lima? Com que intenção está se estendendo o cabo elétrico entre a Bolívia e a República Argentina? Estas perguntas e outras iguais andam a estas horas na boca de todos, e não faltam entre os alarmistas quem assegure que foi assinado por aí uma tríplice aliança cujo objetivo seria moderar as invasões chilenas e destruir a preponderância deste país no continente. Examinemos, pois, a verdade destes rumores que até agora carecem de fundamento sólido e se apoiam somente em simples conjecturas. [...] Um dos nossos colegas da capital se perguntava ontem: Que fará o Peru? E como não obteve resposta, vamos dar nós mesmos. O Peru permanecerá tranquilo em sua casa, porque isso é o melhor que pode fazer.²⁰⁹

A entrada do Peru no conflito, caso os rumores fossem confirmados, traria outros problemas para o Chile. Uma guerra contra a Bolívia era algo palpável, pois o

²⁰⁹ *El Mercurio de Valparaiso*, 21/02/1879, p.03.

exército chileno era superior ao boliviano tanto em contingente quanto em armamentos, mas o Peru entraria no cenário para desequilibrar os lados. Apesar da intenção expansionista idealizada pelos empresários e pelo governo do Chile, uma guerra contra o Peru, ao menos naquele momento, não seria a melhor opção. Sem saber do pacto de ajuda mútua entre os dois países, pois o acordo tinha a intenção de ser secreto, o Chile se preparou para enfrentar um inimigo conhecido e em piores condições de combate. A posição geográfica da Bolívia era favorável ao exército chileno, pois os deslocamentos das tropas bolivianas eram sempre mais difíceis de serem feitos. A Cordilheira dos Andes servia como um anteparo natural entre a Bolívia do Pacífico e a Bolívia do altiplano e a capital ficava do outro lado da cordilheira. A parte ocidental do território e que também continha a região de Antofagasta, não era servida por um regimento do exército que pudesse fazer frente ao seu vizinho do sul.

Esta era uma vantagem chilena no momento em que a questão bélica foi posta pelos seus governantes. O litoral da Bolívia poderia ser facilmente atacado pelos navios que normalmente faziam a proteção da costa do Chile. Entretanto, no caso de ocorrer uma guerra, o exército e a marinha deveriam receber ajuda imediata do governo para serem equipados. Naquele momento, os poucos soldados disponíveis para a batalha estavam na fronteira sul do país fazendo frente ao território indígena da Araucanía²¹⁰. A falta de recursos e, principalmente, a falta de pessoas dispostas a lutar em uma guerra era outro problema que preocupava o governo chileno. O exército contava com 2.440 pessoas distribuídas em 5 batalhões de infantaria, 1 batalhão de artilharia e 2 regimentos de cavalaria²¹¹. Portanto, era preciso alguma atitude por parte do governo para

²¹⁰ Havia um destacamento do exército que permanentemente “protegia” a fronteira entre o território do Chile e a região dominada pelos índios mapuches, ou araucanos, ao sul do rio Bío-Bío. PINTO, Jorge. *La formación del Estado y la nación, y el pueblo Mapuche: de la inclusión a la exclusión*. 2. ed. Santiago: Dibam, 2003.

²¹¹ BULNES, Gonzalo. Op. Cit., p. 47.

convencer a população a se alistar no exército e na marinha a fim de aumentar o contingente ativo de soldados e marinheiros.

A notícia da existência do tratado secreto assinado entre Peru e Bolívia não foi bem aceita pelos redatores do *El Mercurio de Valparaiso*. Quando o representante do ministro das relações exteriores chilenos esteve no Peru para averiguar a veracidade do tal tratado secreto, relatou imediatamente a sua existência às autoridades do Chile e o “segredo” se espalhou²¹². Nesta ocasião, os elogios que foram feitos pelo jornal àquele país que, segundo eles, “deveria ser um árbitro entre os dois vizinhos no momento das discussões diplomáticas”²¹³, passaram a ser modificados dia a dia. Os relatos que circularam em alguns diários peruanos, que traziam em seu teor o repúdio e a censura aos atos do governo do Chile, começaram a ser transcritos com a intenção de mostrar qual seria o “real” objetivo do Peru em relação à guerra. A imagem até então construída sobre o Peru, a de um país bem intencionado e neutro, foi substituída pela imagem de um traidor que trabalhava “pelas costas”. Um exemplo desta nova postura adotada pelo *El Mercurio* foi a transcrição de uma notícia do jornal de Tacna, cidade peruana, escrita dois dias antes do início da invasão, e que só foi divulgada pelo jornal chileno três semanas após o início da guerra:

No nosso modo de ver as coisas e julgando com imparcialidade, nos inclinamos a crer que a pátria de O’Higgins se apartou do caminho da justiça e do direito, para entrar pelo caminho da violência armada, fazendo justiça com as próprias mãos, ferindo temerariamente o coração de um povo desarmado e abjurando dos sentimentos nobres de um elevado americanismo. O Chile disse intempestivamente ao governo da Bolívia que, se não suspendesse os efeitos da lei que estabelecia o aumento 10 centavos pelo salitre, se veriam na necessidade de declarar nulo o tratado de limites que existe entre ambas as nações; e desde logo se deixa vislumbrar que, rompido o tratado, fica o Chile no terreno de suas antigas pretensões de absorção de uma parte do litoral boliviano que disse pertencer-lhe; e não cabe a menor dúvida que dentro de mais

²¹² BULNES, Gonzalo. Op.cit.

²¹³ *El Mercurio de Valparaiso*, 21/02/1879, p.02.

ou menos dias flameará no litoral da Bolívia a tricolor que em Chacabuco e Maipú era a bandeira da redenção de um povo.²¹⁴

A defesa do povo boliviano bem como a de sua soberania está clara nos dizeres do redator. O jornal peruano havia percebido as intenções chilenas ao desembarcar suas tropas na cidade de Antofagasta. O Peru, que também possuía mineradoras de empresários chilenos em seu território estava se posicionando em relação aos projetos expansionistas do Chile. Esta postura pode ser percebida no editorial escrito como resposta à publicação do jornal peruano. Em 27 de fevereiro de 1879, o editor do *El Mercurio*, escreveu sobre o que foi noticiado e destacou que:

A IMPRENSA PERUANA. Um dos pontos que destaca um jornal do Peru em seu artigo sobre a questão chileno-boliviana é o fato de o Chile ter procedido à ocupação do litoral sem o passo prévio de uma declaração de guerra, conforme o ordenado nas prescrições de direito internacional e a prática das nações civilizadas. [...] Conduta igual à que temos observado teria seguido qualquer seção americana, começando pelo Peru, que em mais de uma ocasião tratou a sua *querida irmã* de hoje, e inimiga natural e mortal, desde que a Bolívia desejou se criar por meio de uma tesourada ao velho vice-reinado do Peru, pois não poderia fazê-lo com uma bajulação de selvagens.

A tentativa de justificar a invasão chilena à cidade de Antofagasta e, ao mesmo tempo, repudiar a posição peruana em favor da Bolívia continuou por mais alguns dias. Porém, em 28 de fevereiro, o *El Mercurio* trouxe a seguinte notícia:

ATITUDE DO PERU E O QUE DEVE SER A NOSSA. O que previmos se realizou ao pé da letra. O governo do Peru, não obstante o propósito de neutralidade do presidente Prado, se prepara para intervir em nossa contenda com a Bolívia. Quer, pelo visto, ser mediador bem-afortunado, ameaçador ou, em último caso, vingador de sua aliada, se depreciarmos suas ameaças. Para conseguir um destes propósitos, vai nos enviar um ministro que, segundo as notícias recebidas, começará sua missão pedindo ao governo explicações a respeito da medida (ilegível) de ocupação do litoral. [...] os rancores nacionais mal cicatrizados voltarão a se inflamar e o governo terá que aceitar forçosamente o segundo extremo do dilema, isto é, a intervenção armada contra o Chile.²¹⁵

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ *El Mercurio de Valparaiso*, 28/02/1879, p.02.

Os rancores mal cicatrizados nos remetem à Guerra contra a Confederação Peru-boliviana, quando o Chile saiu vitorioso pela primeira vez diante de seus vizinhos. A atitude peruana deve ser considerada como o anúncio de uma nova guerra entre os três países, sendo que o Peru seria o “vingador” da Bolívia. Neste momento, o jornal se posiciona claramente a favor do conflito e, nos meses de fevereiro, março e abril de 1879, continuou trazendo matérias a respeito do início da guerra, da movimentação das tropas e do avanço chileno sobre os territórios da Bolívia e do Peru. Estes movimentos ainda estavam em seu início e nenhuma grande batalha havia ocorrido para que pudesse encher as páginas do jornal de notícias extraordinárias. Entretanto, no dia 21 de maio aconteceu o episódio que mudou radicalmente o rumo da guerra. Trata-se do Combate Naval de Iquique.

Para aprofundarmos no objetivo do trabalho, fizemos uma análise mais detalhada sobre os discursos produzidos pelo jornal e mais especificamente sobre o episódio do Combate Naval de Iquique. Continuaremos utilizando o periódico *El Mercurio de Valparaiso* para sustentar a nossa argumentação e demonstrar que houve a intenção de se criar um grande acontecimento para que, a partir dele, a nação e o nacionalismo chileno fossem fortalecidos.

Capítulo III

A “legitimidade” da guerra, a criação do “herói” e a reafirmação da “superioridade” chilena.

Um discurso nacionalista tem como característica a exaltação do povo pertencente à nação a qual ele se dirige em detrimento de outros povos e outras nações. Para se construir um discurso nacionalista que crie um efeito proveitoso, a comparação seguida da desqualificação do “outro” é importante, pois a nação se fortalece na medida em que seus membros se identificam e se reconhecem mutuamente. A ênfase na questão “racial” e cultural serve como um fator agregador e possibilita a afirmação da similaridade entre aqueles que se sentem pertencentes a uma nação. Juan Carlos Arellano, em seu artigo sobre os discursos racistas durante a guerra, nos afirma que:

Na Guerra do Pacífico (1879-1884) os discursos bélicos de cunho nacionalista não foram isentos de tal concepção. O discurso racista foi alimentado por uma concepção histórica nacionalista que emergiu desde o início da guerra, narrativa que foi forjada sobre a base da díade “civilização” e “barbárie”, representação que influenciou as narrativas bélicas que exacerbaram as particularidades da raça como elemento definidor do destino da guerra.²¹⁶

Antes de iniciarmos a análise das notícias referentes ao Combate Naval de Iquique, gostaríamos de voltar às questões propostas nesta pesquisa. O jornal *El Mercurio de Valparaiso* construiu a figura de um herói nacional? Seus redatores utilizaram um discurso nacionalista para legitimar a guerra entre Chile, Peru e Bolívia? O jornal da família Edwards foi importante na construção do nacionalismo chileno? Acreditamos que sim. O jornal participou ativamente na construção da imagem do herói

²¹⁶ ARELLANO, Juan Carlos. Discursos racistas en Chile y Peru durante la Guerra del Pacífico (1879-1884). Revista de *Estudios Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 38, n. 2, p. 239-264, jul./dez. 2012.

nacional e do evento Combate Naval de Iquique. Pierre Nora, em seu artigo *O retorno do fato*, descreve a importância da imprensa na criação e divulgação de um acontecimento:

É aos *mass media* que se deve o reaparecimento do monopólio da história. De agora em diante esse monopólio lhes pertence. Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar. [...] Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios nos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência. A publicidade dá forma à sua própria produção. Acontecimentos capitais podem ter lugar sem que se falem deles. [...] O fato de terem acontecido não os torna históricos. Para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido.²¹⁷

Partindo deste princípio, podemos perceber, como já mostramos, uma ligação muito forte entre a imprensa e a construção da história. Ao divulgar um fato, os meios de comunicação proporcionam àqueles com quem interage a oportunidade de trazer à existência algo que não existia. Não estamos avaliando a veracidade do fato, apenas demonstrando que há uma relação entre quem escreve e quem lê; quem fala e quem ouve; quem desenha e quem vê. A partir desta relação, podemos pensar que as mensagens divulgadas pelo jornal *El Mercurio de Valparaiso* durante a Guerra do Pacífico atingiram seus leitores. Não estamos afirmando que este veículo influenciou diretamente o pensamento ou o comportamento destes leitores, pois não temos fontes para isso e nem é o propósito desta pesquisa, mas podemos aferir que seu discurso nacionalista ajudou a difundir a ideia de pátria e nação que as elites chilenas queriam estabelecer. Se pensarmos que o sentimento de pertencimento à nação em que se vive é construído e não inerente ao homem, como nos afirma alguns autores estudiosos do tema, podemos pensar também que alguns sujeitos históricos tomaram para si a tarefa de fazê-lo. A ideia de nação também pode ser pensada desta forma. Ao supormos que a nação é uma construção, seja feita pelo Estado, como na tese de Ernest Gellner ou

²¹⁷ NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LeGOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p.181.

culturalmente, como defende Benedict Anderson, é possível pensar que também existe uma ligação entre a divulgação do fato e a sua incorporação ao modo de pensar dos indivíduos. O que podemos presumir é que o jornal foi um dentre os vários mecanismos que auxiliaram o Estado chileno ou a sociedade na construção de seu nacionalismo.

Os relatos feitos pelo jornal circularam entre os habitantes da cidade de Valparaíso e demais localidades, mas só se tornaram um acontecimento na medida em que a comunidade de leitores se identificou com o discurso proferido pelo meio de comunicação. No caso do jornal *El Mercurio*, é possível perceber como os relatos que circularam em suas páginas sobre o Combate Naval de Iquique estavam carregados de palavras de exaltação à pátria e aos marinheiros que participaram do conflito. Sua intenção pode ser verificada e o rápido aumento do contingente militar, que passou de 8.000 homens para 18.000 homens²¹⁸ logo após o ocorrido, pode ser um indício da anuência de seus leitores em relação à proposta do jornal. Não estamos afirmando que a participação do jornal foi determinante para esse aumento de contingente, mas podemos perceber que o discurso proferido por seus redatores estava de acordo com os ideais daqueles que apoiaram e aderiram à guerra.

O exército chileno, no momento em que a guerra fora deflagrada, contava com um efetivo de aproximadamente 8.000, como foi dito, mas este número é controverso. No artigo intitulado *El Ejército de Chile en vísperas de la Guerra del Pacífico*, de Valentina Verbal, a autora mostra, conforme tabela a seguir, que o valor do contingente foi atribuído de acordo com o argumento, a favor ou contrário ao Chile, que os diversos autores da historiografia da guerra fizeram. Por exemplo, o chileno Diego Barros Araña afirmou que o Chile contava com 2.440 homens contra 8.000 homens do Peru; o também chileno Toro Dávila nos informa que foram 8.000 chilenos contra 8.000 e

²¹⁸ BULNES, Gonzalo. Op.cit.

2.000 bolivianos a se enfrentar no início do conflito; o autor argentino Chivate calculou em 9.127 chilenos, contra 7.000 peruanos e 2.232 bolivianos.

Dotación de tropas de Chile, Perú y Bolivia al inicio de la Guerra del Pacífico, según historiadores de diversas nacionalidades⁵⁵

Autor	Nacionalidad	Chile	Perú	Bolivia
Barros Arana	Chilena	2.440	8.000	
Blanco	Boliviana	3.000		1.200
Bulnes ⁵⁶	Chilena	2.200	5.000	
Caivano ⁵⁷	Italiana (pro-peruano)	13.000	8.000	2.000
Civati	Argentina	9.127	7.000	2.232
Ekdahl ⁵⁸	Suiza (pro-chileno)	8.887	8.930	
Ferrer ⁵⁹	Chilena	2.400	7.000	
Körner y Boonen ⁶⁰	Alemana y chilena	9.502	13.181	3.406
Mason ⁶¹	Estadounidense (pro-chileno)	2.440	9.000 a 13.000	3.300
Paz-Soldán	Peruana	9.000	4.000	
Toro Dávila ⁶²	Chilena	8.000	8.000	2.000
Wilde	Boliviana	13.000	3.000	1.200
Encina ⁶³	Chilena	8.887	7.000	2.239

Fuente: Barros Arana, Diego, *Historia de la Guerra del Pacífico (1879-1881). Obras Completas de Die-*

Para que possamos analisar o nosso objeto de pesquisa, optamos por trabalhar com a informação de Gonzalo Bulnes, de 8.000 chilenos no início da guerra, que se aproxima bastante com os números enviados ao congresso chileno pelo Ministro da Guerra Basílio Urrutia, e que já foram relatados anteriormente. É importante destacar ainda, que este efetivo era formado pelo chamado exército do Chile e pela Guarda Nacional, instituição que se formou durante o processo de independência e permaneceu ao longo do século XIX.²¹⁹

3.1 - O Combate Naval de Iquique.

O Combate Naval de Iquique ocorreu na manhã do dia 21 de maio de 1879, nas proximidades da costa dessa cidade, que na época pertencia ao Peru²²⁰. O evento, denominado pelos chilenos de “Glórias Navales”, nos chamou a atenção de imediato

²¹⁹ VERBAL, Valentina. *El ejército de Chile en vísperas de la Guerra del Pacífico*. História 396, Santiago, nº1, 2014, p.135-165. <http://www.historia396.cl/wp-content/uploads/2014/07/06-Valentina-Verbal.pdf>, acesso 30/10/2015.

²²⁰ Ver mapa II em anexo.

por ser algo singular no que diz respeito à palavra “glorioso”, pois se trata de uma batalha perdida pela esquadra chilena que, ao invés de trazer prejuízos morais ao restante das tropas, iniciou a construção de um pensamento de superioridade em relação aos inimigos, que ajudou a conduzir o país à vitória no final da guerra.

Dois navios chilenos se encontravam no litoral da cidade de Iquique supostamente fazendo o bloqueio do porto na manhã de 21 de maio. Não haveria nada de estranho nesta estratégia se não fosse pelo fato de que os dois navios mais antigos e despreparados da marinha chilena eram os que estavam a cargo da missão. Nos dizeres de Gonzalo Bulnes, “[...] a esquadra estava impossibilitada de fazer qualquer coisa, pois os barcos necessitavam de reparações urgentes.”²²¹ Enquanto a maior parte dos navios de guerra em condições de oferecer resistência ao inimigo estava a caminho do porto de Callao, no Peru, os dois navios ficaram para “impedir” que o então movimentado porto de Iquique continuasse com suas atividades normais de comércio. O objetivo desta manobra era causar um impacto na economia local, reduzindo ao máximo o número de embarque e desembarque de mercadorias no referido porto.

De acordo com os informes da época, que podem ser encontrados também na historiografia referente ao combate, os navios estavam ancorados próximos à baía, quando ocorreu o primeiro encontro entre as duas marinhas. Para que o cenário seja satisfatoriamente compreendido, faremos a descrição do acontecido por meios das palavras de Gonzalo Bulnes:

Em 21 de maio de 1879 a *Covadonga* fazia a ronda, enquanto a *Esmeralda* permanecia sendo revistada. Também estava lá o transportador *Lamar*. Quando os primeiros raios de sol começaram a romper a espessa neblina, o vigia da *Covadonga* gritou: fumaça ao norte! Condell se vestiu rapidamente e observando com a luneta viu que de longe sulcavam as águas dois navios, o *Huáscar* e a *Independência*, segundo marinheiros que haviam servido neles. [...] Prat ordenou que a *Esmeralda* saísse para reconhecer os barcos inimigos e logo voltou

²²¹ BULNES, Gonzalo. Op.cit., p.72.

ordenando a *Covadonga*: venham atrás de mim! O capitão Prat pronunciou em seguida, desde a ponte de seu navio, à tripulação em formação, estas palavras: Rapazes, esta luta é desigual. Nunca nossa bandeira foi arriada diante do inimigo e espero que esta não seja a ocasião de se fazer isso. Enquanto eu viver essa bandeira flameará em seu lugar, e se eu morrer meus oficiais saberão cumprir com seu dever. E tirando o barrete sacudiu-o no ar gritando: viva Chile!²²²

Essas palavras podem ter sido ditas por Prat no momento do combate ou podem ter sido criadas posteriormente por pessoas que quisessem dar mais brilho ao acontecimento. Esta questão não pôde ser avaliada por falta de fontes, pois a bibliografia consultada utiliza essas palavras como algo efetivamente declarado pelo comandante. Não obstante, o que nos importa é a permanência destas palavras em meio ao imaginário do povo chileno que, a cada feriado de “Glórias Navales”, as repetem como se buscassem imortalizá-las. O desfecho deste combate, que segundo os relatos durou cerca de três horas, foi a vitória da nau peruana *El Huáscar* que conseguiu afundar o navio chileno *La Esmeralda* e aniquilar seu comandante Arturo Prat, os principais oficiais e grande parte da tripulação. Os momentos que se sucederam foram de contínua investida da armada do Peru ao outro navio chileno *La Covadonga*. Não conseguindo derrotá-lo, devido ao sucesso da manobra feita por esta embarcação que se pôs em águas rasas, o comandante do *La Independência* se rendeu à marinha chilena junto com toda a sua tripulação. Apesar do desastre protagonizado pelo primeiro navio afundado, *La Esmeralda*, a rendição dos tripulantes peruanos que estavam a bordo do *Independencia* serviu para dar um gosto de vitória ao final do ocorrido. Quanto ao *Huáscar*, ele teve o mesmo destino que a *Esmeralda*. Foi abatido após meses de perseguição pela armada chilena, no episódio conhecido como “*Correrías del Huáscar*”²²³.

²²² Idem, p.56.

²²³ Idem.

Com a derrota sofrida na batalha, as atenções dos redatores do jornal se voltaram para a construção da imagem heroica de Arturo Prat, bem como a de seus marinheiros. Antes deste dia fatídico, nenhuma menção ao nome do comandante foi feita em suas páginas, mas a partir do ocorrido, seu nome apareceu seguido de diversos adjetivos que tornaram seus “feitos” admiráveis. Imortalizá-lo passou a ser uma questão prioritária para jornal, e sobre ele muito se falou nos dias que sucederam o embate. Uma rápida biografia de Prat, acompanhada dos mais altos elogios a sua pessoa, foi feita pelo jornal *El Mercurio* na tentativa de imortalizar sua figura. Em um trecho da matéria lemos que:

[...] este jovem instruído e valente marinheiro foi morto com toda a glória que era de se esperar de seus antecedentes como cavalheiro e de seu estilo como marinheiro chileno: mas não morrerá de certo na memória deste povo agradecido, que hoje o pranteia, e amanhã o imortalizará como se imortaliza aos verdadeiros heróis, [...] em sua vida privada foi um modelo exemplar e por seu caráter afável, doce, parecia incapaz do valor de que deu tantas provas, como as deu também de seu talento como marinheiro e de homem ilustrado.²²⁴

Neste espírito de exaltação, o jornal começou a fazer uma campanha junto aos seus leitores para arrecadar dinheiro e construir uma estátua em sua homenagem na cidade de Valparaíso. A participação popular, principalmente de pessoas ligadas às elites da sociedade de Valparaíso, foi intensa. O jornal relata ao longo dos meses de junho, julho e agosto de 1879 uma efetiva participação daquela sociedade na arrecadação dos recursos necessários para a construção do monumento, que foi erigido e ainda se encontra na cidade de Valparaíso, como veremos mais adiante. Na primeira semana após o combate, o nome do comandante Prat e a sua história encheram as páginas do diário. O mesmo ocorreu nos dias 21 de maio dos anos seguintes ou a cada vez que o entusiasmo dos chilenos se arrefecia com as notícias das batalhas. Estas histórias sobre sua vida pessoal e sua carreira na marinha eram contadas e recontadas durante todo o período que durou a guerra e nenhum outro acontecimento, nem mesmo

²²⁴ *El Mercurio de Valparaíso*, 26/05/1879, p.02.

a invasão do exército chileno à cidade de Lima, teve tanta repercussão quanto à morte “heroica” do comandante.²²⁵

O desejo de construir um herói para o Chile fez com que o jornal se esmerasse na formulação de suas matérias. Nos dias posteriores ao combate circulou uma notícia que comparava a pessoa de Prat com a do almirante Nelson, personagem que protagonizou a batalha de Trafalgar ocorrida em 1805 entre Inglaterra, Espanha e França em pleno período napoleônico. Através de um paralelo feito entre os dois navios, *El Huáscar* peruano e *La Esmeralda* chileno, o redator do *El Mercurio* enfatizou o desempenho dos marinheiros e de seu comandante da seguinte forma:

[...] os marinheiros ingleses do *Turquoise*, que são bons juizes na matéria, disseram que desde os tempos de Nelson o mundo não havia presenciado um feito parecido ao da *Esmeralda*. Todos, inclusive os peruanos, estão admirados do heroísmo do comandante, oficiais e tripulantes da nossa corveta.²²⁶

A maneira pela qual a notícia foi produzida demonstra a intenção de enaltecer o combate não apenas no Chile, mas também em outros países. Segundo o jornal, tanto os ingleses como os próprios peruanos admiraram os atos dos marinheiros chilenos e, principalmente, de seu comandante. Neste trecho é possível perceber que a figura de Prat como representante chileno alcançou um patamar mais “elevado”. A comparação com o almirante Nelson sugere que o Chile estaria à altura das nações mais “desenvolvidas” do mundo, corroborando com o ideal de nação “civilizada” imaginada pelas elites do país. Como a intenção das elites, representada pelo dono do jornal *El Mercurio de Valparaiso*, era a de vencer a guerra e conquistar os territórios ricos em minerais do Peru e da Bolívia, a ideia de se afirmar como os “representantes” da honra e da civilidade era bastante conveniente. Um povo com esta conduta deveria, segundo este pensamento, se expandir e dominar sobre os mais débeis. Foi neste momento

²²⁵ Idem, jun., jul. e ago. de 1879.

²²⁶ Idem, p.02.

começou a aparecer um discurso preconceituoso e racista que será abordado no próximo capítulo.

A notícia que se segue ilustra de maneira clara a ideia da “superioridade” chilena e acrescenta a “predestinação” de sua vitória. Vamos analisá-la por partes:

Alegria e tristeza. Tem sido tão estupendo, tão milagroso o desenlace desta que chamaremos de tragédia sem igual nos anais das guerras marítimas, que ainda ontem duvidávamos da efetividade das notícias recebidas no sábado. Sobre a perda da *Esmeralda*, o coração nos dizia que era verdade, mas do mesmo jeito algo muito sublime deve ter acontecido antes que o navio se sepultasse para sempre nos abismos do mar. Que o comandante Prat tenha mandado atear fogo na Santa Bárbara para não deixá-la em poder de seu opositor, senão pequenas lascas de madeira do legendário navio que comandava ou que este tenha perecido junto com ele e seus companheiros aos golpes incontrastáveis de seu poderoso inimigo, o feito principal é este mesmo: a *Esmeralda* não quis se render e pereceu coberta com a gloriosa bandeira do Chile, a semelhança daqueles cruzados que para morrer dignamente se envolviam no sagrado estandarte de Cristo.²²⁷

O heroísmo e a glória estão no centro do relato. A comparação feita entre os marinheiros chilenos e os cruzados serve para engrandecer o acontecimento e justificar toda iniciativa de “revanche” que estaria por vir. Além do mais, essa comparação pode demonstrar o intuito de sacralizar este combate e colocá-lo como o legitimador da guerra que ainda estava em seu início. A bandeira como mortalha sugere um esforço glorioso em se defender a pátria e construir uma nação digna de toda honraria por ser semelhante à “sagrada Jerusalém”. Diante deste quadro, como não se “render” incondicionalmente a esta nação e fazer com que ela seja o bem maior a ser preservado na vida de todos? A menção ao incêndio da Santa Barbara²²⁸ para “não deixa-la em poder de seu opositor”, demonstra a preocupação do comandante em defender sua pátria

²²⁷ Idem, p.02.

²²⁸ Santa Bárbara era o nome dado ao depósito de pólvora nos navios chilenos antigos. In: CAVIEDEZ, Eloy. *El combate de Iquique*. Santiago: Ediciones Altazor, 2007.

mesmo diante da maior adversidade. Este exemplo de bravura serviria de modelo aos demais combatentes que, igual a *Esmeralda*, não deveriam se render diante do inimigo.

Quanta sublime honra não existe na agonia e morte destes mártires do dever e do patriotismo! Desde que viram os navios inimigos, a esperança de suas vidas deve ter sido trocada pela certeza da imolação. E que imolação! A do valor mais heroico diante da força bruta, representante habitual do implacável destino; a do patriotismo mais puro diante da maquinação mais covarde das infinitas que no seu gênero recorda a história. Mas sem dúvida a Providencia em seus inescrutáveis desígnios tinha disposto que o valor chileno resplandecesse com todo o seu fulgor para iluminar com a sua luz celeste o negro e abissal coração peruano.²²⁹

Os “mártires do dever e do patriotismo”, que entregaram a sua vida para imolação, eram as figuras maiores da pátria naquele momento. O jornal associou, uma vez mais, os marinheiros aos fiéis cristãos que entregaram suas vidas por uma causa “justa” e “eterna”. É notável a influência da Igreja no fomento à participação popular na Guerra do Pacífico.

A notícia prossegue afirmando ainda que:

Consumado o martírio, o que nos cabe fazer? Primeiramente vingar a esses heróis, e depois eternizar a sua memória no mármore e no bronze. Já que o oceano não admite epitáfios que transmitam à posteridade as façanhas destes que recebe no seu mais profundo seio, em nossas praças, em nossas ruas, na orla deste mesmo mar cúmplice e testemunha da catástrofe, que se levante em breve um monumento comemorativo aos mártires da *Esmeralda*.²³⁰ Na praia de Iquique, o viajante deve encontrar uma coluna que o lembre, caso tenha se esquecido, ou que o ensine, se ele não souber os nomes de todas estas ilustres vítimas e também dos seus vitimadores.²³¹

Outra questão que merece ser analisada é a ideia do local onde deveria ser construído um memorial aos “heróis” chilenos: “Na praia de Iquique, o viajante deve encontrar uma coluna que o lembre, caso tenha se esquecido, ou que o ensine, se ele não

²²⁹ *El Mercurio de Valparaiso*, 26/05/1879, p.02.

²³⁰ *El Mercurio de Valparaiso*, 26/05/1879, p.02.

²³¹ *Idem*.

souber os nomes de todas estas ilustres vítimas e também dos seus vitimadores.”²³²

Naquela data Iquique fazia parte do Peru e, como ainda não se sabia o desfecho da guerra, pode-se perceber o tom de prepotência na mensagem feita. Por que o Peru, que estava envolvido diretamente no conflito, deveria render homenagem póstuma ao inimigo que havia sido derrotado na batalha? Esta pergunta é de difícil resposta, mas é possível, uma vez mais, perceber a necessidade do discurso engrandecedor da nação proferido pelo jornal. A intenção era elevar a moral chilena, pois as palavras de exaltação eram inúmeras. A ideia de morrer pelo Chile, tão sublime quanto morrer por Cristo, continuou a ser apresentada no texto:

Entretanto, a *Covadonga*, a débil e gloriosa galé que trás por nome o da querida e venerada patrona de *Pelayo*, que por um favor muito especial de Deus teve a sorte de destroçar e incendiar a balas de canhões a poderosa fragata que junto com o *Huáscar* formava o orgulho e a potência da marinha peruana. Este singularíssimo feito das armas não tem, talvez, igual na história marítima do mundo. É algo como a luta entre um inseto e um leão ou um elefante. [...] o comandante Condell vingando, em uma palavra, os seus companheiros da *Esmeralda*, como o fez, se apresenta para nós como um anjo exterminador a quem Deus deu, para castigar e envergonhar eternamente os peruanos, com um poder sobrenatural. A vingança não poderia ter sido mais terrível. O *Independência* ficou sujeitado entre os penhascos como um assassino a quem se amarra em um cilindro para fazer a [ilegível] sequer o valor do seu delito: arriou covardemente a sua bandeira, içou a de rendição, mas o anjo vingador não teve piedade e acabou com ela em memória de seus irmãos tão barbaramente sacrificados e da justiça que com tanta torpeza foi escarnecida.²³³

A maneira pela qual o nome de Deus é posto a favor da esquadra chilena também é interessante. Como vimos anteriormente, os redatores do jornal quiseram mostrar aos seus leitores que o aval divino estaria em tudo o que ainda iria acontecer. A figura do “anjo exterminador” aprovado e justificado em toda a sua obra para, com fúria, combater o inimigo a qualquer custo demonstra a “superioridade” desta nação em relação à outra. Se o país lutava “em nome de Deus”, sua luta se tornaria legítima e sua

²³² Idem.

²³³ Idem.

posição se elevaria sobremaneira no quadro internacional da época, possibilitando a construção de uma imagem confiável e temida, tanto interna quanto externamente. Além disso, o jornal comparou as figuras do chileno e do peruano, exaltando o primeiro e escarnecendo o segundo da seguinte maneira: “Que contraste ofereceram os peruanos do *Independência* com os chilenos da *Esmeralda*! Estes morrem com a bandeira por mortalha; aqueles com trapo imundo, para buscar a vida e o perdão!” Mais uma vez a ideia do nacionalismo chileno foi posta em evidência pois, a bandeira era um símbolo de heroísmo, comparado à uma mortalha, e somente um chileno poderia usá-la, mas o peruano se envolveu em um “trapo imundo”, que não tinha nenhum valor e ainda necessitava de perdão.

Em relação ao incentivo necessário para levar a guerra adiante, o jornal utilizou a ideia da vingança. Uma “afrota” como a que foi feita pelo Peru merecia ser vingada a qualquer preço. A melhor atitude a ser tomada, segundo o *El Mercurio*, seria imitar os atos de bravura dos marinheiros chilenos e sair em busca do “algoz” da *Esmeralda*; o navio peruano *Huáscar*. Esta tarefa era tão importante que a Providencia Divina se encarregaria de seu sucesso:

[...] Já estamos vingados; mas, todavia não o bastante. Enquanto o *Huáscar*, autor do martírio da *Esmeralda* não se encontrar em nosso poder, ou se afundar no mar com os que levam consigo, a vingança não será proporcional à dor que sentimos e nem o castigo bastante exemplar ao crime tão negro e tão covarde como o perpetrado na baía de Iquique. O melhor tributo que podemos prestar aos nossos mortos queridos é imitar seu exemplo, e que os nossos soldados de mar e terra os imitarão é tão certo quanto a proteção da Providencia nesta tremenda luta.²³⁴

A Igreja Católica era uma instituição de prestígio na maioria dos países da América Latina no final do século XIX. No caso específico do Chile, podemos perceber sua influência e grande participação em todo o processo persuasivo que envolveu a

²³⁴ Idem.

Guerra do Pacífico. A estratégia de convencimento da comunidade cristã naquele momento foi a utilização de um discurso feito em nome de Deus. A historiadora peruana Carmen Mc Evoy ilustrou muito bem essa participação eclesiástica através das palavras proferidas pelo frei capuchino Irineo Moza, em sua pregação intitulada *Amor Pátrio* que “um exército composto por indivíduos preparados para morrer para obedecer a Deus era invencível”.²³⁵ A autora também analisou a força do pensamento religioso do Chile durante a Guerra do Pacífico e mostrou o protagonismo da Igreja em todo o conflito. McEvoy, expos muito bem a importância do papel desses discursos patrióticos que foram pronunciados repetidas vezes desde os púlpitos das igrejas no Chile e que chegaram até a redação do *El Mercurio*. A “retórica sagrada” foi, segundo ela, um elemento persuasivo de grande importância, pois legitimou a participação chilena no conflito de forma definitiva. O Chile lutava com Deus e por Deus, e isso praticamente selava o destino glorioso da nação. As novenas a favor da guerra tornaram-se comum em Santiago e em outras cidades do país, sendo que as orações se converteram em um “ato compulsivo que tinha como meta ganhar o apoio de Deus”. A justificativa para que se entregasse a própria vida em favor da causa nacional era um passo importante para o fiel, uma espécie de “trâmite necessário para se alcançar a vida eterna”, e isso ocasionou a divulgação das ideias beligerantes por meio de diversos recursos, inclusive do jornal objeto de nosso estudo.²³⁶ Ela escreve ainda que:

Os círculos intelectuais da Igreja Católica chilena tiveram um papel crucial durante a Guerra do Pacífico. O grande feito para suas linhas de frente, tanto na frente doméstica quanto no teatro de operações, foi demonstrar aos seus difamadores o poder indiscutível que, no incerto cenário de um enfrentamento internacional tinham os símbolos, os rituais e a ideologia cristã. O resgate do legado cristão para os tempos de guerra proveu a muitos dos escritores católicos de uma magnífica oportunidade para provar, não só o potencial da oratória sagrada como o

²³⁵ McEVOY, Carmen. Op.cit., p.55.

²³⁶ McEVOY, Carmen. *Armas de persuasión masiva: retórica y ritual en la Guerra del Pacifico*. Santiago: Editora Centro de Estudios Bicentenario, 2010.

poder da infraestrutura moral e material da qual dispunha a corporação religiosa chilena.²³⁷

Devemos notar o apelo feito ao restante dos soldados para que imitassem o exemplo deixado pelos “heróis” da *Esmeralda* e combatessem o inimigo com toda a força e disposição. Não é sobre a perda do navio que versa a notícia acima, mas sim sobre a “nobreza” dos soldados chilenos e a capacidade de defender a pátria com suas vidas. O que poderia parecer uma grande derrota foi posto de tal forma pelo jornal que fez chegar até seus leitores a ideia de uma vitória espetacular:

[...] Todos haviam tido o entendimento da delicadíssima situação em que se haviam colocados nossos barcos, apesar de que ninguém tampouco abandonava a esperança de que nossos marinheiros saberiam ao menos sair dela com honra. Por isso se compreenderão quão legítimo foi o entusiasmo frenético que tomou conta do povo quando se soube da notícia de que a *Esmeralda* havia sucumbido com glória, explodindo sua Santa Bárbara.²³⁸

Como o povo poderia estar freneticamente entusiasmado com uma perda dessas? Honra e glória não são necessariamente compatíveis com um naufrágio. Além disso, a explosão da Santa Bárbara não deveria ter sido tão comemorada como foi. Uma vez que o navio afundou, que importância teria a sala de munições para o inimigo? A profundidade das águas onde ocorreu a batalha era grande o suficiente para não permitir um resgate de seus destroços por parte dos marinheiros peruanos. E a notícia continua, assim como as comparações entre chilenos e peruanos:

[...] O contraste, que a primeira vista oferecia o quadro, era notável: por um lado a *Esmeralda* sucumbindo com a sua bandeira no topo, e por outro o *Independência* implorando clemência. E de quem! De um barquinho que o Chile conserva não como navio de guerra, senão como uma recordação ou uma pequena joia gloriosa. Havia, pois, um legítimo motivo para se entusiasmar, sobretudo depois dos deploráveis resultados que deveriam se esperar com surpresa, uma vez que os nossos navios não tinham a menor esperança de fugir, graças à superioridade dos nossos inimigos, nem tampouco a de barrá-los, pois era sair das chamas para cair no fogo.²³⁹

²³⁷ Idem.

²³⁸ Idem.

²³⁹ Idem.

Aqui o redator alegou que a superioridade chilena não existia por motivos materiais, uma vez que estavam lutando com um “barquinho”, mas por motivos muito mais nobres que a boa qualidade de sua frota. O Chile lutava com seus “bravos” e “heroicos” marinheiros, algo muito maior e muito mais difícil de obter. De acordo com o jornal, enquanto o Peru possuía navios bem armados, a marinha chilena contava com pessoas bem preparadas, instruídas no amor à nação e na bravura necessária para conquistar seus inimigos:

Pensar em tudo isso não era um grande triunfo moral e material o que obteríamos? E justamente quando este era o um dos nossos fracassos na guerra, fosse por um imprevisto ou qualquer outra coisa? É certo que as notícias de ontem vieram modificar em parte as primeiras impressões; mas o resultado positivo é o mesmo: nossa vantagem é inquestionável, seja considerada pelo lado material ou pelo moral. Nós perdemos um barco de madeira sem importância nenhuma para as nossas forças marítimas, e eles perderam um poderoso blindado, perda que agora nos permite formar em nossas forças duas divisões caso seja necessário. Se isto não é um triunfo, ou duplo triunfo, que os peruanos digam que significa.²⁴⁰

Podemos perceber a exaltação feita aos marinheiros chilenos. Esta notícia se sobressai pelo modo como a esquadra peruana foi menosprezada por haver se rendido. Contudo, o ponto principal que gostaríamos de destacar é a maneira pela qual o jornal transformou, mais uma vez, o fracasso em triunfo. Ao colocar o resultado da batalha como positivo do ponto de vista material, pois ele insistia em dizer que a perda da *Esmeralda* não foi significativa em termos econômicos, podemos perceber a inversão dos valores aqui expostos. Um “duplo triunfo” foi, na visão do redator, o resultado final do ocorrido. A glória da *Esmeralda* expressa em sua luta até a morte foi o fator mais relevante de todo o evento: a derrota foi um triunfo glorioso!

Outra forma utilizada para noticiar o acontecimento foi a reprodução de alguns dos telegramas enviados pelos oficiais em comunicação aos seus superiores. Observemos o seguinte relato:

²⁴⁰ Idem.

Cabo Sub-marino. Senhor ministro da guerra: Antofagasta, 24 de maio de 1879. O tenente da guarnição em Chacance afirmou o seguinte: “O comandante das forças em Tocopilla disse: ‘Blindados *Huáscar* e *Independência* bateram com a *Esmeralda* e o *Covadonga*. *Covadonga* fez o *Independência* ir a pique. Este arriou a bandeira que trazia no topo do mastro maior, içando outra de rendição. O bravo comandante Condell não deixou de atirar até incendiá-la completamente. A *Esmeralda* que se viu acuada pelo *Huáscar* preferiu incendiar a Santa Bárbara ao invés de se render. *Huáscar* tomou o rumo de Callao, onde provavelmente encontrará a nossa esquadra. *Covadonga* repassou à Tocopilla se enchendo com muita água. Convoquei muita gente e mandei à bordo operários para consertar as bombas. Creio que se salvará. Existem três mortos, entre eles o doutor Valenzuela e cem feridos. J.Arteaga.²⁴¹

A exaltação dos marinheiros chilenos e o desprezo aos peruanos por se renderem ao inimigo é notável. A referência constante ao fato de se incendiar a Santa Bárbara para que o inimigo não tivesse acesso a maior quantidade de munição, justificava a ação “heroica” do comandante chileno que pensou em todos os detalhes para que a “vitória” fosse completa.

As igrejas locais se manifestaram a favor do ocorrido legitimando a ação dos marinheiros chilenos. O apoio da Igreja, como já dissemos, foi fundamental para o desenvolvimento da guerra, pois produziu a ideia de que a posição do Chile era vantajosa e que a batalha teria tido o “apoio” de Deus. A referência à quantidade de pessoas que seguiram o som dos sinos nos ajuda a perceber essa tentativa de legitimar o ocorrido:

Repicar dos sinos. No momento em que se teve conhecimento das notícias transmitidas pelo cabo, os sinos da Matriz de São Francisco foram (ilegível). Ao escutar o retumbar àquela hora, os vizinhos dos morros supuseram que algo muito importante ocorria, e era preciso ver como desceram aos milhares até a parte baixa da cidade. Ao saberem das notícias seu entusiasmo não reconheceu limites e até muito tarde da noite se escutavam ainda por todas as partes os gritos de viva Chile e a esquadra.²⁴²

Uma notícia sobre a banda de música da cidade de Valparaíso demonstrou a euforia com que a população recebeu o aviso sobre o combate. A manifestação de

²⁴¹ Idem.

²⁴² Idem.

entusiasmo das pessoas, a entoação do hino nacional e os gritos de viva ao Chile evidenciaram essa receptividade e o consentimento em se fazer do episódio algo memorável:

A banda de música do regimento de artilharia, avisada das notícias que haviam chegado, desceu mais que depressa o morro de Santo Antonio e percorreu as ruas até as Mercedes, seguida por alguns milhares de cidadãos que manifestavam seu entusiasmo por meio de estrepitosos e uníssonos vivas. Da Mercedes regressou ao porto tocando o hino nacional e o de Yungai, sendo seguida sempre de um número muito concorrido de pessoas.²⁴³

O El Mercurio de Valparaiso, na semana seguinte ao ocorrido, continuou insistindo na construção da figura do herói nacional. Como já demonstramos, Prat foi lembrado e relembado diversas vezes e os relatos sobre sua vida, sua trajetória e sua pessoa não paravam de se repetir. Temos mais alguns exemplos de como esses relatos biográficos se multiplicaram após o combate. É como se o jornal quisesse construir um modelo de chileno “perfeito” para ser copiado por todos os outros que, como ele, fossem capazes de se sacrificar pela pátria:

[...] Arturo Prat era um jovem de 29 anos, de postura graciosa, de ar marcial e de trato afável e jovial; amigo franco e generoso, chefe reto e justo, foi querido dos seus subalternos que o respeitavam e o seguiam com prazer. Há quatro anos contraiu matrimônio com a senhora Carmela Carvajal²⁴⁴ e já tinha estabelecido seu lar com dois filhos, Blanca Estela, de três anos de idade, e um homenzinho que tem apenas três meses. Assim que acabou sua formação na marinha, estudando sozinho se entregou a carreira de advogado e logo recebeu seu novo título profissional. É reputado um dos marinheiros mais distintos por seu talento, seu valor e sua perícia. Na sua vida privada foi um modelo exemplar e por seu caráter afável e doce, parecia incapaz do valor de que deu tantas provas, como deu também de seu talento como marinheiro e homem ilustre²⁴⁵.

O caráter deste “herói” foi posto como algo de valor inestimável e digno de ser copiado pelas pessoas que faziam parte da sociedade. A postura de Prat em relação aos seus subordinados era extraordinária, pois de acordo com o texto, “seus subalternos o

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ Para termos ideia da força da imagem de Prat como herói nacional, existem diversas escolas no Chile com o nome de sua esposa, Carmela Carvajal.

²⁴⁵ *El Mercurio de Valparaiso*, 26/05/1879, p.02.

respeitavam e o seguiam com prazer”; a maneira com que conduziu seu lar e construiu sua família também foi apresentada como parte desta personalidade valorosa e que serviria de exemplo aos futuros compatriotas.

Em uma nota dirigida ao povo, o jornal exaltou mais uma vez o feito dos marinheiros chilenos durante o Combate Naval de Iquique e uma vez mais acentuou os atributos da esquadra chilena:

Ao povo. Compatriotas: Com a mão tremula pelo entusiasmo que inspiram as ações heroicas, escrevo depressa para repetir-lhes a grande novidade, a imortal glorificação da nossa pátria, mediante o valor indomável e do sacrifício de seus filhos. Nossa velha *Esmeralda* com suas caldeiras quebradas e seus canhões de 40 mm, e a pequena *Covadonga*, armada com somente dois canhões de 70 mm, tinham ficado encarregadas, por disposição do almirante, de manter o bloqueio de Iquique.²⁴⁶

As palavras utilizadas para qualificar os navios chilenos são interessantes. Os adjetivos, velha para a *Esmeralda* e pequena para a *Covadonga*, ao invés de diminuir o seu valor, aumentaram sua glória. Como dois barcos tão ruins poderiam fazer frente aos poderosos navios peruanos? De acordo com o jornal, somente pelo sacrifício dos “filhos da pátria”. Uma vez mais era posto que o Chile se tornou “grande” pelo valor de seu povo. Em outro trecho, o jornal narrou o confronto dos navios:

A esquadra peruana, oportunamente ajudada por uma hábil espionagem, aproveitou ligeiramente a única oportunidade que poderia se apresentar para fazer uso de seus canhões, uma vez que jamais afrontara o poder de fogo de nossos barcos de linha e lançou sobre os débeis navios chilenos seus dois poderosos blindados.²⁴⁷

Este trecho apresenta uma disputa desigual aos moldes de um confronto entre Davi e Goliás. Os navios chilenos eram “débeis” e os peruanos eram “poderosos”, apesar de covardes. Atacar uma esquadra debilitada como a chilena, de acordo com o jornal, era terrível e demonstrava a falta de benevolência do inimigo, como se isso fosse

²⁴⁶ Idem, p.02.

²⁴⁷ Idem, p.02.

possível em uma guerra. A “hábil espionagem” também nos remete a algo obscuro e ilícito, como se este ato não fosse frequentemente feito pelos envolvidos na guerra. A nota prossegue: “[...] a imprensa tem publicado os detalhes do combate de Iquique, para sempre imortal, que hoje enche de orgulho nossas almas e que amanhã estarão os poetas a narrar a história em suas páginas de honra. ” O uso da palavra imprensa generaliza o termo e nos impossibilita de especificar qual o jornal teria publicado estes detalhes, mas a utilização da frase “para sempre imortal” demonstra a ideia do jornal em imortalizar o combate. Podemos perceber a construção do fato histórico Combate Naval de Iquique, bem como a exaltação da “raça” chilena no trecho que se segue:

A Esmeralda, sustentando durante quatro horas um combate impossível com o *Huáscar*, é um prodígio de perícia e de valor. *A Esmeralda*, incendiando sua Santa Bárbara e fazendo voar em pedaços com seu nobre estandarte e seus heroicos defensores, deixa de (ilegível) para marchar ao combate. *A Esmeralda* lembrava ontem antigas e verdadeiras glórias, mas desde hoje, é o espírito, é o símbolo de nossa raça que deve viver o que ela vive e morrer como ela. Imediatamente vou nomear uma comissão para dar início aos trabalhos e dirigirmos em busca de adesão dos nossos irmãos da província. Glória ao Chile que assim sabe iniciar a campanha que pérfidos inimigos o obrigaram a empreender!²⁴⁸

Além de toda a exaltação já vista nas notícias anteriormente comentadas, observamos aqui algo que foi utilizado durante os meses seguintes pelo jornal, provavelmente com a intenção de incentivar o povo a ingressar no exército, e aumentar assim o contingente beligerante. “Morrer como ela” - a *Esmeralda*- era uma missão nobre que simbolizaria o espírito do país. O “cenário” foi montado pelo *El Mercurio* para elevar a nação chilena a um grau de “objeto sagrado” que deveria ser protegido com a própria vida, se necessário fosse. Com estes discursos inflamados e cheios de patriotismo, fica claro o intento do jornal em legitimar a causa e envolver a população nesta luta que deixava de ser restrita aos interesses das elites, para se estender a todas as classes sociais, uma vez que a honra e a glória do país estavam em jogo.

²⁴⁸ Idem.

A notícia que se segue continua utilizando a mesma estratégia feita até então pelo jornal *El Mercurio de Valparaiso*. Ao narrar os momentos finais do *Esmeralda*, o tom de vitória se tornava cada vez mais perceptível. Como era possível um barco sem importância, como foi descrito várias vezes, ser capaz de segurar durante tanto tempo um blindado tão superior como o *Huáscar*? Não existia uma justificativa racional para que esta luta travada em tamanha desvantagem para a armada chilena fosse “vitoriosa”. A explicação foi deixada a cargo da imaginação dos leitores que poderiam crer em um milagre. Vejamos:

O *Huáscar* e a *Esmeralda*. Ao chegar a Iquique os dois blindados peruanos, vendo que só se encontravam ali dois débeis barcos de madeira chilenos, se puseram rumo ao porto com toda força de suas máquinas, entrando um pelo norte e outro pelo sul. O comandante Prat vendo que não poderia lutar com o *Huáscar* em alto mar, colocou seu navio ao lado da oficina de artilharia de Iquique, de modo que o *Huáscar* não poderia atirar sem fazer ao mesmo tempo um enorme dano ao povoado. [...] O combate durou três horas e quarenta minutos: mas, em todo esse tempo o *Huáscar* disparou continuamente sem acertar um só tiro. Em troca, os tiros dados pela *Esmeralda* foram bem certos, fazendo morrer a bordo um irmão de Garcia y Garcia e um marinheiro.²⁴⁹

Somente neste trecho podemos perceber que, de acordo com o jornal, o navio chileno foi infinitamente superior ao peruano. O redator não levou em consideração o que ele mesmo chamou de debilidade da embarcação chilena e afirmou que somente ela foi hábil o suficiente para acertar os tiros de canhão. Assim posto, não seria lógica a vitória indiscutível da *Esmeralda* sobre o *Huáscar*? Mas não foi isso que aconteceu:

Depois de três horas de combate, vendo o comandante Grau que a *Esmeralda* não se rendia, deu-lhe um ligeiro tiro em sua popa sem fazer-lhe dano. Como apesar desta intimação a *Esmeralda* ainda não arriou sua bandeira, o *Huáscar* deu outro tiro na casa de máquinas, inutilizando-a. Apesar disso, o barco não se encheu de água. Desesperado Grau, com a resistência do nosso barco, se lançou com toda força contra ele, dando-lhe um enorme tiro na proa, ao lado do estribo. Dois ou três minutos depois, a *Esmeralda* afundou para sempre. No momento do choque dos barcos, Prat, com a espada na mão, saltou junto com quatro homens sobre a cobertura do *Huáscar*, caindo todos

²⁴⁹ Idem, p.03.

quase ao mesmo tempo mortos ou feridos. O heroico Prat, que ainda vivia, foi levado ao camarote de Grau, aonde espirou uma hora e meia depois, com uma enorme ferida na cabeça. Quarenta homens da *Esmeralda* foram salvos da água por botes do *Huáscar*, sendo desembarcados em Iquique.²⁵⁰

No dia 05 de junho de 1879, quinze dias após o combate, o jornal iniciou uma discussão sobre aonde seria posto o monumento em homenagem ao novo herói chileno.

O trecho nos informa que:

Santiago e Valparaíso disputam a honra de possuir o monumento que o patriotismo e a gratidão dos chilenos levantarão para recordação perpétua do triunfo de nossas armas em Iquique. [...] Aquele monumento será a escola onde melhor se aprenderão as leis do dever e da honra militar, e as duas cidades querem possuí-lo para que seus filhos recebam a inspiração que mais tarde pode nos levar a sermos imitadores de Arturo Prat e demais heróis da gloriosa *Esmeralda*.²⁵¹

O interesse do *El Mercurio*, a nosso ver, era influenciar as pessoas e inculcar a ideia de que poderiam ser capazes de feitos heroicos como os efetuados pela tripulação da *Esmeralda*. O relato nos permite perceber que a sociedade, ou pelo menos parte dela, estava envolvida na ideia de immortalizar o novo personagem que prefigurava as notícias do jornal, pois o dinheiro para a construção do memorial a Arturo Prat estava sendo arrecadado pela população, como vimos anteriormente. O interesse pela construção do memorial nos faz pensar em quão necessário era a criação de figuras que representassem a “dignidade nacional”. Naquele momento foi de extrema necessidade a elaboração de um representante dos ideais elitistas, capaz de convencer uma grande quantidade de chilenos do “destino glorioso” que os aguardava. A cidade de Valparaíso não desistiu de ser a guardiã de tamanha “honra” e o jornal faz jus a sua localização defendendo a candidatura da sede da Armada ideal. Vemos isso no final da mesma notícia citada anteriormente:

Por enquanto, tudo o que pedimos é que nos deixem nossos marinheiros. Esta cidade viu-os crescer, formarem-se, tornarem-se

²⁵⁰ Idem, p.03.

²⁵¹ *El Mercurio de Valparaiso*, 05/06/1879, p.02.

homens e chegar a serem heróis. A glória de Arturo Prat e de seus companheiros é chilena; esta apoteose será feita por todo o povo da república. Mas é aqui onde deve elevar-se sua estátua, em um lugar onde se possa dominar todo o oceano, para que quando a nova Esmeralda chegar possa saudar com seu primeiro tiro de canhão seu heroico capitão!²⁵²

Valparaiso ganhou a disputa e nos dias de hoje o *Monumento a los héroes de Iquique* pode ser visto na *Plaza Sotomayor*, diante da sede da *Comandancia en Jefe de la Armada de Chile*. A notícia acrescenta ainda a “Nova Esmeralda”, projeto proposto pela marinha chilena que consistia na construção de uma réplica do navio abatido, mas que nunca chegou a ser feito.

O apego à memória do *Combate Naval de Iquique* é tão intenso no Chile que o local onde se encontra a carcaça submersa da Esmeralda foi marcado com uma boia e é visitado pelo público diariamente. Em junho de 1973, os restos do navio foram considerados monumento histórico nacional. Além disso, uma réplica da Esmeralda foi construída e inaugurada no ano de 2011, não para servir à marinha chilena, mas para abrigar o *Museu Esmeralda* em Iquique e fazer parte das comemorações do bicentenário da independência do Chile²⁵³.

Estas foram as notícias de maior relevância que circularam no jornal a respeito do Combate Naval de Iquique. Obviamente não analisamos todas as notícias veiculadas pelo *El Mercurio* naquele momento e nem tampouco o que foi escrito pelos demais jornais da época. Porém, acreditamos que com estes exemplos foi possível observar a clara intenção dos discursos proferidos pelo *El Mercurio de Valparaiso*. Enaltecer a pátria, construir heróis, despertar a identificação com a nação, fortalecer o nacionalismo. O jornal foi o porta-voz das ideias expansionistas das elites chilenas, pois seu dono obviamente tinha interesse no conflito. A guerra foi legitimada em suas

²⁵² Idem.

²⁵³ A corveta Esmeralda. Disponível em: <http://www.museoesmeralda.cl/>. Acesso em 31/03/2015.

páginas e a derrota sofrida pela armada do Chile em Iquique foi transformada em um grande triunfo. Milhares de pessoas se alistaram no exército chileno e entregaram suas vidas pela pátria. O resultado de todo esse esforço foi o aumento de quase um terço do território nacional. Agustín Edwards Ross alcançou seu objetivo, pois sua mineradora passou a ocupar uma região que pertencia ao seu país; ele não estava mais em terras estrangeiras.

3.2- As “Glorias Navales” e o enaltecimento da derrota.

A legitimidade da Guerra do Pacífico é motivo de controvérsias até os nossos dias. O Peru e a Bolívia, países envolvidos no conflito e que perderam parte de seus territórios, lutam incessantemente pela recuperação dos espaços perdidos. Foi assim nas dificuldades ocorridas no momento da assinatura dos acordos de rendição²⁵⁴ e continuou ao longo do século XX e início do XXI. Tanto um quanto o outro tem reivindicações pendentes e ações que tramitam na Corte Internacional de Justiça,²⁵⁵ em Haya, o que demonstra a dificuldade em aceitar a perda territorial bem como a legitimidade chilena de exercer a soberania sobre parte destes espaços. Contudo, o que nos interessa é a forma como o Chile construiu um discurso nacionalista forte o suficiente para legitimar a sua entrada e permanência no conflito. Entendemos a força destes discursos quando percebemos a sua continuidade ao longo do tempo. O 21 de maio, dia em que se comemora o Combate Naval de Iquique, se tornou o segundo feriado mais importante da nação (o primeiro é o dia da independência, 18 de setembro), e é reverenciado ano após ano desde 1879. Para termos ideia de sua força, a constituição chilena de 1925 traz em seu artigo 56 o seguinte texto: “O Congresso abrirá suas seções ordinárias no dia 21

²⁵⁴ O tratado de Ancón foi firmado entre o Chile e o Peru em outubro de 1883, pondo fim ao conflito entre os dois países; já o tratado de trégua com a Bolívia foi assinado em abril de 1884.

²⁵⁵ Tribunal internacional de Haya. Disponível em: <http://www.icj-cij.org/docket/index.php?p1=3&p2=3&code=bch&case=153&k=f3> e <http://www.icj-cij.org/docket/index.php?p1=3&p2=3&code=pch&case=137&k=88&p3=0>. Acesso em 20/04/2015.

de maio de cada ano, e encerrará no dia 18 de setembro. No início de cada legislatura ordinária, o Presidente da República prestará contas ao Congresso Pleno, do estado administrativo e político da Nação.”²⁵⁶ O dia 21 de maio dia das “Glorias Navales” e o dia 18 de setembro a comemoração da independência, também denominada de “Festas Pátrias” são, até os nossos dias, as as festividades mais importantes do calendário cívico do país.

As comemorações das “Glorias Navales” apresentam anualmente um desfile militar encabeçado pela Armada chilena (correspondente à Marinha brasileira) seguida dos diversos órgãos que compõem as instituições de defesa do país. A cidade de Valparaíso é o palco deste desfile, apesar de não ser a única, onde as presenças do Presidente da República e de seus oficiais dão o tom de solenidade e pompa necessária para uma festa cujo objetivo último é a reafirmação do nacionalismo chileno. A escolha do porto se justifica por vários motivos. O primeiro por ser este o lugar sede da *Escuela Naval “Arturo Prat”*²⁵⁷, escola de cadetes e oficiais da armada chilena. O segundo por ser a sede do *Monumento a los Héroes de Iquique* que está localizado na Plaza Sotomayor, diante do prédio do comando central da escola naval. Este monumento é o mesmo que foi construído com recursos arrecadados pela população chilena e que foi amplamente divulgado e apoiado pelo jornal *El Mercurio de Valparaíso*, como visto no capítulo anterior. E em terceiro lugar é preciso lembrar que o Congresso Nacional do Chile não está sediado em Santiago, que é a capital, mas sim em Valparaíso. Desta forma, o Presidente da República inaugura a seção ordinária do congresso e segue para dar início às comemorações oficiais. Os desfiles são televisionados e apresentados nas redes de televisão chilena para que a população possa acompanhar os festejos.²⁵⁸ Em seu artigo intitulado *Héroes, tradiciones y poder: el caso de Chile en la Guerra del*

²⁵⁶ Constitución de la República de Chile (1925) disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0000541.pdf> acesso em 20/04/2015.

²⁵⁷ Disponível em: <http://www.escuelanaval.mil.cl/index.html> acesso em 20/04/2015.

²⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=41Hc5wzDmkE>. Acesso em 20/04/2015.

Pacífico, o autor Alex Arévalo afirma que “a cada 21 de maio se recorda o Combate Naval de Iquique e o papel de Arturo Prat mediante a organização de desfiles cívicos militares entre os membros da Armada e dos estudantes de diversos estabelecimentos escolares, tanto públicos como privados”, para que se perpetue a imagem do herói chileno, que deu sua vida em favor da pátria.²⁵⁹ Apesar da constituição de 1925 ter sido substituída pela carta de 1980, o dia 21 de maio continua sendo o dia da abertura das sessões ordinárias e da prestação de contas do Presidente da República, reforçando assim a importância da construção desta memória nacional e do nacionalismo chileno desde 1879.

A fim de compreendermos a construção desta data comemorativa e o seu significado junto a história do Chile, falta-nos ainda analisar este discurso do jornal *El Mercurio de Valparaíso* durante a Guerra do Pacífico e nos anos posteriores ao combate. Para tal, vamos nos debruçar nos aniversários da batalha naval e nas notícias referente às comemorações. No primeiro ano após o evento, em maio de 1880, o jornal apresentou em seu editorial o seguinte artigo:

ETERNA GLORIA E ETERNO LUTO – Hoje faz, contados um a um os dias com o coração e o pensamento, um ano cabal da sublime catástrofe ocorrida na enseada de Iquique, na manhã de 21 de maio de 1879. Que glorioso e funesto foi aquele dia! Seguramente o Peru não pensou que ao conjecturar tão astutamente o ataque dos nossos dois mais débeis navios pelos dois mais poderosos blindados da sua numerosa esquadra, estava combinando desta forma a mais alta glória da marinha chilena com o mais vergonhoso e irreparável desastre da marinha peruana. Desde esse dia nossa jovem bandeira pode ser colocada ao lado dos velhos estandartes que desde tempos imemoriais passeiam vitoriosos de um extremo ao outro da terra. Não existe talvez, na longa história dos mares, um episódio igual, de grandeza tão comovedora como foi a *Esmeralda* opondo, durante cinco horas, seu casco podre aos formidáveis canhões e casco blindado de seu formidável inimigo. Naquela homérica luta, o gigante teve que fazer uso de toda a sua força para destroçar o seu inerte e pequeno adversário, enquanto este, à medida que (ilegível) o abandonava, até a sua jornada

²⁵⁹ ARÉVALO, Alex. Héroes, tradiciones y poder: el caso de Chile en la Guerra del Pacífico. *Revista Faro*, ano 6, nº12, 2010.

(ilegível) despedaçado um poder fascinante, somente comparável ao da luz falada por Deus no choque dos elementos do caos.²⁶⁰

Essa narrativa é recorrente no jornal. O mesmo tom solene usado para apresentar as notícias referentes ao dia do combate é usado aqui para comemorar seu primeiro aniversário. O “dia glorioso” é posto uma vez mais para ser contemplado pelos leitores do jornal. A propagação da ideia de grandeza e superioridade continua sendo o objetivo do *El Mercurio* naquele momento, e a comparação da força da *Esmeralda* submergindo com o poder das palavras ditas por Deus no primeiro dia da criação, trouxeram de volta a narrativa religiosa que foi utilizada diversas vezes, como já vimos anteriormente. As “Glorias Navales” teriam que ser aceitas pela sociedade chilena como forma de legitimar a guerra e fortalecer o nacionalismo tão importante para alcançar o objetivo final. O artigo prossegue expondo ainda que:

Não há necessidade de grande esforço de imaginação para se formar a ideia aproximada do que foi aquele horrível duelo. O pintor pode esboçá-lo somente deixando o lápis correr ao impulso de seu coração agradecido. O escultor poderá, da mesma forma, dar ao mármore expressão e voz, e as figuras que trabalhou seu cinzel produzirão admiração e lágrimas em todos os corações medianamente ternos. (ilegível) O que mais necessita para dar expressão ao seu astro do que fechar um momento os olhos, para ver melhor com os da alma, mais essa cena sublime em que o quebrado barquinho, arrastando-se impávido (ilegível) atrás do seu impecável contendor lhe oferecia as costas como se dissesse: pegue, mata, (ilegível) como queiras; nem seus tremendos canhões nem seu aríete de aço conseguirão jamais que te entregue minha Bandeira, que é a Bandeira do Chile.²⁶¹

E realmente aconteceu o que foi escrito. Pintores e escultores foram contratados para “eternizar” a figura de Prat e construir a imagem de herói tão cara àquela sociedade. Algumas destas obras podem ser vistas até hoje nas praças e edifícios, públicos ou privados, em todo o país como é o caso do Museo Histórico Nacional.²⁶² É interessante notar a referência feita ao símbolo nacional, representado pela bandeira do Chile. Lutar pela pátria era algo fundamental naquele tempo e esta tarefa teve que ser

²⁶⁰ *El Mercurio de Valparaíso*, 19/05/1880, p.02.

²⁶¹ *Idem*.

²⁶² Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-70952.html>, acessado em 07/05/2015.

salientada a todo instante para que o país não incorresse no risco de perder a guerra. Em relação à *Esmeralda*, ela continuou sendo objeto de adoração nesta construção do imaginário nacionalista chileno junto com os marinheiros do naufrágio. O artigo prossegue pontuando que:

A imolação da *Esmeralda*, é preciso não esquecer nunca, atraiu de um só golpe a admiração do mundo para nós, incluindo até mesmo aqueles que na América fizeram alarde de suas antipatias para com o Chile. (...) Para o Peru, o combate de 21 de maio na bahia de Iquique foi perda e vergonha. Por isso, o aniversario que celebramos cheios de orgulho, mas também inundado da mais profunda melancolia é um aniversário bendito, sagrado, como bendita e sagrada é a recordação que nos deixaram ao morrer, esses heróis que na medida em que o tempo passa contemplaremos maiores e (ilegível) ao reconhecimento e ao respeito. Se fossemos perguntar ao nosso povo, quer dizer, a esses *rotos* que a esta mesma hora nos presenteiam talvez com uma nova gloria, em recompensa ao pouco que fazemos por eles, se fossemos perguntar, repetimos, a esses *rotos* sublimes que premio gostariam de receber depois da vitória definitiva, eles nos responderiam, estamos seguros disso, que seria levar ao pescoço, junto ao escapulário bendito, uma medalha comemorativa da *Esmeralda*. Temos dito já: eterna gloria e eterno luto é o significado deste aniversario. Para celebrá-lo dignamente é preciso unir ao regozijo as lágrimas de gratidão e de respeito.²⁶³

O artigo faz uma bela homenagem a *Esmeralda*, sua façanha e seu “destino glorioso”, assim como tantos outros foram escritos no mesmo tom. A imolação não foi feita apenas pelos chilenos que entregaram suas vidas em prol do destino “glorioso” da nação. A corveta *Esmeralda* também se ofereceu em sacrifício pela pátria; o objeto criou “vida” para representar o discurso feito pelas elites em prol do nacionalismo chileno. É pertinente observar também que neste trecho a notícia faz referência à figura do *roto* chileno e adiciona o adjetivo “sublime” à sua caracterização. Esta frase é puramente retórica, pois o *roto* era a caricatura do povo mais simples que compunha a sociedade naquela época. Chamar o *roto* de sublime, a nosso ver, era uma forma de garantir o contingente necessário para se ganhar a guerra e também um modo de desqualificar o peruano que participava do conflito. Roto é o particípio do verbo romper

²⁶³ *El Mercurio de Valparaíso*, 19/05/1880, p.02.

em espanhol; significa algo rompido, rasgado, mal enjambrado, maltrapilho. É a pessoa sem posses materiais, de vida simples, desprezada pela sociedade e que punha em cheque a imagem de “civilidade” da nação. Sua presença era sinônimo de desordem, de agitação e de perturbação da ordem. Noz dizeres do historiador chileno Gabriel Cid:

[...] ao longo do século XIX foi sendo construída a imagem do *roto* caracterizada por sua negatividade, em que palavras como desordem, esbanjação, intemperança e desenfreado iam vinculadas a sua imagem. Por estas mesmas condições, se o vocábulo *roto* estava definido por sua marginalidade social, econômica e moral, também o era por sua marginalidade na configuração do incipiente imaginário nacional chileno antes da Guerra do Pacífico.²⁶⁴

Porém, com o início da guerra, o *roto* foi o que mais se apresentou para formar as fileiras do exército chileno, fosse por vontade própria ou por determinação do governo nos recrutamentos forçados. Esses recrutamentos forçados, também chamados de *levas*, era uma forma de obrigar as pessoas a fazer parte do exército. Muito comum desde os tempos coloniais, as *levas* literalmente levavam *rotos*, despossuídos e indígenas a lutar pelos interesses das elites dominantes, independente da preparação ou vontades dessas pessoas²⁶⁵. Esta prática também foi vista no exército peruano e a falta de comprometimento por parte daqueles que foram para a guerra foi uma das explicações sobre o resultado obtido pelo Peru. Óscar Palomino nos explica, citando o estudioso inglês Clements Markham, que: “O exército [chileno] recrutava mediante a força, sendo que os colonos emancipados estabeleceram uma tirania mais ilegal que a *mita* espanhola. Para que isso fosse feito, rodeavam-se aldeias inteiras e arrastavam-se para as filas todos os homens que se encontravam ali.”²⁶⁶ Nestas condições, dificilmente

²⁶⁴ CID, Gabriel; SAN FRANCISCO, Alejandro (Ed.). *Nación y nacionalismo en Chile. Siglo XIX*. Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2009, p.224.

²⁶⁵ VARGAS, Juan Eduardo. *Antecedentes sobre las levadas en Indias para el ejército de Chile en el siglo XVII (166-1662)*. Disponível em: <http://revistahistoria.uc.cl/wp-content/uploads/2011/10/vargas-juan-eduardo-22.pdf>. Acesso em 10/01/2016.

²⁶⁶ MARKHAM, Clements apud PALOMINO, Óscar. La participación de los indígenas durante la guerra con Chile: controversias historiográficas. Disponível em: <http://sociales.unmsm.edu.pe/web/nuevacoronica/images/stories/n.3.2014/N. 3. 2014. Palomino Flores.pdf>. Acesso em: 10/12/16.

esses *rotos* iriam querer como prêmio pela participação na guerra sangrenta que durou cinco anos, uma medalha de comemoração do naufrágio da *Esmeralda*. Vemos uma vez mais a necessidade de se construir um discurso onde a pátria, assim como os seus símbolos e representações, fosse maior do que qualquer recompensa pessoal que alguém pudesse desejar. Seguindo o objetivo de se apoderar dos territórios desejados, as elites projetaram uma nação que estivesse acima de qualquer interesse particular, obviamente este discurso foi feito para aqueles que não participavam destas camadas “superiores”, pois tudo o que eles queriam eram seus próprios interesses: expandir o território e, em consequência, aumentar seus lucros.

No ano seguinte, no segundo aniversário do combate naval de Iquique, as notícias continuaram sendo apresentadas com o mesmo tom nacionalista que até então fora dado ao evento. O que percebemos é uma ênfase maior na participação do outro navio, a *Covadonga*, que conseguiu fugir e atrair o outro blindado peruano, a *Independência*, para águas mais rasas, fazendo-a encalhar em um banco de rochas e areia. Talvez este tenha sido o grande triunfo da marinha chilena, encalhar o navio inimigo e forçar sua tripulação a se render ou a se abrigar no nosso já conhecido *Húascar*, que foi ao encontro de seus conterrâneos. Se existiu algo vitorioso nesta história, nos parece que este evento foi mais significativo do que o naufrágio da *Esmeralda*. A questão é que o grande herói a ser construído em uma situação destas é aquele que pagou com a própria vida a defesa da pátria e da nação. Embora a *Covadonga* já tivesse sido agraciada diversas vezes, como já foi visto, pelas palavras pomposas dos redatores do *El Mercurio de Valparaíso*, o foco central sempre esteve sobre a *Esmeralda*. Neste ano de 1881, as duas naus chilenas foram citadas pelo artigo intitulado “El 21 de Mayo”, como veremos a seguir:

Tal dia, como o de hoje, estávamos sustentando o bloqueio de Iquique, com as duas naus mais débeis que ostentavam a tricolor chilena no topo, enquanto nosso almirante, junto com o grosso da esquadra, marchava rumo a Callao em busca do inimigo. Eram as primeiras horas da manhã quando avistamos *humos al norte*.²⁶⁷

Este trecho faz parte das frases atribuídas aos “heróis” de Iquique e que ainda hoje é falada nas festas comemorativas do “Glorias Navales”. A frase destacada por nós, fumaça no horizonte ou fumaça ao norte, que em espanhol é “*humos al norte*”, marca o princípio do combate, quando os barcos chilenos apenas avistam o sinal do que seria seus adversários. O artigo continua com a já conhecida exaltação dos dois capitães chilenos:

Rapidamente foram reconhecidos: eram o *Húascar* e a *Independência*, os dois poderosos blindados do Peru que vinham a exigir-nos a honra ou a vida. Qualquer que não tivesse a coragem, o animo elevado e sereno, a resolução suprema de sacrificar-se pela pátria até vencer ou morrer, o heroico valor de Prat e Condell, havia-se amedrontado naquele terrível momento. Mas para esses bravos capitães não houve nem um instante de dúvida e diante das poderosas forças do inimigo, longe de se perturbarem e sentirem medo se envolveram em um santo e generoso ardor, sentindo dentro de seus peitos varonis toda a energia que pode conter no coração dos heróis.²⁶⁸

No próximo artigo o redator se referiu mais uma vez a frase de efeito que também fez parte do roteiro de encenação do combate, e é repetida a cada ano. É atribuído a Prat os dizeres “jamais nos renderemos” ou no original “No nos rendiremos jamás”, o que autentica sua intenção de combater até a morte. Também foi mencionada a bandeira chilena que simboliza a imagem da nação. Isso foi dito nos seguintes termos: “Juraram não se render e manter puro e sem mácula o pavilhão do Chile, cravado no topo como cenário de glorioso martírio. O que aconteceu naquele combate verdadeiramente heroico todo o mundo sabe, todo o mundo recorda com respeitosa admiração.”²⁶⁹ Além de reafirmar a ideia de martírio, onde os fieis da pátria se

²⁶⁷ *El Mercurio de Valparaiso*, 21/05/1881, p.02. A tradução para a frase *humos al norte* é fumaça ao norte. Optamos por deixar no original por fazer parte da memória da guerra entre os chilenos.

²⁶⁸ Idem.

²⁶⁹ Idem.

sacrificaram por ela, a recordação do momento foi feita por toda a humanidade! O mundo todo se recordava e se admirava! O Chile foi posto na condição de representante dos ideais de liberdade que deveriam ser alcançados por meio do sacrifício de seu povo, e de acordo com o jornal, isso ocorreu no combate de Iquique. O relato continua:

Prat escreveu com a sua façanha a mais bela página da história americana, e seus companheiros Aldea, Serrano, Riquelme e todos esses valentes que regaram com seu sangue os pedaços de madeira da *Esmeralda* ou submergiram com ela no fundo do Pacífico, ocupam hoje lugares proeminentes no templo da imortalidade. Os poetas lhes dedicaram seus melhores cantos, os artistas sublimes harmonias e belíssimos quadros, enquanto o pobre e o rico ostentam em seus lares os bustos e retratos de tão ilustres mártires.

O que se percebe neste comentário é que o retrato de Prat foi o sucesso de vendas do ano de 1881 no Chile. Mas a notícia acrescenta ainda outro aspecto interessante que foi o exemplo deixado pelos marinheiros chilenos para o restante da humanidade: “A imprensa do universo inteiro lhes fez justiça e é citado o sacrifício dos marinheiros da *Esmeralda* como o mais precioso exemplo, digno de ser imitado por todos os que amam a sua pátria e sentem palpitar um valente coração.”²⁷⁰

Depois de tamanha poesia, o redator do artigo adiciona a participação do barco *Covadonga*, que, junto da *Esmeralda*, fez do combate o “sucesso” enaltecido pelos chilenos. O autor se apresenta como um que esteve junto aos demais combatentes para relatar a luta pela “sobrevivência” da outra nau chilena, a *Covadonga*. Ele continua assim:

Porém, enquanto a *Esmeralda* sustentava porfiada luta até ser despedaçada pelo esporão do *Húascar*, a *Covadonga* se debatia admiravelmente e acertava disparos mortíferos contra a sua poderosa inimiga. A débil nau de madeira, que se sustentava apenas flutuando, lutava desesperadamente deslizando-se como uma gaiota branca sobre as águas, perseguida de perto pela blindada e enorme Independência, que não cessava de vomitar bombas e balas de ferro. Quis a sorte favorecer o valor, e a que poderia ser a honradíssima derrota se transformou em esplêndida vitória.

²⁷⁰ Idem.

A partir desta narrativa o Combate de Iquique, que foi o exemplo de uma derrota, estava mais uma vez justificado como o arquétipo da vitória do pequeno Davi, para citar o personagem bíblico, diante do terrível Golias. O Chile se apresentava como uma nação superior diante do Peru, como tanto desejavam as elites, e o jornal o grande anunciador deste feito que, dois anos após ter acontecido, ainda permanecia “vivo na lembrança de todos.” A notícia termina da seguinte forma:

Tal foi o combate de Iquique, o mais glorioso na nossa história; tal foi aquela luta fenomenal entre gigantes e anões, luta imortal que hoje comemoramos com júbilo, com o rosto radiante de gozo e a alma plena de gratidão para com os heróis sublimes Prat, Aldea, Serrano, Riquelme e demais companheiros de martírio. [...] Gloria imarcescível aos heróis de 21 de maio, aos que deram ao Chile a maior das vitórias, assinalando o caminho ao exército que hoje ocupa a Cidade dos Vice-reis!²⁷¹

Para concluir a análise deste editorial chamamos a atenção para o termo “Cidade dos Vice-reis”, referindo-se a cidade peruana de Lima. Em janeiro de 1881 o exército chileno invadiu a capital do Peru e se ocupou de sua administração. “Chegar a Lima foi o maior desejo dos expedicionários.”²⁷² Porém, como a resistência peruana foi bastante pungente na região das cordilheiras e do altiplano, a guerra se intensificou e continuou por mais dois anos.²⁷³ Tomar a cidade dos Vice-reis também significou a “revanche” chilena sobre a capital do antigo vice-reino do Peru, tão importante para a Espanha no período colonial. O então intitulado reino do Chile, provedor de alimentos e outros gêneros para o vice-reino, finalmente pode sentir o que era estar em condição de superioridade em relação ao seu antigo desafeto.²⁷⁴

Neste mesmo dia 21 de maio de 1881, o jornal anunciou em outra nota, as comemorações que foram feitas em reverência aos “heróis de Iquique”. Para

²⁷¹ *El Mercurio de Valparaiso*, 21/05/1881, p.02.

²⁷² Mc Evoy, Carmen. *Guerreros civilizadores. Política, sociedad y cultura en Chile durante la Guerra del Pacífico*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2011, p.281.

²⁷³ BULNES, Gonzalo. Op.cit.

²⁷⁴ ORTEGA, Luis. Op.cit.

entendermos que esta data, convertida em feriado nacional e que faz parte do calendário festivo até os dias de hoje, se construiu com o apoio de uma parte importante da sociedade chilena, vamos observar o que o jornal anunciou:

O 21 de maio, esta grande data nacional, é celebrada hoje em Valparaíso, se não com todo o esplendor que merece, pelo menos com sinceras demonstrações e com a grata recordação que cada chileno leva sempre consigo, ainda mais no dia do aniversário. A população se embandeirou com a simples insinuação feita aos vizinhos e é de se esperar que esta noite não vá faltar nem algumas luminárias. Enquanto isso permita-nos felicitar os valentes que sobreviveram neste dia memorável depois de tantos perigos e de haver feito a inquebrantável resolução de sacrificar-se pela pátria.²⁷⁵

O chamado para as comemorações nos dá uma mostra do entusiasmo que permeava a cidade de Valparaíso, onde a grande maioria das pessoas participava das festas organizadas nas ruas, ficando para os recintos fechados a camada mais abastada da população, como aqueles que participaram da sessão solene, como foi posto em nota pelo jornal. A nota dizia assim:

Sessão solene tem hoje a Sociedade Protetora no salão da Filarmônica para comemorar o segundo aniversário do glorioso combate naval de Iquique, havendo-se convidado o senhor intendente e os chefes do exército e da marinha. [...] O secretário da Sociedade fará a leitura da memória anual. O tesoureiro geral apresentará o balancete correspondente às entradas e gastos da sociedade durante o último ano.²⁷⁶

Como vimos no princípio deste capítulo, a tradição de apresentar o relatório anual dos gastos do governo do Chile no dia 21 de maio existe até os nossos dias, e mesmo que o relatório a ser apresentado, descrito na notícia, tivesse sido o da Sociedade Protetora, algo em comum com as duas práticas ainda permanece.

O terceiro ano do aniversário do combate de Iquique, 21 de maio de 1882, trouxe um elemento novo no editorial do jornal *El Mercurio*. Além das palavras de exaltação á figura do herói Arturo Prat, dos adjetivos enaltecedores feitos aos

²⁷⁵ *El Mercurio de Valparaíso*, 21/05/1881, p.03.

²⁷⁶ *Idem*, p.03.

marinheiros mortos em combate e à *Esmeralda*, como veremos a seguir, houve um apelo político mais intenso nas palavras do editor do jornal. Em relação ao evento, podemos ver a repetição e confirmação da ideia em voga naquele momento que foi a de construir os heróis da guerra. Um pequeno trecho relatou que:

Tudo ali é grande, sublime e os heróis que foram os protagonistas dessa luta épica ao enterrar-se nos abismos do mar junto com o débil e avariado barco que levava ao topo a bandeira nacional, não creram, sem dúvida, senão que cumpriam com o dever de morrer como chilenos pela sua pátria querida.²⁷⁷

Porém, é preciso ponderar que a guerra já se arrastava a tempo demais. A cidade de Lima já tinha sido ocupada pelo exército chileno e a administração do país vizinho passou a ser exercida pela junta de ocupação liderada pelo almirante Patrício Lynch. O grande desafio do Chile naquele momento era aumentar as forças de combate e modificar as estratégias de guerra para por fim à resistência peruana que ainda lutava no interior do país, principalmente nas áreas de difícil acesso como os altiplanos e as imediações da Cordilheira dos Andes. Somente assim a tão cobiçada conquista dos territórios vizinhos poderia ser uma realidade para as elites chilenas.²⁷⁸ Como Agustín Edwards, dono do jornal *El Mercurio*, era um dos maiores interessados na expansão territorial chilena, requerer das autoridades responsáveis, principalmente do presidente da república, um fim para a guerra era fundamental. Assim, junto com as palavras de elogio aparece também a cobrança de uma postura rígida em relação ao conflito. Podemos perceber isso nas seguintes palavras do editor:

Entretanto, dever imprescindível dos que mandam e dos que obedecem é honrar a memória desses heróis legendários com um animo que tenha por inspiração seu sublime exemplo. Mas para isso seria preciso que nossos governantes levantassem seus corações até se tornarem superiores as sugestões de orgulho e interesses pessoais. E isto, pelo que já temos visto, não é tão fácil de ser feito quanto parece, pelo contrário é sumamente difícil. Chame-se como quiser o espírito que até aqui tem

²⁷⁷ *El Mercurio de Valparaíso*, 21/05/1882, p.02.

²⁷⁸ VILLALOBOS, Sergio. *Historia de los chilenos*. Vol.3. Santiago: Editorial Taurus, 2008.

impulsionado a presente administração, nada que de boa fé a julgue, poderá dizer que este espírito tem sido grande e em harmonia com as aspirações do país que, sem dúvida nenhuma, são as de obedecer a uma política generosa e honrada.²⁷⁹

A falta de resolução imediata do conflito, segundo o jornal, traria riscos ao país que não se encontrava em condições econômicas favoráveis, devido aos gastos excessivos com a manutenção da guerra. A frase “honrar a memória desses heróis legendários” era o recurso para exigir de forma mais enérgica uma posição dos governantes. Os “heróis” de Iquique estavam presentes no jornal sempre que os interesses dos Edwards estivessem ameaçados. Recorrer ao dia do combate era a forma de assegurar, no entender deles, o “espírito nacionalista” necessário para o desfecho do conflito. O editor prossegue afirmando que:

[...] A situação interior do país não é tranquila quanto parece. Mil elementos explosivos estão aguardando a hora de arrebentar. [...] Em tal estado, a melhor maneira de evitar os perigos que se assomam é marchar direto e com os olhos fixos na estrela polar da justiça, que é a única que pode levar a bom porto a nave do Estado. Sentimos haver-nos extraviado do assunto objeto deste artigo, mas o desvio foi necessário para comparar os feitos dos nossos governantes com os dos heróis da memorável jornada de Iquique que foi como já dissemos a aurora do esplendido dia dos nossos triunfos. A gloria tem a sua lógica e é a ela que precisamente apelamos, para que o governo seja um governo digno do Chile, que é hoje a primeira república da América do Sul.²⁸⁰

O jornal acusa o governo de não forçar um avanço definitivo sobre os “rebeldes” peruanos, o que, segundo o editor, traria uma vitória final muito mais rápida. A ameaça de uma insurreição no Chile, pois “mil elementos explosivos estão aguardando a hora de arrebentar”, é a prova deste desejo por parte do *El Mercurio*, e, obviamente, de seu dono, em por fim ao conflito e assumir de forma definitiva a nova configuração territorial. Para reforçar esta reivindicação, o dia 21 de maio de 1882 ainda foi marcado pela veiculação de vários outros artigos que lembravam a façanha de Iquique como um exemplo a ser seguido, não só pela população, que a esta altura já estava envolvida no

²⁷⁹ Idem, p.02.

²⁸⁰ Idem, p.02.

conflito, mas também pelos governantes do país. Um discurso pronunciado por Benjamín Vicuña Mackenna, importante político e historiador chileno, prefeito da cidade de Santiago no período de 1872-1875 e realizador de diversas obras que puseram a capital do Chile nos padrões das cidades europeias²⁸¹, foi apresentado no jornal neste dia também. Além das já tradicionais palavras inflamadas dirigidas aos “heróis” de Iquique, Vicuña Mackenna enfatizava a importância de transformar o evento e seus protagonistas em símbolos nacionais. Nos trechos abaixo poderemos ver claramente essa intenção:

Discurso pronunciado por don Benjamin Vicuña Mackenna como presidente da comissão da Gratidão Nacional na terceira comemoração celebrada por esta do glorioso 21 de maio de 1879. [...] O que é a bandeira? Apenas um símbolo? [...] Mas quem não há sentido estremecer de gozo todo o seu ser quando, flameando no alto mastro ou na apertada fila de batalha, rodeada de resplandecentes baionetas essa bandeira tem conduzido nossos soldados ao ataque e a vitória? [...] É apenas uma data no livro da vida; “21 de maio de 1879” é apenas um imperceptível ponto geográfico nas margens dos mares, Iquique; é apenas uma manhã de combate violento e desigual, mantido contra um monstro de ferro por um envelhecido imóvel esquife de madeira, a Esmeralda. Mas aí está a pátria, o nome, a bandeira, o Chile inteiro, encarnado na alma sublime daquele capitão de guerra que gritou sobre a ponte: “O Chile não se rende!” [...] Sim senhores, ARTURO PRAT²⁸² é um eterno emblemas nacional, é a coroação viva da sua época. É a cúspide da guerra de quatro anos brilhando no alto mastro de suas cem vitórias, do mar e da terra! [...] Salve, então três vezes salve, hoje terceiro aniversário de seu sacrifício, ao sublime capitão de Iquique, ao filho do Chile, a Arturo Prat. Salve três vezes salve, aos que com ele envoltos na bandeira morreram por ele e como ele neste dia. Senhores: hoje e eternamente ARTURO PRAT será em terra como no mar, na historia como no porvir, na escola como no trono, o caudilho do Chile na idade de sua expansão.²⁸³

É importante notar a palavra caudilho utilizada para descrever Arturo Prat, uma vez que não houve caudilhismo no Chile. Essa caracterização nos parece uma forma de produzir a imagem de um novo líder para o povo chileno. O marinheiro agora, nas

²⁸¹ VICUÑA, Manuel. El bestiario del historiador: las biografías de “monstruos” de Benjamín Vicuña Mackenna y la identidad liberal como un bien en disputa. *História*, Santiago, v.41, nº 1, p.189-214, jun. 2008. Disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-71942008000100007&lng=es&nrm=iso. Acesso em 10/05/2015.

²⁸² Grifo do jornal.

²⁸³ *El Mercurio de Valparaíso*, 20/05/1882, p.03.

palavras de Vicuña Mackenna, passou a representar também as elites dirigentes do país, empenhadas no projeto de “desenvolvimento e civilização” da nação chilena. Ou pelo menos era isso que o jornal queria afirmar e difundir junto ao seu público leitor. A equiparação de Prat a um símbolo de identificação nacional também estava presente no projeto expansionista e serviu para construir a imagem de um Chile forte e valente. O discurso continua com citações de partes do hino nacional, com a promessa de fazer o monumento aos heróis de Iquique, de trazer os restos mortais de Prat para Valparaíso, além de outras palavras de glorificação ao marinheiro como as que já temos visto. Também foi posto pelo jornal neste dia uma poesia intitulada “Gloria a Prat”, que ocupou três colunas da página três e ainda um artigo sobre a vitória da marinha chilena na busca pelo navio peruano *Húascar*, que derrotou a *Esmeralda*, em outubro de 1879.

Chegamos agora no quarto aniversário do combate de Iquique e o último comemorado com a guerra ainda por encerrar-se. No dia 21 de maio de 1883, o jornal *El Mercurio de Valparaiso* ainda enchia suas páginas de notícias sobre as comemorações do “21 de maio” e artigos elogiosos e enaltecendo sobre os heróis de Iquique, com atenção especial ao seu protagonista Arturo Prat. Neste dia, Benjamin Vicuña Mackenna também prestou sua homenagem e publicou uma ode em reverência a figura de Prat. O poema continha oito estrofes que podem ser resumidas na estrofe final que dizia:

A gloria de Iquique é por consequência cabal, e a fama de seu ilustre caudilho brilha diante do mundo e em todo o seu nítido esplendor com intrepidez e perícia, como resolução e como heroísmo. O nome do capitão PRAT no seu caráter de marinheiro e de guia do Chile fulgura hoje, portanto sem nenhuma sombra, como um sol descoberto, em seu quarto aniversário.²⁸⁴

Seguiu-se a esta homenagem de Vicuña Mackenna uma descrição feita por um ex-combatente da *Esmeralda* sobre o “caráter imaculado” de Prat. A descrição foi feita

²⁸⁴ *El Mercurio de Valparaiso*, 21/05/1883, p.02.

por ocasião da visita da tumba do comandante que ainda estava no cemitério de Iquique na ocasião do relato e era muito detalhada no que se refere ao modo como estava posto o túmulo, seu lugar no cemitério, a cruz que o identificava, etc., mas o interessante do texto é o trecho no qual o autor o eterniza. O ex-tripulante nos informou que:

Não há dúvida de que o capitão Prat era um desses seres predestinados para ser um dos gênios benfeitores da sua pátria, um dos homens que dão o nome ao século em que viveram e por isso mesmo me parece muito exata e muito feliz a ideia de Vicuña Mackenna de chamar o presente de *século de Prat*, ao menos no que se refere ao Chile.²⁸⁵

Agora, o marinheiro que perdeu seu navio, virou o símbolo de todo o século que teve como marca principal o fim do regime colonial e a formação da República. Prat deveria, segundo o autor que não se identificou, ser elevado ao mais alto grau de representatividade do país, deveria carregar sobre si a imagem do chileno perfeito, nacionalista, patriótico e comprometido com a nação mais do que com a sua própria vida. O grande herói nacional estava pronto e o que faltava à população em geral era reverenciá-lo por toda a eternidade! Após este relato, o editorial continua com as homenagens dirigindo ao seu público um artigo intitulado “O 21 de maio”. O conteúdo já nos é familiar e uma vez mais, para estabelecer e fortalecer a tradição, as palavras enaltecidas se fizeram presentes: glorioso, assombroso, espetacular, extraordinário, intrépido, apaixonado, dentre outras. No final do editorial, como não poderia deixar de ser, foi posto que:

Hoje, pois, devemos abençoar os nomes de Prat, Serrano, Uribe, Riquelme, Aldea, etc., etc., e ao demandar a Deus por eles o prêmio devido aos seus sacrifícios, fazer um juramento de imitá-los, se não por suas façanhas, no seu amor pelo Chile, que foi a alma de sua glória e é o único que pode nos manter firmes no caminho da vida.²⁸⁶

Outras pequenas notas ainda foram veiculadas pelo jornal. Uma delas anunciou que o pedido feito ao governo do presidente Santa María, de estabelecer o dia 21 de

²⁸⁵ Idem.

²⁸⁶ Idem.

maio como feriado nacional, ainda não tinha se concretizado, mas como a população já considerava a data como tal, esse pedido continuaria sendo solicitado posteriormente a outro governo. Outra nota informou sobre os horários das comemorações do dia que começava com uma alvorada festiva no porto de Valparaíso onde seriam disparados vários tiros de canhão para iniciar as festas. A preocupação com a perpetuação da data era grande e para terminar, o jornal falou sobre o andamento da arrecadação do dinheiro necessário para erguer o monumento aos heróis de Iquique.

Como o tratado de paz foi assinado pelo Peru em 20 de outubro de 1883, nossa análise das notícias veiculadas pelo jornal *El Mercurio de Valparaíso* sobre as “Glórias Navales” se encerram aqui. É notável o que pode ser feito pela imprensa, principalmente por este veículo, para que a memória do combate naval permanecesse no imaginário dos chilenos. Para medirmos o alcance deste trabalho basta percebermos como foi imediata a construção da figura heroica de Prat. Além de tudo o que foi escrito a seu respeito nos meses posteriores ao ocorrido, o jornal não deixou de afirmar sua imagem de herói nacional nem por um momento. O nosso objeto de pesquisa, que também é a nossa fonte, conseguiu definir as intenções das elites chilenas em legitimar a guerra para alcançar seus próprios interesses. Mesmo que para isso tivessem que menosprezar e diminuir os esforços feitos pelos seus adversários com palavras de ódio, preconceito e racismo, como veremos a seguir.

3.3- O jornal *El Mercurio* e a “superioridade” do povo chileno

Ganhar uma guerra em que se disputava um território tão rico como o que estava sendo pleiteado, não foi nada fácil. Com o que vimos até aqui podemos perceber que muito foi feito pelo Chile para que o desfecho da Guerra do Pacífico lhe fosse favorável. A construção de um herói nacional teve que ser feita a todo custo para que o

nacionalismo do povo chileno alcançasse o nível de excelência imprescindível em um momento delicado como aquele. Envolver a população em um conflito daquela magnitude foi o desafio enfrentado e vencido pelas elites chilenas no período correspondente à Guerra do Pacífico.

Para alcançar esse objetivo foi necessário um grande empenho por parte dos governantes e principalmente por parte daqueles que tinham interesse direto no desfecho da questão. A imprensa, como vimos, teve um papel preponderante na difusão das ideias que convenceriam grande parte da população chilena a se envolver no conflito. Porém, a criação do herói nacional não foi o bastante para que o resultado pretendido fosse conquistado; era preciso um pouco mais de argumento para difundir o nacionalismo entre a população. Esse nacionalismo deveria ser capaz de fomentar o alistamento das pessoas no exército e criar o ódio pelo inimigo a ser combatido, indispensável naquele momento. Para tal, o jornal *El Mercurio de Valparaiso* iniciou uma campanha de supervalorização da imagem do povo chileno em detrimento à desvalorização das imagens dos bolivianos e peruanos. Não que isto fosse novidade, pois o racismo sempre esteve presente em grande parte da população chilena, principalmente naqueles que pertenciam às elites, mas no momento da guerra, este sentimento foi reforçado e acrescido de uma ojeriza imperiosa contra as populações da Bolívia e do Peru, compostas majoritariamente, por elementos indígenas.

A construção do Estado do Chile baseou-se, primeiramente, na exaltação da força e vitalidade do indígena como exemplo de homens capazes de combater o colonizador. Entretanto, à medida que o país foi se fortalecendo, a imagem do nativo tornou-se um estorvo para o ideal de “civilidade” que estava sendo construído e passou a ser continuamente desvalorizada. De acordo com o historiador Jorge Pinto,

O progresso parecia incompatível com o mundo indígena. Melhor dizendo, os índios se apresentavam como uma barreira que impedia seu alcance, portanto, eles deveriam ser eliminados ou reduzidos a espaços nos quais deixariam de ser um perigo ou não poderiam transformar-se em camponeses dispostos a integrar-se à sociedade global que queria fazê-los desaparecer.²⁸⁷

O indígena chileno, assim como vimos a figura do *roto*, representava para as elites uma espécie de “figurante social”. Em momentos de necessidade essas pessoas eram consideradas atores coadjuvantes e desempenhavam um papel específico no contexto em questão. Se houvera a necessidade de apelar para uma figura forte e guerreira, estes “figurantes sociais” eram lembrados e exaltados pelas elites. Se fosse necessário construir uma imagem de país “civilizado” ao estilo europeu, os mesmos atores saíam de cena e voltariam ao papel de mera figuração. Por terem sido repudiados por grande parte da sociedade chilena ao longo dos anos e também terem desempenhado o mesmo papel de “figurante social”, o peruano e o boliviano também foram alvo de repúdio e discriminação por parte dos chilenos, mesmo antes da Guerra do Pacífico. A imagem negativa das nações vizinhas foi recorrentemente fortalecida e se solidificou durante o século XIX. A guerra entre os três países fez crescer o racismo e o preconceito construído durante tanto tempo e ajudou a criar a imagem de “superioridade racial” tão desejada pelas elites chilenas.

Este processo foi apresentado pelo jornal de forma gradativa na medida em que a guerra se configurava. Nas semanas anteriores ao princípio do conflito, que como vimos teve seu início com a ocupação do litoral boliviano por tropas chilenas, o jornal *El Mercurio de Valparaiso* se dedicou em criar uma imagem de superioridade do povo chileno e, ao mesmo tempo, uma de inferioridade dos bolivianos. Além dos artigos explicativos que traziam em seu conteúdo todo o processo diplomático que houve entre

²⁸⁷ PINTO, Jorge. *La formación del Estado y la nación, y el pueblo Mapuche: de la inclusión a la exclusión*. 2. ed. Santiago: Dibam, 2003, p.151.

os dois países e, mesmo antes da invasão chilena ao litoral de Antofagasta, o jornal se empenhou em desqualificar o opositor de seus interesses. No princípio foram algumas matérias sobre a inabilidade e falta de preparo dos bolivianos para a contenda. Por exemplo, no editorial do dia 08 de fevereiro de 1879, uma semana antes do início da invasão chilena, o jornal advertiu que:

Nosso adversário atual não possui um só barco para fazer sequer uma simulação de resistência. Nossa onipotência é absoluta no mar. O que seria igualmente em terra se as necessidades da situação nos obrigarem a desembarcar tropas no litoral boliviano. Para defendê-lo, o governo de La Paz deveria enviar as suas através de trezentas léguas de deserto onde os elementos e a falta de recursos seriam os auxiliares mais poderosos de nossas forças. Se a guerra marítima é impossível, a terrestre é quase insustentável por parte da Bolívia.²⁸⁸

A apresentação do adversário foi feita para avisar aos chilenos que a resistência boliviana, de acordo com o jornal, não seria eficiente caso o Chile quisesse lutar pelos seus “direitos” e invadir o território vizinho. Mas para continuar a advertência, a notícia alertou que o governo boliviano tinha uma atitude “insolente e provocadora” e que deveria estar maquinando alguma “atitude maquiavélica” para preparar uma emboscada ao país que sempre o defendeu em situações de crise.²⁸⁹ Na semana seguinte, as vésperas do arresto da companhia chilena, o jornal informou no editorial, intitulado “O princípio do fim”, que a “sagacidade boliviana não soube temporizar”, e que a “Bolívia tem demonstrado ser um povo com o qual é impossível manter relações usuais entre nações cultas. [...] as nações de direito e de propriedade se perderam em meio ao caos criado pelos excessos de anarquia e excessos de despotismo.”²⁹⁰ O retrato de uma nação mergulhada no caos, sem honra e sem dignidade estava sendo criado de forma consistente. É interessante notar que naquele momento em que somente a Bolívia tinha aderido ao conflito, a imagem do Peru ainda era imaculada. Em 14 de fevereiro, dia da

²⁸⁸ *El Mercurio de Valparaíso*, 08/02/1879, p.02.

²⁸⁹ *Idem*.

²⁹⁰ *El Mercurio de Valparaíso*, 12/02/1879, p.02.

invasão de Antofagasta, o jornal reputou a nação peruana como amiga e fraterna. Insistiu em dizer que não haveria motivos de duvidar da honestidade de seus governantes ao se manterem neutros e até mesmo por oferecerem a arbitragem necessária para intermediar o conflito. A notícia informou que “Até agora, segundo dados fidedignos, a intervenção do Peru em nossos assuntos com a Bolívia se limitou a um oferecimento de seus bons ofícios como mediador para evitar o conflito.”²⁹¹ O governo do Chile estava descrito como muito agradecido pelas intermediações peruanas e pelos seus “muito bem intencionados mediadores.” O redator elogiou ainda a manifestação de boa vontade e a relação amistosa que existia entre as duas repúblicas.

Após o início da guerra, o jornal iniciou efetivamente sua luta pela construção da imagem de superioridade do chileno em relação a seus inimigos. No *El Mercurio* de 25 de fevereiro de 1879, o editorial intitulado, “Adiante! Adiante!” mostrou o governo boliviano como sendo uma sucessão de ditadores “pérfidos e despóticos.” E adicionou que era impossível conviver “com povos que vivem entregues a tropas indisciplinadas e embriagadas” a não ser que se apelasse para o uso das armas para defender a honra e os direitos. Declarou também que era totalmente aceitável a suposta declaração da Inglaterra sobre a Bolívia de que o povo boliviano era “selvagem”.²⁹² Mas a notícia que mais nos chamou a atenção foi a veiculada no dia 27 de fevereiro de 1879, com o título de “O soldado chileno diante do soldado boliviano.” A matéria afirmou que:

[...] Bolívia é um país tão militarizado quanto o Chile tem sido um país simplesmente industrial e pacífico. Bolívia é essencialmente, mais que o Peru, a Colômbia, os Pampas, mais que a Araucanía, um país de soldados. [...] tomando um de seus últimos censos (o de 1856), a Bolívia possui efetivamente somente 634.345 brancos, ou melhor, matizes de branco; mas em contrapartida tem à mão cerca de um milhão de mestiços aptos para a guerra (931.781), e quase outros

²⁹¹ *El Mercurio de Valparaiso*, 14/02/1879, p.03.

²⁹² Se a Inglaterra declarou ou não este fato, não podemos precisar, mas o jornal trouxe a notícia de que a potência europeia teria feito tal afirmação a respeito dos bolivianos.

tantos índios bárbaros (760.000) capazes também de brigas a sua maneira.

Este pequeno trecho da notícia nos faz perceber como as elites chilenas, ou parte dela, julgava os bolivianos. Pessoas que viviam sempre armadas, soldados mestiços, índios bárbaros e apenas uma parte da população formada por “brancos”, que seriam aqueles que poderiam se apresentar como pessoas “decentes”. O redator continua:

[...] Estudemos friamente estas condições e vamos compará-las. Não estamos tratando de fazer frases senão de fixar pontos úteis de estudo. A frugalidade do soldado indígena principalmente do Alto Peru é proverbial e verdadeiramente prodigiosa. Cada soldado é capaz de levar seus próprios víveres para quinze dias sem a mais mínima fadiga nem desfalecimento. [...] O soldado boliviano é o seu próprio cozinheiro e seu próprio burro de carga. Pode levar as costas trotando, duas arrobos de peso, é dizer, a mesma carga regular de uma lhama. E os que conhecem a arte da guerra sabem o que tudo isso significa em simplicidade, rapidez e vitória.

Apesar de parecerem palavras de elogio à boa formação do exército boliviano, podemos perceber a comparação clara entre a pessoa do soldado e os animais que desempenhavam a mesma função, em relação a possibilidade de deslocamento e sobrevivência. O soldado pode levar um grande peso e “trotar” ao mesmo tempo, pode também ser cozinheiro e “burro de carga”, além de ser muito mais rápido, o que proporcionaria uma vantagem para o desfecho da guerra, obrigando o soldado chileno a se superar sempre. O soldado chileno, por sua vez, era descrito pelo jornal como:

O soldado chileno é resistente e (ilegível), de força muscular poderosa e ativa, seu vasto e ativo estomago necessita maior quantidade de calorías e de combustível. Por isso o soldado chileno, que aguenta calado a morte, aguenta mal a fome. [...] Como o soldado inglês, o chileno necessita de uma comissaría muito bem organizada, pronta e abundante. Para lutar ao seu gosto o soldado chileno tem que se sentir satisfeito. [...] e para ser este o primeiro trabalhador e o primeiro batalhador do mundo necessita somente de duas coisas: justiça e feijão. Cuidem, pois os respectivos responsáveis para que não falte feijão lá, pois por aqui cuidaremos que não falte a justiça.

A descrição do chileno se inicia com a afirmação de uma superioridade em relação à composição física. É mais resistente, poderoso e precisa de uma boa

alimentação; não pode comer qualquer coisa como um animal selvagem. O racismo é expresso de forma direta, uma vez que o texto compara o soldado boliviano a um bicho. O soldado chileno é um homem completo que, segundo o jornal, tem que se sentir satisfeito senão não cumpre o seu papel. É a comparação entre um humano e um animal, uma pessoa civilizada e uma bestializada.

No final do mês de fevereiro de 1879 a intenção peruana de aderir ao conflito se fez notória. O editorial do dia 28 mostrou este propósito ao dizer que: “O que prevíamos se realizou ao pé da letra. O governo do Peru, não obstante o propósito de neutralidade do presidente Prado, se prepara para intervir na nossa contenda com a Bolívia.” E acrescenta que aquele governo era um governo “sem fé, nem palavra, nem crédito, nem nada que o constitui um governo honrado.”²⁹³ O pensamento discriminatório por parte do jornal se assevera no decorrer do conflito, tanto em relação aos bolivianos quanto aos peruanos que entraram na guerra dois meses depois.

Em abril de 1879 o Chile declarou oficialmente guerra ao Peru. A intenção de ganhar a guerra para conseguir a tão desejada expansão territorial estava cada vez mais real. O Peru era o inimigo a ser vencido, pois o litoral boliviano já estava em poder do exército chileno, e as forças de resistência por parte da Bolívia não haviam demonstrado muito poder de fogo para expulsar os invasores e recuperar suas terras. Com a entrada do Peru na guerra, a Bolívia passou a contar com um contingente muito maior de soldados para proteger seus interesses, pois os peruanos lutaram a seu favor. Naquele momento o Chile teve que utilizar todas as armas de persuasão que pudesse criar para aumentar as suas fileiras, e o apelo ao patriotismo e o apreço à nação foi importante para arregimentar aqueles que ainda não tinham se decidido a entrar na guerra. A partir de então, o *El Mercurio* mudou o modo de tratamento que estava utilizando para definir

²⁹³ *El Mercurio de Valparaiso*, 28/02/1879, p.02.

o Peru e passou a apresentar o governo peruano como sendo “o p^{er}fido inimigo que n^o contente ainda em seguir nos enganando com suas odiosas demonstra^ções de afeto, queria dar-se o prazer de saborear as torturas do nosso orgulho e da nossa paci^ência.”²⁹⁴ Podemos perceber este pensamento quando o redator do jornal exerceu a sua tarefa de suscitar o ^odio da seguinte forma:

Mas ^é preciso que a vingan^{ça} seja t^ão terrível quanto o insulto: que os degenerados descendentes dos Incas recebam o castigo que merecem pela sua traic^ão covarde, pela sua inveja ruim, por seu ^odio inveterado pelo Chile, que generoso e magn^ânimo correu por duas vezes a libert^á-los do vergonhoso jugo que os oprimia; que ainda depois dos mil motivos de ressentimento perdur^ável, voltou a interpor-se entre a Espanha poderosa e seu desleal irm^ão, sem lembrar-se de que n^o tinha outras armas para defend^ê-lo sen^ão a sua coragem.²⁹⁵

Naquele momento foi preciso trazer ^à tona a fa^çanha realizada pelo ex^ército chileno ao ajudar o Peru a derrotar as for^ças espanholas que quiseram impedir a independ^ência de seu antigo vice-reino. A imagem do Chile deveria continuar sendo descrita como a de uma na^ção amig^ável, justa e pacífrica, que s^ó se propusera a lutar por causas dignas e honradas. O final deste editorial teve a inten^ção de justificar esta posi^ção “corajosa” do Chile em rela^ção a seus inimigos e o autor escreve que:

N^o se poderia mais aguentar, sob pena de descer até o ^último escal^ão no conceito mundial e expor-nos a todas as injurias de povos que s^ão muito inferiores em tudo e por tudo ao nosso. A guerra ao Peru e a Bolívia n^o s^ó ^é necess^ária, mas t^{amb}ém imprescindível devido a quest^ão da honra, sen^ão de indeclin^ável dever para nos justificar ante a opini^ão da Am^érica, que, pelo visto, crê que entre n^{ós} há se apagado até as recorda^ções daquilo que fomos.[...] ^À guerra! ^À guerra! E o Deus dos ex^ércitos nos protegerá como protegeu aos nossos pais nas gigantescas lutas que sustentaram para chegar dar ao Chile, sua pátria adorada, o ilustre nome que leva²⁹⁶.

Em 29 de abril do mesmo ano, o jornal continuou carregado de palavras afrontosas em rela^ção ao Peru. Seu grande inimigo foi chamado de “país pobre, com um povo corrompido em cujas veias est^ão infiltrados o espirito da revolta e os germes fatais

²⁹⁴ Idem, 02/04/1879, p.03.

²⁹⁵ Ibidem.

²⁹⁶ Idem.

da dissolução. Sabíamos que o personalismo e uma política austera, sem horizontes, sem nobreza e sem grandeza o tinham prostrado.”²⁹⁷ Em 08 de maio, o Chile foi defendido pelo jornal como sendo um país que “fez por esta república (Peru) o que não se faz nenhum povo por outro, nem nos tempos antigos nem nos modernos. Levou a sua fraternidade até a insensatez, até a imolação, e recebeu por isso a negra ingratidão com que tem costume de corresponder os benefícios que recebe.”²⁹⁸ Além de belicosos, os peruanos seriam “mal agradecidos”, conseqüentemente não seriam dignos de fazer parte do rol das nações “civilizadas” das Américas.

No dia 18 de maio, três dias antes do combate de Iquique, o *El Mercurio* trouxe em seu editorial uma matéria sob o título de “Nós e eles”. É mais uma tentativa de fazer comparações com seus inimigos com o intuito de posicionar o Chile como o grande “civilizador” de seus vizinhos. O artigo é dirigido àqueles que “[...] de perto e com toda a imparcialidade estudam os eventos ocorridos desde o momento do nosso rompimento com a Bolívia.” “Não será difícil,” continua o artigo, “perceber a diferença e emitir uma opinião sobre a conduta dos três países envolvidos no conflito.” O redator começou a listar o comportamento do Chile e de seus inimigos de forma a deixar transparecer as “reais intenções” de cada um ao moverem-se no cenário de guerra. A Bolívia foi chamada de “inferno e seu ditador o primeiro demônio.” Para o jornal, Daza era um ditador e o representante do anticristo. Seu ato mais hostil contra os chilenos foi “o confisco de propriedades valiosíssimas, despejo a mão armada de lares no meio da rua pública, perseguições e castigos de todo o gênero, foram essas as medidas tomadas como primeiro ímpeto de sua cólera selvagem contra o Chile.” Acrescentou ainda o apelido de “huno boliviano” à pessoa de Hilarión Daza. Em compensação prosseguiu com a defesa do Chile alegando que o tratamento dado aos bolivianos pelos soldados

²⁹⁷ Idem. 29/04/1879, p.02.

²⁹⁸ Idem, 08/05/1879, p.03.

chilenos era respeitoso: “nos povoados do litoral recém-ocupado havia especial proteção por parte das autoridades militares chilenas até mesmo aos que mais haviam se distinguido pelo ódio e maus tratos contra nossos compatriotas.”

A figura demonizada do presidente boliviano continuou sendo construída enquanto o chileno se mostrara como guardião da misericórdia terrena, como está posto no trecho que afirmou: “Hoje mesmo se sabe que o general Daza prometeu não respeitar nem os enfermos, nem os cirurgiões, nem os sacerdotes que ficam junto às ambulâncias.” Em contrapartida, o jornal reiterou que os bolivianos que viviam no Chile, espalhados pelas cidades do país, continuavam tendo a proteção e os serviços do governo chileno, que nunca chegou a cogitar exigir deles qualquer garantia para continuarem em seu território. A respeito dos chilenos residentes no litoral ocupado, o jornal veiculou escreve que “[...] não há para os pobres chilenos que não puderam abandonar aquela odiosa terra nenhuma segurança para que não morram como cachorros ao furor das hordas bolivianas.” Era a comparação entre a “civilização” (Chile) e a “barbárie” (Bolívia).

Em relação ao patriotismo existente entre a população de ambos os países, o artigo prosseguiu afirmando que “na Bolívia o patriotismo se reduz ao amor que as feras têm pela cova em que nascem.” Ou seja, não existiria no boliviano o sentimento de afeição ou identificação com a pátria, pois este seria exclusivo daqueles que fossem civilizados. As feras são selvagens e não desenvolvem sentimentos; os covis não são lares, são abrigos que não deixam com que as pessoas se afeiçoem por eles. No Chile o redator afirmou que a população se envolvia com a pátria, pois:

[...] o amor à pátria tem mais nobre fundamento e mais curto alcance. É um culto religioso à memória venerada de nossos pais; é a luz que ilumina o nosso espírito e dá vigor ao nosso coração; é um respeito profundo aos nossos antepassados; é vida, enfim, que se infiltra por

todos os poros da nação e a alimenta regenerando-a e empurrando-a para o ideal do belo e do bom.²⁹⁹

O Peru nem sequer é mencionado em relação ao seu patriotismo. É como se a população peruana não fosse digna de se relacionar com a sua pátria. O jornal apenas se referiu ao comportamento do general Prado e seus ministros em oposição ao comportamento do governo do Chile:

E o que nos oferece o Peru? O quadro que ele oferece é demasiado lastimoso para se colocar ao lado do que nós oferecemos para eles. Começando pelo governo, enquanto o general Prado e seus ministros se desatam em vitupérios e calunia contra o governo e o povo do Chile, nosso governo fala com a serenidade e a circunspeção próprias de sua índole e de seus sentimentos.³⁰⁰

Ao final da matéria, o editor do jornal faz uma comparação sobre o sentido da guerra para os três países e informou que o governo chileno entrou na guerra por ter sido provocado e que de nenhuma maneira poderia ser comparado aos seus vizinhos que estavam combatendo por motivos torpes e sórdidos:

Para nós a guerra a que temos sido provocados é um dever que cumpremos de bom grado, ainda que para cumpri-lo deva ser necessário passar por toda forma de sacrifícios. Para os peruanos a guerra é um negócio, nada mais que um negócio e pretensões, em meio ao medo mais pavoroso, a uma preponderância que jamais chegará a ter o Peru enquanto existir o Chile. Para os bolivianos não é negócio nem dever; é a ditadura do general Daza trabalhando por legitimar-se aos olhos de seu povo e explorar a sua sombra a longa agonia de sua desgraçada pátria.³⁰¹

Por motivos que, como vimos, tinham uma finalidade particular, o jornal *El Mercurio de Valparaiso* se apropriou das atitudes beligerantes que estavam em voga naquele momento para se lançar como defensor das “virtudes” chilenas em detrimento da “perversão” dos inimigos. Carmem Mc Evoy afirma em seu já citado livro, *Guerreros civilizadores*, que:

²⁹⁹ Idem, p.02.

³⁰⁰ Idem, p.02.

³⁰¹ Idem, p.02.

Os “ultrajes” recebidos pelo Chile, primeiro por parte da Bolívia e depois pelo Peru, permitiram que os “cidadãos chilenos” se identificassem de maneira massiva como vítimas de uma ordem essencialmente injusta, substancialmente opressiva e radicalmente excludente, contra a qual só poderia suscitar as armas, fazendo da guerra e do uso da força, não somente uma opção para impor os direitos dos cidadãos, mas algo necessário, inevitável e, sobretudo, justo.³⁰²

E por esta razão, foi possível legitimar a ideia de “povo superior” difundida rapidamente pelo país. Mc Evoy admite ainda que a concepção por detrás da guerra era a de “civilizar” o Peru e a Bolívia com a introdução dos ideais chilenos de “civilidade”, “ordem” e “disciplina” que, pretensamente, o Chile teria. Os peruanos foram chamados ao longo dos anos em que durou o conflito de vis, covardes, traidores, gigantes, monstruosos, selvagens, bárbaros, infiéis, fracos, medrosos, cruéis, desumanos, traiçoeiros e tantos outros adjetivos que não conseguiríamos expor sem que se tornasse algo enfadonho. O mito de superioridade do povo chileno em relação a seus vizinhos não era novidade naquele momento, mas a maneira como esta ideia foi intensificada pelo jornal é um indício de que essa afirmação, de uma forma ou de outra, poderia ter ganhado força naquela sociedade, em especial em Valparaíso.

³⁰² Mc Evoy, Carmem. *Guerreros civilizadores. Política, sociedad y cultura en Chile durante la Guerra del Pacífico*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2011, p.95.

Considerações finais

A Guerra do Pacífico foi um marco importante na história do Chile, Peru e Bolívia. O Chile conseguiu um ganho territorial expressivo com a vitória sobre seus vizinhos. O Peru perdeu as regiões ricas em minério, principalmente o cobre, onde hoje se localizam as principais mineradoras chilenas, responsáveis pela base econômica do país. A Bolívia perdeu a sua saída para o mar e a possibilidade de ver seus produtos exportados por meio de um porto localizado em seu território. Vimos ao longo deste trabalho como foi feita a construção e o fomento do nacionalismo chileno nas páginas do jornal *El Mercurio de Valparaiso*, durante o período em que ocorreu a Guerra do Pacífico. A nossa proposta, ao investigar a construção deste nacionalismo nos discursos pronunciados pelo jornal, foi perceber como um veículo de comunicação pode auxiliar e difundir uma ideia ou ideal proposto por um pequeno grupo de pessoas, no caso, membros das elites da nação. Ficou evidente que este nacionalismo não foi construído somente por ocasião da Guerra do Pacífico, ao contrário, sua construção é fruto de um longo processo histórico e ainda continua sendo feita, mas seu fortalecimento pode ser visto neste episódio de forma consistente. Ao voltarmos às questões iniciais desta pesquisa, conseguimos verificar que o *El mercurio de Valparaiso* influenciou alguma porcentagem da população chilena ao desempenhar seu papel de ator político. Como foi demonstrado, a imprensa tem condições de agir sobre uma determinada sociedade persuadindo seus leitores a considerar as propostas feitas por aqueles que exercem o poder. Quando questionamos o papel do *El Mercurio* na construção do nacionalismo chileno, concluímos que sua participação foi muito importante.

Esta investigação nos ajudou ainda a esclarecer o modo de atuação do *El Mercurio de Valparaiso* para divulgar suas convicções, suas ideias e projetos para o Chile. Vimos também a forma personalista e particular que os redatores do jornal

utilizaram para auxiliar na construção do nacionalismo chileno com discursos tendenciosos e passionais. Nessa direção, Carmen McEvoy, em seu livro já citado, afirma que:

A construção da Guerra do Pacífico como a história de um povo que luta pela defesa de seus direitos, arrebatados por forças despóticas e corruptas, se deve ao esforço de seus jornalistas, que em sua grande maioria, eram homens da imprensa assentados nas salas de redação dos jornais de Santiago e das províncias. A representação da guerra como uma empresa cidadã se forjou no espaço da opinião pública. [...] A imprensa exerceu uma intensa fiscalização do trabalho do governo central e deu sentido a uma conflagração internacional que, para amplos setores da sociedade, transcendeu os aspectos meramente econômicos para converter-se em uma cruzada pela honra e pela defesa dos valores da civilização universal que o Chile acreditava representar.³⁰³

A figura do herói nacional foi criada tanto pelo diário quanto por outros mecanismos de persuasão popular recorrentes naquele período e que mostramos anteriormente. O herói da nação, forjado durante a guerra, é lembrado a cada ano de várias formas, até o dia de hoje, seja nas ruas que levam seu nome ou nos monumentos e imagens que o imortalizaram. As palavras de enaltecimento ao capitão da *Esmeralda*, Arturo Prat, de seus companheiros e de todo povo que seguiu seu exemplo são diversas e abundantes no discurso nacionalista do jornal e ainda podem ser lidas a cada feriado de *Glorias Navales* no Chile.

A crença de uma “raça superior” esteve presente nos discursos idealizadores de formação da nação chilena, incluindo o discurso do jornal *El Mercurio de Valparaiso*, e que por isso era preciso “chilenizar” os países vizinhos que não se encontravam no mesmo padrão civilizatório. O nacionalismo, como abordamos, foi uma construção repleta de particularidades e para se consolidar e permanecer ao longo do tempo, precisou de um discurso convincente para a sua construção. Acreditamos ainda na hipótese de um “destino manifesto” difundido entre os chilenos, mas este seria tema

³⁰³ McEvoy, Carmen. Op.cit., p.409.

para outra pesquisa. O nosso principal objetivo neste trabalho foi perceber como o jornal *El Mercurio de Valparaiso* utilizou suas páginas para divulgar um discurso nacionalista veemente com o propósito de atender aos interesses de um pequeno grupo social, do qual fazia parte o dono do jornal: as elites chilenas.

Referências documentais e bibliográficas

Fontes documentais

Microfilme do jornal *El Mercurio de Valparaiso*, consultado entre os meses de dezembro de 1878 a outubro de 1883, disponível na Biblioteca Nacional do Chile, em Santiago.

Bibliografia

AHUMADA, Ricardo. *La fortuna de Augustín Edwards Ossandón: 1815-1878*. In: *História*. Universidad Católica de Chile, vol. 33, p. 369-415, 2000.

ALMEIDA, Jaime de. Palavra e cultura no Brasil e no Chile em três conjunturas históricas decisivas. In: CARMONA, Carmen Balart; SIEWIERS, Henryk. *Heranças e desafios na América Latina: Brasil-Chile*. Brasília: Plano Editora, 2003.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARELLANO, Juan Carlos. Discursos racistas en Chile y Peru durante la Guerra del Pacífico (1879-1884). *Revista de Estudios Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 38, n. 2, p. 239-264, jul./dez. 2012.

ARÉVALO, Alex. *Héroes, tradiciones y poder: el caso de Chile en la Guerra del Pacífico*. *Revista Faro*, ano 6, nº12, 2010.

AZEVEDO, Cecília et al. (Org.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 30-31.

BAGGIO, Kátia. Reflexões sobre o nacionalismo em perspectiva comparada: as imagens da nação no México, Cuba e Porto Rico. *Varia Historia*: Belo Horizonte, nº 28, Dez 2002.

_____ A questão nacional em Porto Rico: o Partido Nacionalista (1922-1954). São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

BALAKRISHNAN, Gopal. (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2000.

BARBIER, Frédéric; LAVENIR, Catherine. *Historia de los medios: de Diderot a Internet*. Buenos Aires: Colihue, 2007.

BARROS ARANA, Diego. *História general de Chile*. Tomo XI. Santiago: Editora Cervantes, 1890.

BEAUREGARD, Paulette. *Las tramas de los lectores. Estratégias de la modernización cultural en Venezuela (siglo XIX)*. Caracas: Editora Cultura Urbana, 2007.

BEIRED, José Luis B. Toqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre a democracia nas Américas. *História*, São Paulo, 22 (2) :59-78, 2003.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília *et al.* (Org.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 30-31.

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.II e III. São Paulo: Edusp, 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. *História Política: totalidade e imaginário*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.9, n.17, 1996.

BORRAT, Hector. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989.

BRAVO, Álvaro Fernández. *Literatura y frontera. Procesos de territorialización en las culturas argentina y chilena del siglo XIX*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.

BULNES, Gonzalo. *La Guerra del Pacífico*. In: De La Barra, Oscar. *Resumen de La Guerra del Pacífico*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 2009.

CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.) *Domínios da História*. 5ªed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARMONA, Carmen Balart; SIEWIERS, Henryk. *Heranças e desafios na América Latina: Brasil-Chile*. Brasília: Plano Editora, 2003.

CARRASCO, Carmen. *Imaginos nacionales latinoamericanos en el siglo XIX*. *Revista Historia Unisinos*, São Leopoldo, v.10, n.2, mai/ago 2006.

CHARTIER, Roger. *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado en Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias*. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

CHIARAMONTE, José Carlos; MARICHAL, Carlos; GRANA, Aimer (Org.) *Crear la Nación. Los nombres de los países de América Latina*. Buenos Aires: editorial Sudamericana, 2008.

CID, Gabriel; SAN FRANCISCO, Alejandro (Ed.). *Nación y nacionalismo en Chile. Siglo XIX*. Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2009.

CID, Gabriel. *La guerra contra la confederación. Imaginario nacionalista y memoria colectiva en el siglo XIX chileno*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2011.

_____ *La nación bajo examen*. Polis, 32 | 2012, Publicado el 13 diciembre 2012, consultado em 04 de agosto 2015. URL : <http://polis.revues.org/6603> ; DOI : 10.4000/polis.6603.

COLLIER, Simon *et al.* *Chile desde la independencia*. Santiago: Ediciones UCSH, 2009.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto histórias*. São Paulo. EDUC, nº 35, julho-dezembro, 2007.

DE RAMÓN, Armando. *Historia de Chile: desde la invasión incaica hasta nuestros días (1500-2000)*. Santiago: Catalonia, 2003.

De ROSALES, Diego. *Historia general del Reino de Chile, Flandes Indiano*. Tomo I. Santiago: editorial Andrés Bello, 1989.

DEL POZO, José. *História da América Latina e do Caribe. Dos processos de independência aos dias atuais*. Petrópolis: editora Vozes, 2009.

DIEZ, Enrique Robles. *La Guerra del Pacífico – partes oficiales: campaña de Tarapacá*. Santiago: Editorial Estudios Americanos, 2009.

DOUGNAC, Paulette et al. *El diario de Agustín*. Santiago: Editora LOM, 2009.

GAZMURI, Cristián. *La historiografía chilena (1842-1920)*. Santiago: Taururs, 2006.

GEARY, Patrick. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad, 2005.

GELLNER, Ernest. *Naciones y nacionalismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

GERAB, Kátia; RESENDE, Angélica C. *A Rebelião de Tupac Amaru*. São Paulo: editora brasiliense, 1987.

GIL, Antonio Carlos Amador. *Tecendo os fios da nação: soberania e identidade nacional no processo de construção do Estado*. Vitória: IHGES, 2001.

GOLDMAN, Noemi. *Revolución, república, confederación: 1806-1852*. Buenos Aires, 2005.

GÓNGORA, Mário. *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*. 9. ed. Santiago: Editorial Universitária, 2010.

GREZ, Vicente. *El combate homérico*. Valparaíso: Imprenta de La Pátria, 1880.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

HOBBSBAWM, Eric John. *Nações e nacionalismo desde 1780*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____ *A era das revoluções*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____ *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

INAREJOS, Juan Antonio. De la guerra del guano a la guerra del godó: condicionantes, objetivos y discurso nacionalista del conflicto de España con Perú y Chile (1862-1867). *Revista de Historia Social y de las mentalidades*, Santiago, v.14, n.1, 2010.

LARRAÍN, Jorge. *Identidad chilena*. Santiago: LOM, 2001.

LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones sobre la influencia social de la conquista y del sistema colonial de los españoles en Chile*. Santiago: Universidad de Chile, 1844.

LeGOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____ *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEMPÉRIERE, Annick. *República y publicidad a finales del antiguo régimen* (Nueva España). In: FRANÇOIS, X. *Los espacios públicos en Iberoamérica*. México: FCE, 1998.

LIMA, Flamarion Barreto. *Guerra entre as nações Hispano-Sul-Americanas*. Rio de Janeiro: Editora Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 1970.

LYNCH, John. *Las revoluciones hispanoamericanas 1808-1826*. 10ª ed. Barcelona: Ariel, 2004.

Mc EVOY, Carmen. *Armas de persuasión masiva: retórica y ritual en la Guerra del Pacífico*. Santiago: Editora Centro de Estudios Bicentenario, 2010.

_____ *Guerreros civilizadores. Política, sociedad y cultura en Chile durante la Guerra del Pacífico*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2011.

MOULLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio (Org.). *O jornal, da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

ORTEGA MARTÍNEZ, Luis. *Chile en ruta al capitalismo: cambio, euforia y depresión*. Santiago: Dibam-Lom, 2005.

OSSANDÓN, Carlos. *El crepúsculo de los sabios y la irrupción de los publicistas*. Santiago: Editora LOM, 1998.

_____ *Entre las alas y el plomo: la gestación de la prensa moderna en Chile*. Santiago: Editora LOM, 2001.

PALOMINO, Óscar. *La participación de los indígenas durante la guerra con Chile: controversias historiográficas*. Disponible en:

http://sociales.unmsm.edu.pe/web/nuevacoronica/images/stories/n.3.2014/N. 3. 2014. Palomino_Flores.pdf Acesso em: 10/12/16.

PAMPLONA, Marco; DOYLE, Don (org.) *Nacionalismo no novo mundo: a formação de Estados-nação no século XIX*. Rio de Janeiro: editora Record, 2008.

_____ ; MADER, Maria Elisa (org.) *Revoluções de independência e nacionalismos nas Américas: Peru e Bolívia*. Vol.4. São Paulo: editora Paz e Terra, 2010.

PINSK, Carla *et al. Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PINTO, Jorge. *La formación del Estado y la nación, y el pueblo Mapuche: de la inclusión a la exclusión*. 2. ed. Santiago: Dibam, 2003.

_____ ; VALDIVIA, Verónica. *Chilenos todos?* Santiago: LOM, 2009.

PRADO, Maria Ligia. *A formação das nações latino-americanas*. 9. ed. Campinas: Atual, 1991.

_____ *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp; Bauru: Edusc, 1999.

REMOND, René. *Por uma História política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RIQUELME, Silvia; MALDONADO, Zenobio. *El Mercurio de Valparaíso: su rol de difusión de la ciencia y tecnología en el Chile decimonónico*. Santiago: Bravo y Allende, 2010.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (Org.). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Editora Argentinum, 2009.

SALAZAR, Gabriel. *Construcción de Estado en Chile (1800 – 1837)*. 3. ed. Santiago: Editorial Sudamericana, 2011.

SATER, Willian. La imagen heroica de Chile: Arturo Prat, santo secular. *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*, Santiago, v.1, n.10, 2006.

SCHNEUER, María José. Visión del “caos” americano y el “orden” chileno a través de *El Mercurio de Valparaíso* entre 1840 y 1850. In: SOTO, Ángel (Ed.). *Entre tintas y plumas: historias de la prensa chilena del siglo XIX*. Santiago: Universidad de Los Andes, 2004. p. 45 – 77.

SILVA, Bárbara. Identidad y nación entre dos siglos: Patria vieja, centenario y bicentenario. Santiago, LOM ediciones, 2008.

SOTO, Ángel (Ed.). *Entre tintas y plumas: historias de la prensa chilena del siglo XIX*. Santiago: Universidad de Los Andes, 2004.

STUVEN, Ana Maria; PAMPLONA, Marco. *Estado y nación en Chile y Brasil en el siglo XIX*. Santiago: Ediciones UC, 2009.

SUBERCASEAUX, Bernardo. *Historia de las ideas y de la cultura en Chile*. Santiago: Editorial Universitaria, 2011.

THÉRENT, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. *Presse, nations et mondialisation au XIX siècle*. Paris: Éditions Nouveau Monde, 2010.

VALDEBENITO, Alfonso. *Historia del periodismo chileno*. 2ªed. Santiago, 1956.

VALDÉS, Eduardo Devés. O pensamento nacionalista na América Latina e a reivindicação da identidade econômica 1920-1940. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v.10, n.20, 1997.

VARAS, José Miguel. *200 años de la prensa en Chile*. Santiago: Editorial USACH, 2011.

VERBAL, Valentina. *El ejército de Chile en vísperas de la Guerra del Pacífico*. História 396, Santiago, nº1, 2014, p.135-165.

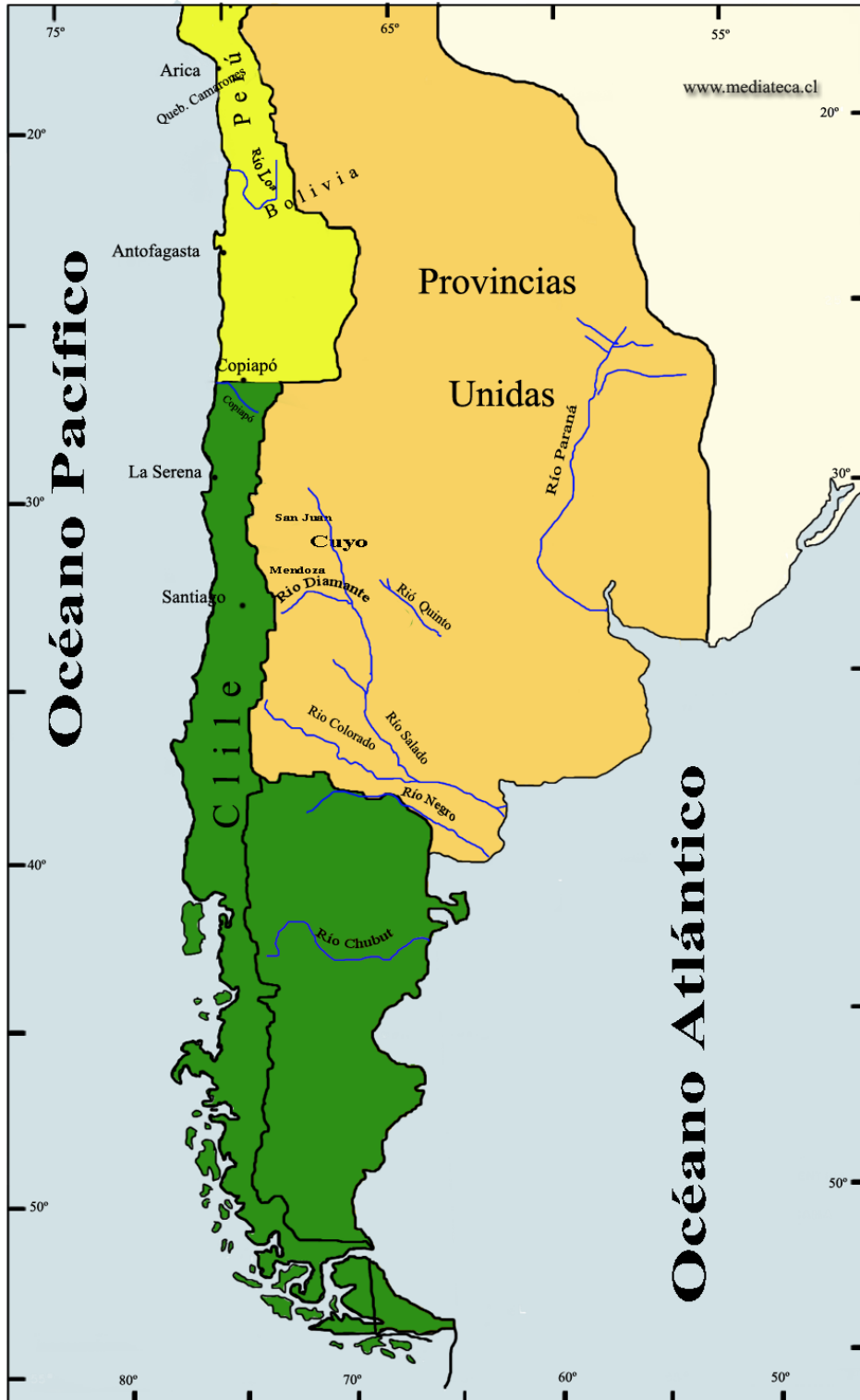
VICUÑA, Manuel. El bestiario del historiador: las biografías de “monstruos” de Benjamín Vicuña Mackenna y la identidad liberal como un bien en disputa. *Historia*, Santiago, v.41, nº 1, p.189-214, jun. 2008.

VILLALOBOS, Sergio. *Historia de los chilenos*. Vol.3. Santiago: Editorial Taurus, 2008.

WASSERMAN, Claudia. *Nações e nacionalismo na América Latina*. Porto Alegre: Linus Editores, 2013.

Anexo I

Desarrollo de los límites de Chile entre 1810-1866



Anexo II





MERCURIO DE VALPARAISO

PERIODICO MERCANTIL Y POLITICO.

NUM. 1.

SETIEMBRE 12 DE 1827.

TOMO I

IMPRESA DE WELLS Y SILVA.

Saldrá á luz, por ahora, solo dos veces cada semana, los dias miercoles y sabados, ó sus inmediatos, cuando en los designados recayere festividad.—Los SS. que gusten suscribirse lo podrán hacer en esta imprenta, en la oficina de don José Maria Alamos, y en el almacén de los SS. Alsep, Welmore y Cryder; y en Santiago en la esquina de don Antonio Ramos, donde se pagará adelantada; el precio de la suscripcion es 12 reales por 13 pliegos. Recibirán los ejemplares en sus casas, los que fueren vecinos de esta ciudad, ó por la estafeta, libres de porte y con la mayor puntualidad, los de fuera.

SE INSERTARAN todos los avisos que se nos dirijan con este fin, aunque sean en cualquier idioma extranjero.

EL MERCURIO.

FUE ó no, ultrajante al honor y dignidad nacional, la escandalosa y horrible escena que presentamos la noche del 9 del corriente?

Es la importante cuestion, que, en nuestro concepto, va á quedar definitivamente resuelta, con solo la sencilla é imparcial relacion de los hechos que presentamos a la consideracion de nuestros compatriotas.

HECHOS.

1.º El Comandante de la guardia del teatro es asesinado, en su mismo puesto, por un oficial de la marina britanica.

2.º Una partida de tropa inglesa desembarca y principia á abanzar sobre la poblacion.

3.º Segundo desembarque de la misma, en aptitud mas hostil.

Si los hechos precedentes son incuestionables, por que fueron presenciados por la mitad de Valparaiso; su pormenor no hará mas que reagrabar la criminalidad de ellos, por el modo, lugar y circunstancias en que se efectuaron.

Antes de principiar este prolijo detalle, permitasenos protestar, que no somos impelidos á escribir por el innoble deseo de promover fútiles odios y escitar á una venganza, que habria sido mui facil conseguir en el acto mismo de la ofensa, y que contribuimos a evitar. No se crea tampoco que pretendemos disculparnos para con aquellos a quienes pueda desagradar el contenido de este articulo: nuestro unico objeto es el de obtener una justa reparacion de los ultrajes inferidos a la nacion; y no cesaremos de clamar por esto, mientras no tengamos la satisfaccion de conseguirlo.

DETALLE DE LOS HECHOS.

Iva á principiarse el cuarto acto de la sublime tragedia, cuya bien desempeñada representacion habia fijado la atencion de todos los espectadores que se disponian á compadecer la injusta muerte del virtuoso Juan de Calaz, y la desgraciada situacion de su infeliz familia; cuando inopinadamente es substituida aquella tierna y friste escena, por la escandalosa y horrible que tuvimos el pesar de presenciar.

Mr. Fallarton oficial de la marina de S. M. B., con un tono insolente y amenazador, manda á un ciudadano que se levante del asiento que ocupaba para colocarse él: este contesta negandose á obedecerle, como era natural, pero en sus espresiones no se separó de la moderacion y decencia debida al lugar: Fallarton le replica á puñadas, sacando y preparando al mismo tiempo una pistola con la cual lo habria asesinado, si felizmente no se hubieran interpuesto al acto de dispararla, el comandante de serenos, y el capitán de artilleria don Pedro Gazitua.

El desorden, entretanto, se propagaba con la mayor rapidez: era ya indispensable ocurrir á medidas vigorosas para tratar de sofocarlo. Entonces el mayor de plaza ordena la prision del delincuente, y dos soldados destinados al efecto, son obligados á retirarse arreados por los repetidos gritos de—fuera tropa, fuera tropa. Se encarga de nuevo la ejecucion de la orden al comandante de la guardia, sargento de artilleria José Maria Muñoz, quien apenas se aprocsima al criminal para intimarsela, cuando éste lo asesina de un pistoletazo. El asesinato aumenta mas y mas el desorden: á su favor logra escaparse el asesino, y como nadie lo conocia, ni menos lo habian visto fugar, se creyó que fuese uno de los cuatro ó seis compañeros suyos que aun permanecian alli despues del hecho; se prende por consiguiente á estos, cuyo acto restableció una parte del orden.

En este estado se hallaban las cosas cuando llegó al Sor. Gobernador militar, y en seguida los SS. Consul ingles, y comandante de la fragata Doris, con el objeto de informarse bien de todo lo acaecido; y sabida por el último la prision de algunos de sus oficiales, reclamó la libertad de ellos al primero, quien espidió

desde luego las ordenes consiguientes.

Todo parecia concluido ya, y solo se notaba algun descontento en el pueblo, que opinaba haber terminado este negocio de una manera indecorosa y humillante á la nacion. Se hacian algunas observaciones sobre el particular, por varios ciudadanos, al Sor. Gobernador, cuando el desembarque de la tropa inglesa, y sus movimientos dirigidos á cortar la nuestra que se retiraba del teatro á su cuartel; dispiertan el antiguo y bien acreditado coraje de los hijos de Arauco; y en el momento un grito general de alarma se oyó sonar de un extremo al otro de la Ciudad. Los señores, comisario de guerra y marifa, don Victorino Garrido, don Joaquin Ramirez y otros, vuelan al cuartel de artilleria, armados y municionan la tropa y ciudadanos; y en pocos momentos todo estaba del mejor modo preparado para conservar la independencia nacional, y cubrir de terror y verguenza á los incantos que tuviesen la temeraria arrogancia de provocar nuestro denuedo.

Un cuarto de hora despues, se reembarca la tropa inglesa, y el Sor. gobernador comunica sus ordenes para que se retire la nuestra, y se recoja el armamento distribuido al pueblo: todo se ejecutó con puntualidad, y sin embargo de que los ingleses hicieron un nuevo desembarco en aptitud aun mas hostil que el primero, desde las dos de la mañana hasta el dia no hubo la menor novedad.

COMUNICADO.

Sr. Mercurio.

Si V. tiene la bondad de dar un lugar en sus columnas á las cuatro líneas siguientes, le quedará muy reconocido S. S.—*El amigo de la impunidad.*

El dia 13 del corriente, dará la vela la corveta de guerra de S. M. B. Jasieur, con destino al Janciro; y se le aconseja al comandante de la fragata de guerra de la misma nacion, Sir John Sinclair, que remita en aquella al oficial, John Fallarton, que asesinó en su mismo puesto al comandante de la guardia del teatro; y que de acuerdo con su Consul Mr. R. Nugent, satisfagan á los atentados cometidos contra el honor nacional, en la noche del domingo 9 del presente, con el pretexto de haber fugado el criminal.

[OTRO.]

Mi amigo Mercurio—

HONREME V con un lugarcito en sus paginas y le quedará reconocido—*El celo por la inviolabilidad de la independencia nacional.*

Se me ha asegurado que el dia siguiente de los atentados horribles con que fue impunemente hollada la dignidad nacional, los señores consul de la Gran Bretana y comandante de la fragata de guerra Doris de la misma nacion, pasaron á casa del Señor gobernador Lastra con el objeto de darle una satisfaccion; la que fue reducida á asegurarle que, el oficial ingles, que asesinó al comandante de la guardia del teatro, estaba preso abordo de la espresada, y que alli permanecería interin se le formaba en tierra su causa, conforme á las leyes del pais; que el segundo le protestó no haber dado orden para el desembarco de la tropa &c. Se pregunta al Señor Comandante, ¿por qué resistia ordenar el reembarque de sus soldados

cuando el gobernador se lo suplicaba, pudiendo mandarselo? ¿Por qué dijo al Señor Consul que, “habia celebrado infinito la puntualidad y brevedad del primer teniente, en mandai la tropa armada á tierra, en menos de 10 minutos?” Anadiendo, “que por su actividad merecia se le diesen las gracias?” ¿Por qué se hicieron señales de prepararse á combate, desde la Doris á las otras dos corvetas inglesas? ¿Por qué inmediatamente que desembarcó la tropa, desembainó su espada? Bien podria hacer otras cuatro mil preguntas, y * * * * *; mas por ahora me abstendré, reservandome continuar ó no, en adelante; segun el modo mas ó menos satisfactorio con que se conteste á los anteriores.—SOI DE V. AFECTISIMO.

[OTRO.]

VALPARAISO, el pueblo constante en el reclamo de sus derechos, no dejará de oír con placer la estension del hermoso sistema que con tanta energia habia proclamado. Desde ahora debe felicitar á las provincias Argentinas que han acertado con su sabiduria en la eleccion del sistema federal, único capaz de terminar todas sus antiguas diferencias, de un modo sólido y permanente; y única garantia de las instituciones que muy en breve elevarán á aquella nacion al eminente grado de prosperidad. Este es el golpe mas terrible contra esa testa coronada que ecsiste en América, y un augureo feliz de los triunfos Argentinos.

Parece que ya se desenvuelven en todo el continente Americano el germen precioso de la libertad. Colombia agitada y cansada ya de sufrir el yugo ominoso que le imponia su fementido heroe, renueva aquellos primeros gritos que al tiempo de constituirse resonaron en la sala del Congreso nacional, apellidando el federalismo de las provincias. Goatemala, no habiendo acertado en los principios en que debia estribar su constitucion, dejó un inmenso campo, no solo á la libertad, sino á la licencia. De aqui unos funestos movimientos han perturbado un tanto su felicidad; pero las últimas noticias nos hacen ver, quedan ya pacificadas y convenidas todas las dificultades, modificando en una pequeña parte su constitucion federal.

Méjico, á quien la maledicencia de nuestros escritores ha querido atribuir disensiones interiores, y desorganizacion en su sistema; aparece poderoso é imponente, desmintiendo todo cuanto pueda eclipsar sus glorias. El lenguaje divino con que el presidente Victoria hace ver al Congreso, en su receso, los adelantamientos y marcha feliz de aquella república, embelesan á todos los admiradores de aquel orden, de aquella magestad, y de aquel patriotismo precursor infalible de sus altos destinos. El Perú victorioso por su emancipacion de la servidumbre en que se le habia constituido, oye ya con agrado las voces de la federacion. El ex-ministro Pando en un elocuente papel, opina que no conviniendo por ahora el sistema federal á aquella república, debe gobernarse por el central. Y cuando en la pluma que servia á los designios de Bolivar, se ven tales espresiones, ¿cuanto serán las de los pueblos que desean una constitucion que asegure eternamente su libertad, y que tenga las garantias de todas sus provincias y no la peligrosa de un hombre solo que puede trastornarla en el momento que lo intente?

Bolivia, (¡pobres pueblos, oprimidos por un sistema militar, y un gobierno heroico!) No os oprimen

mo se percibe, de la tortuosa senda que seguíamos, se dedique el gobierno con empeño a la erección y fomento de aquellos de primera necesidad, y en que mas conocidamente esté cifrada la prosperidad y gloria de la Republica.

Creo pues de preferencia invitar á VV. á que por medio de su distinguido periodico promovamos la creacion de una academia nautica en esta ciudad, como uno de los objetos mas precisos y accequibles, bajo cualquier aspecto que se mire. El Perú, Colombia, y Mejico, aun en medio de sus convulsiones politicas, supieron formarlas del modo mas sistemado, y hoy estan recogiendo con placer los preciosos frutos que con una rapidez increíble han producido. Esta ultima Republica, no solo ha fijado su atencion en la Academia nautica, sino que con un espíritu ilustrado y generoso se ha procurado un Observatorio Astronomico, cual se puede desear. ¿Y será posible que Chile, destinado por la naturaleza á ser el pais mas comercial de Sud-América, carezca del establecimiento que debe poner á sus hijos en aptitud de fomentar su comercio, su credito y su felicidad?

¿Acaso esos otros paises son llamados mejor que éste á poseer una numerosa marina mercante? ¿Las ricas producciones de que abunda, no deben ser transportadas á otros climas, y de ellos traer en retorno las que nos hacen falta? Y sobre todo ¿quien duda que la principal y mas respetable fuerza, con que en todo caso debemos contar para la proteccion del comercio y seguridad de la Republica, es la marina de guerra? Aun en la hipotesis de que ésta no constituya nuestra defenza en las presentes circunstancias, es urgente que se formen hombres para lo futuro, pues no se podrá negar que entonces será utilísima y necesaria en todos respectos. Servida por chilenos, dispuestos siempre á hacer los mas grandes sacrificios en obsequio de su propia patria, tendremos fijamente dobles motivos de gloria, de seguridad, de verdadero entusiasmo, y de acrisolado espíritu publico. Ellos serán ocupados con ventaja, darán lustre á su nacion entre las extranjeras, se estimularán con su ejemplo, cultivarán sus despejados talentos, y en fin serán el firme sostén de la independencia.

Toda la juventud chilena clama porque se plantee una Academia nautica, y muy en particular la de esta ciudad que tiene una fuerte tendencia por la marina. Dos ó tres jovenes se han contraído espontaneamente á estudiar, de cuatro ó cinco meses á la fecha; han desplegado las mejores disposiciones, y sin duda saldrán bien pronto escelentes nauticos. Hay muchisimos que como éstos aspiran por lo mismo, y su escasez no les permite subvenir á los gastos que demanda la enseñanza. ¿Porque,

pues, no se aprovecha el gobierno de estas favorables disposiciones? ¿Por qué no satisfacer con mano franca estos deseos, y creando ese establecimiento, dar pabulo á la ilustracion en beneficio general de los chilenos? Se dirá talvez que no lo permiten las apuradas circunstancias del Erario; que su deficiencia es tanta, que no hay ni para los mas precisos gastos: pero yo digo que no es así, que para todo alcanza, y que lo que únicamente falta es la buena distribucion de las entradas, y el buen manejo. Vease la siguiente apuntacion y se verá en conocimiento de que los costos que origina la Academia en su formacion son esencialmente moderados:

Cuatro mesas de 2 varas largo, y 1 1-4 ancho	24
Ocho bancos para las mesas	12
Una pisarra de vara en cuadro charolada	4
Cuatro reglas surtidas	1
Un estuche de matemáticas	6
Dos ejemplares de la obra de Ciscar	18
Uno id. de las tablas de Gardiñer ó Callet	4

Este, pues, es el gasto que por una sola vez se tiene que hacer, en la Academia Nautica. Entremos ahora á manifestar los que periódicamente esige.

Un preceptor de suficientes conocimientos, con la dotacion de 1000 pesos anuales, dirigirá con buen suceso este establecimiento; y podrán salir cada dos años cuatro meses, veinte jovenes perfectamente profesores.

En los útiles precisos, como papel, tinta, lápices, tiza y demas, deberán entrar á lo sumo 50 pesos por año.

El costo de la casa en que se plantee vendrá á ser casi ninguno, porque se podrá hacer uso de una de las muchas que en esta ciudad tiene el Estado y que antes pertenecian á los Regulares. En tal caso servirá las mas pequeña, y que cuando mas deje actualmente en arriendo 136 ps anuales.

Resulta por esta clara demostracion que en el utilísimo establecimiento de una Academia nautica que honre á la nacion, apenas se alcanzan á invertir 1176 ps. todos los años, fuera de los 69, que se emplearán en una sola vez. Que el supremo gobierno carezca de advitrios para atenderla, en la presente favorable variacion de los ingresos, es una quimera como dejamos espuesto que no tiene lugar entre los hombres sensatos. Luego se halla en el caso de ocuparse con preferencia de este objeto, y no atormentar nuestros oidos con ese idioma fastidioso de esaustes de erario, falta de fondos.

Quiera la suerte SS. Editores que el gobierno tenga presente estos borrones, y se cumplan en un todo nuestros fervientes votos.

Entretanto, tengo el placer de saludar á VV. y de repetirle su siempre invariable.

EL PESCADOR.